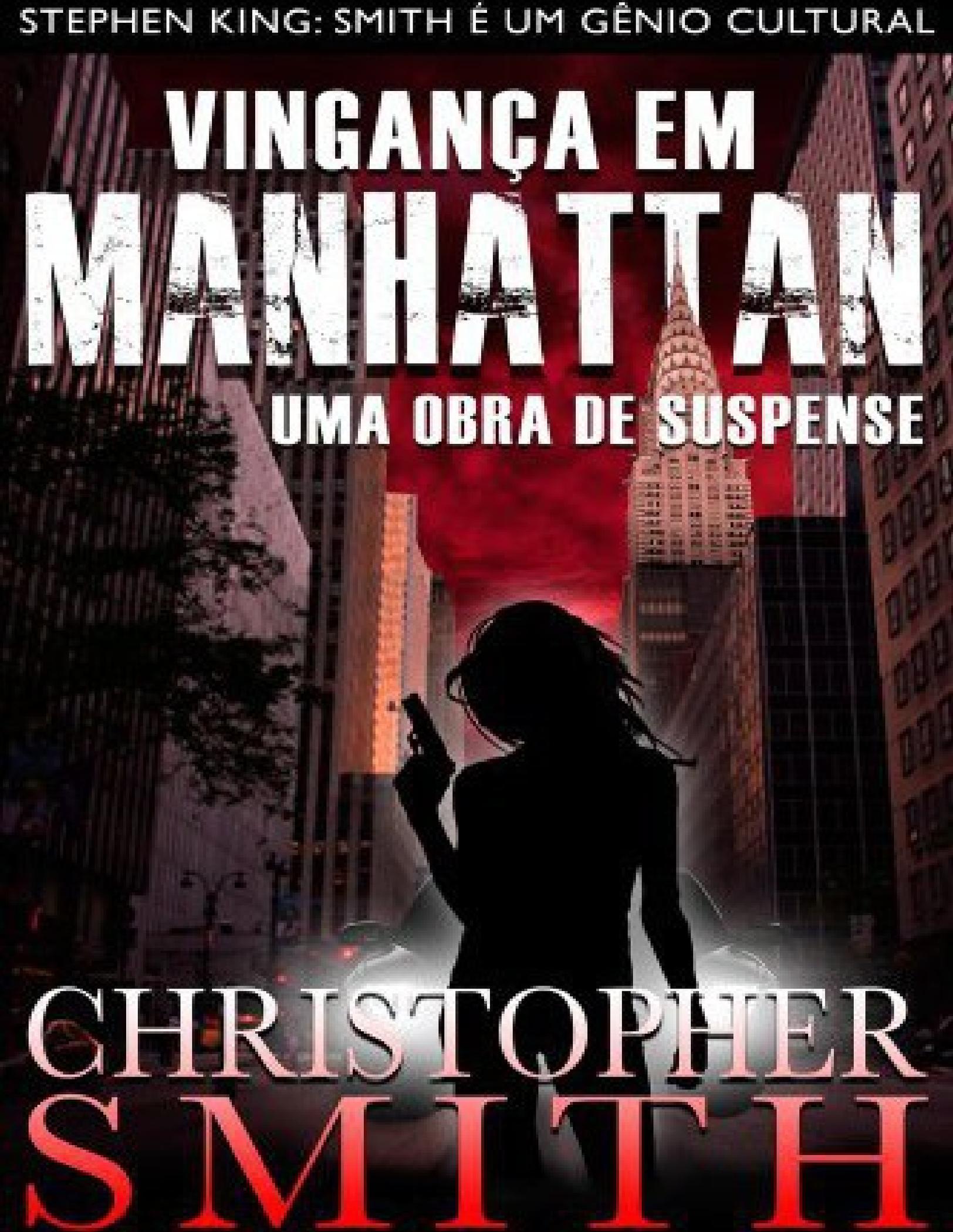


STEPHEN KING: SMITH É UM GÊNIO CULTURAL

VINGANÇA EM MANHATTAN

UMA OBRA DE SUSPENSE

A dark, atmospheric photograph of a Manhattan street at night. The Chrysler Building is the central focus, illuminated against a dark sky. In the foreground, the silhouette of a woman is seen from the back, holding a handgun. The overall mood is mysterious and suspenseful.

CHRISTOPHER
SMITH

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

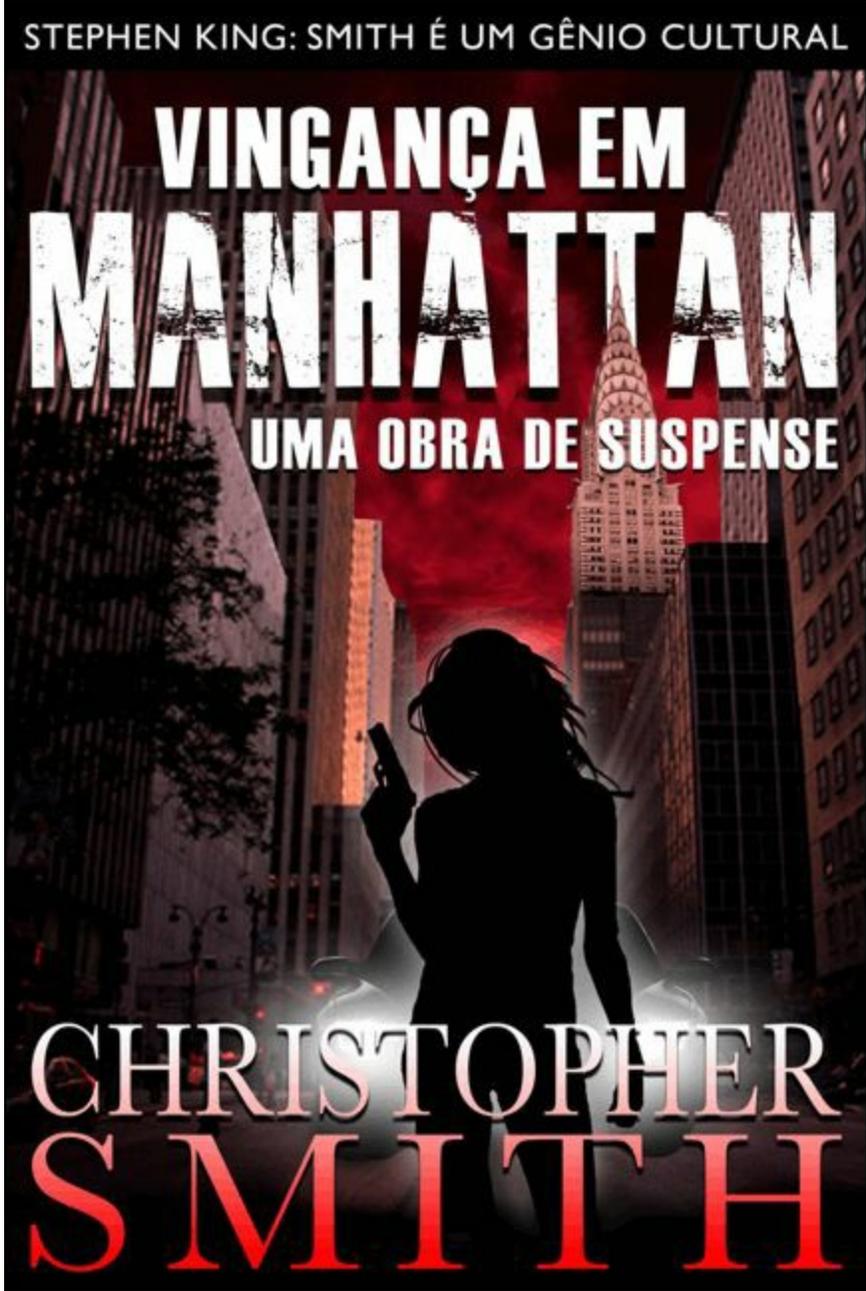
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



STEPHEN KING: SMITH É UM GÊNIO CULTURAL

VINGANÇA EM MANHATTAN

UMA OBRA DE SUSPENSE



CHRISTOPHER
SMITH

Para os meus leitores.
Obrigado.

Direitos Autorais e Aviso Legal: esta publicação está protegida pelo Ato de Direitos Autorais dos EUA de 1976 e por todas as outras leis internacionais, federais, estaduais e locais aplicáveis, e todos os direitos são reservados, incluindo os direitos de revenda.

Quaisquer marcas registradas, marcas de serviço, nomes de produtos ou características nomeadas presumem-se ser de propriedade de seus respectivos donos e são usados somente como referência. Não há endosso implícito em caso de uso de nenhum desses termos. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma por qualquer meio eletrônico ou mecânico (inclusive fotocópia, gravação ou armazenamento e recuperação de informações) sem permissão por escrito do autor.

Primeira edição do e-book © 2012.

Para obter todas as permissões, entre em contato com o autor em:

<mailto:ChristopherSmithBooks@gmail.com>

Isenção de Responsabilidade: este é um trabalho de ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas (a não ser que explicitamente mencionado) é mera coincidência. Copyright © 2012 Christopher Smith. Todos os direitos reservados no mundo todo.

<http://www.christophersmithbooks.com>

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Agradecimentos

Por sua ajuda com este livro, o autor é particularmente grato a Erich Kaiser; aos pais dele, Ross Smith e Ann Smith; a Reese Inman; a Margaret Nagle; a Kate Cady; a J. Carson Black; à equipe em Odyll; a Diane Cormier; a Lisa Smith; e a seu incrível contador e conselheiro financeiro, Jaime Berube. A todos vocês, meus agradecimentos.

O autor também gostaria de agradecer aos seus leitores, que são o sangue vital de seu trabalho. Obrigado por sua paciência e o seu apoio. Vocês são o primeiro e o último motivo para todas as primeiras horas da manhã e as horas tardias da noite. Vejo vocês no [Facebook](#).

Agradecimentos adicionais à equipe da Amazon; aos amigos Ted Adams e Bari Khan por o apresentarem ao lado sombrio de Manhattan, mesmo sem saber, na época, que o estavam fazendo; aos homens e mulheres sem nome que apresentaram o autor à verdadeira Manhattan enquanto ele pesquisava para o livro; e aos amigos, velhos e novos, que ajudaram a moldar este livro ou ofereceram apoio enquanto ele era escrito.

Obrigado.

**Livros de Christopher Smith
no Kindle**

[Quinta Avenida \(Livro Um da Série Quinta Avenida\)](#)

[Corrida de Touros \(Livro Dois da Série Quinta Avenida\)](#)

[De Manhattan, com Amor \(Novela Três da Série Quinta Avenida\)](#)

[A Rush to Violence \(Livro Quatro da Série Quinta Avenida\)](#)

[Vingança Em Manhattan \(Livro Cinco da Série Quinta Avenida\)](#)

[Park Avenue \(Livro Seis da Série Quinta Avenida\)](#)

[You Only Die Twice](#)

[Coleção da Série Quinta Avenida](#)

ÍNDICE

LIVRO UM

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

LIVRO DOIS

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

VINGANÇA EM MANHATTAN

De Christopher Smith

LIVRO UM

CAPÍTULO 1

Ela estava sendo seguida. Tinha consciência disso. E estava preparada para reagir quando agissem.

Se tiverem a oportunidade.

Era noite em Manhattan. Passava das onze. Mais cedo, tentara dormir, mas como o sono não vinha tão facilmente como antes, ela estava caminhando pela Quinta Avenida, pois, na rua, a cidade oferecia distrações das quais precisava agora.

O Parque estava próximo. A brisa fria do outono carregava os odores da cidade: o escapamento dos táxis que passavam à sua esquerda, a podridão das folhagens úmidas à direita e uma friagem que não estivera nessa mistura quando ela estivera aqui há três semanas.

O inverno se aproximava. Estava bem atrás dela, como o som daqueles sapatos que acompanhavam os seus passos enquanto andava pela calçada.

Carmen Gragera escutou aqueles sapatos. Ela tomara ciência deles quando saíra da Rua Oitenta e Um e entrara na Quinta Avenida, onde tinha um apartamento. Em algum momento, ela sabia que a encontrariam, especialmente desde que voltara para a cidade.

O que eles não sabiam era que ela também voltara para pegá-los. Ela voltara a Manhattan havia três dias, depois de enterrar o

assassino que era seu companheiro e amante, Alex Williams, em Bora Bora, onde ele fora morto enquanto estavam de férias. Lá, eles fizeram planos para largar suas vidas profissionais como assassinos para que pudessem ficar juntos em um paraíso tropical que oferecia uma medida de segurança, já que a ilha era completamente remota.

Mas o assassinato dele e o incêndio de sua casa eram provas de que isso não aconteceria. Por motivos que ainda não eram claros, o consórcio para o qual ela e Alex trabalhavam matara Alex e tentara matá-la. Carmen conseguira escapar, mas agora estavam atrás dela.

Afinal de contas, o som daqueles sapatos não mentia.

Ela podia dizer, pelo bater resolutivo dos sapatos no chão, que pertenciam a um homem. Quando ele agiria? Ela não sabia, mas tinha no bolso do casaco a Glock, com a mão em torno dela, pronta para usá-la, se necessário.

A não ser que ele atirasse nela pelas costas, o que era possível, mas que seria uma burrice da parte dele, já que estavam na Quinta, cheia de carros.

Ela podia senti-lo às suas costas. Os passos estavam se aproximando. Ela manteve o passo firme, o corpo relaxado. Quinze metros. Doze. Reduzindo a distância e fazendo-o de forma tão óbvia, que era quase amadora. Por que ele estava se denunciando desse jeito?

Ele provavelmente estava a cerca de seis metros quando ela se aproximou da Rua Setenta e Sete. O sinal estava vermelho e havia uma fila de táxis esperando que abrisse. Ela deveria pegar um deles? Havia vários livres. Mas, se o sinal não mudasse rapidamente, talvez ele fosse descarado o suficiente para aproximar-se do táxi e atirar nela. Porque, se não o fizesse, perderia a oportunidade e desapontaria quem o contratara.

Melhor continuar andando.

Ela olhou para a calçada, o mais longe possível, e viu outras pessoas caminhando em sua direção. A área era bem iluminada, clara o suficiente para não ocultar um assassinato, a não ser que o homem que a seguia estivesse determinado a matá-la. Novamente possível, mas, novamente, burrice. Mas quem sabe quais eram suas ordens? Quem sabe ele fosse jovem e ingênuo o suficiente para acreditar que conseguiria sair impune? Se fosse, ela estava pronta.

De fato, quando o sinal ficou verde e o trânsito começou a se mover, ela decidiu que não aguentava mais. Parou e o enfrentou.

Ele também parou. Os olhos deles se encontraram. Ele não era o jovem que ela esperara. Em vez disso, parecia ter quase quarenta anos, era alto, cabelos castanhos, bem apessoado. Usava um sobretudo preto para aplacar o frio e para esconder o que estivesse carregando.

— Carmen Gragera? — perguntou ele.

Ela olhou para as mãos deles e não disse nada. Um casal passou por eles, a cabeça dela no ombro dele. Carmen sentiu o perfume de flores que a mulher deixou ao passar.

— Você e eu precisamos conversar — disse ele. — Sou um amigo de Alex Williams.

— Esse foi o seu primeiro erro — disse ela. — Alex não tinha amigos.

Ele cerrou as sobrancelhas. — O que a faz pensar isso?

— Talvez queira dizer que eram colegas?

— Não foi o que eu quis dizer. Eu era amigo dele. Desde a infância.

— Então você conhece Alex bem. Onde ele cresceu?

— Indianápolis.

Qualquer um poderia saber disso. Mas somente os mais próximos a Alex saberiam o que ela estava prestes a perguntar. Durante as duas últimas semanas que passaram juntos, quando conversaram livremente sobre suas vidas particulares, ele levantou o tópico que mais o assombrava. Era algo que ele dissera que nunca superaria. Não por ele e nem por sua família.

— Qual era o maior arrependimento de Alex?

— Havia algumas coisas.

— Por que não tenta uma delas?

— Talvez eu devesse começar pela família dele?

— Se quiser.

— Ok, então você quer a mais óbvia. Alex se arrependia de não estar presente quando o pai morreu. Ele teve a oportunidade de entrar em um avião e passar um tempo com o pai, mas, em vez disso, decidiu aceitar outro trabalho. Pensou que o pai teria mais tempo, mas estava errado. O pai dele morreu quando Alex estava

longe. Alex se arrependia disso e, quando me perguntou se eu concordava que fora um erro, disse a ele que sim. Ele devia ter estado lá.

Era a resposta correta. Ele aproximou-se um passo, ela recuou um passo. *Observe as mãos dele.*

- Não estou aqui para machucá-la.
- Mesmo que estivesse, eu o mataria primeiro.
- Estou aqui para ajudá-la.
- Como?

– Eu trabalho para Katzev. – Ele ergueu as sobrancelhas, como se estivesse se divertindo. – Na verdade, apague isso. Eu *trabalhava* para Katzev. Agora, ele me quer morto, do mesmo jeito como a quer morta. Se conversarmos francamente, talvez possamos nos ajudar. Acho que seria uma boa ideia.

- Como sei que não está trabalhando para ele agora?
- Não sabe.
- Isso é muito animador. Tire as mãos dos bolsos.

Ele o fez.

- Quem é você?

Ele olhou em torno. – Deveríamos pegar um táxi – disse ele. – Direi tudo o que quiser saber dentro dele. Nesse exato momento, estamos muito expostos.

- Não consegue lidar com isso?
- Depois do que aconteceu ontem à noite, admito que estou apreensivo.

- O que aconteceu ontem à noite?
- Vieram atrás de mim. Tenho sorte de estar vivo.
- O que me faz pensar no tamanho da minha sorte.

Ele não respondeu.

– Como me encontrou?

– Quer a versão mais básica, Carmen? Usei meus contatos. Você foi vista no LaGuardia. Seguiram-na até seu apartamento na Quinta com a Oitenta e Um. Pronto.

- Mentira, eu não fui seguida.
- Lamento, mas foi sim.
- Ninguém me seguiu, eu saberia.
- Aparentemente, não soube, porque foi seguida. Como você e

Alex foram seguidos até Bora Bora. — Ele fez uma pausa. — E você também sabia disso. Certo?

Obviamente, ela não sabia. Ponto para ele.

— Recebi um telefonema de Alex pouco antes da morte dele. Foi logo antes de vocês irem para a ilha. Ele me disse que estava apaixonado por você, o que me deixou preocupado. Você tem a reputação de ser arrogante. Eu disse a ele para ficar longe de você.

— Quem dera ele tivesse se afastado. Estaria vivo agora.

— Isso nunca saberemos. Só o que sabemos é que você e Alex eram alvos, e agora eu também sou. Por quê?

— Eu não sei.

— Então talvez devêssemos nos ajudar e descobrir antes que nos matem.

— Qual é o seu nome?

Ele não respondeu.

Ela suspirou. — Então, como devo chamá-lo?

— Jake.

— Jake?

— Tem um nome melhor?

— Eu sou Carmen Gragera — disse ela. — Mas você já sabe disso. Você será Jake, por enquanto. Quando achar que pode me contar a verdade e que seu nome é Hamlich, ou pior, provavelmente estaremos em melhores termos. Por enquanto, você é Jake. — Ela acenou com a cabeça para a rua. — Então, Jake, vamos pegar um táxi para que possa me contar tudo o que preciso saber. Estou ansiosa.

CAPÍTULO 2

No táxi, disseram à motorista que eram novos na cidade e que só queriam passear e aproveitar a noite. A motorista, uma senhora de meia idade com cabelos pretos presos em uma trança grossa, ficou feliz em atendê-los.

- Mostrarei o roteiro completo – disse ela.
- Perfeito – disse Carmen. – Pode pôr uma música?
- De que tipo?
- De dançar?
- É claro.
- Obrigada.

A motorista aumentou o volume e eles começaram a percorrer a Quinta Avenida. O tum, tum, tum da música estava alto o suficiente para esconder as vozes deles. Levaria algum tempo até que confiasse nesse tal de Jake, mas as mãos dele estavam de volta nos bolsos e ele estivera certo sobre o principal arrependimento de Alex. A mão dela ainda estava em torno da arma. Ela estava pronta para agir se, em algum momento, achasse que ele era uma fraude. Ainda assim, tivera que dar uma chance a ele porque, se fosse legítimo, talvez tivesse informações que ela poderia usar.

- Por quanto tempo trabalhou para o consórcio? – perguntou ela, mantendo a voz baixa.
- Três anos.
- Quantos trabalhos?
- Uma dúzia? Quinze?
- Não sabe com certeza?
- Trabalho para mais de uma organização.
- E quem não trabalha? Nos últimos sete anos, fiz vinte e dois trabalhos para eles. Então, vou perguntar de novo. Quantos?

Ele pensou por um momento. – Depois da semana passada, quatorze.

- Quem foi na semana passada?
- Foram dois. Diretores da Light Corp.
- Como o fez?
- Katzev me disse para atirar na cabeça deles.

Até onde Carmen sabia, antes da morte dele, Jean-Georges Laurent era o ex-diretor não oficial de um consórcio sobre o qual ela sabia muito pouco, que era como eles queriam que fosse. Ele tentara fazer com que ela e Alex matassem um ao outro, mas não dera certo. Eles descobriram e, para azar de Laurent, foram atrás dele e dispararam algumas balas no rosto dele.

- Você encontrou Katzev alguma vez?
- Nunca. E você?

Ela balançou a cabeça. Apesar de Laurent ser seu principal contato no consórcio, ela frequentemente falava diretamente com a pessoa que achava que era a segunda em comando: Katzev. Com Laurent morto, Carmen presumia que Katzev agora liderava o consórcio. – Só conversamos usando *e-mails* criptografados e celulares por satélite, que não são rastreáveis. E duvido que o nome dele seja Katzev.

- Talvez seja Hamlich.

Carmen ignorou a piada. Ela não conhecia esse homem e, certamente, não sabia se podia confiar nele. Estava disposta a ouvir o que ele tinha a dizer, mas não sem sua arma treinada de prontidão. – O que aconteceu ontem à noite?

- Dois homens vieram atrás de mim.
- Detalhes?

– Eu estava jantando no Gowanus, no Brooklyn. Vou ao mesmo restaurante há anos. É um buraco, mas gosto de lá porque a comida é boa, fica em uma esquina e é obscuro. Ele se mistura em uma rua cheia de *sex shops* e espeluncas similares.

- Parece perfeito.
- Para pessoas como nós, ele é mesmo.
- Eu estava falando sério.

– A disposição das mesas é boa – disse ele. – Você pode sentar no fundo do restaurante, virado para a porta de vidro da frente e ficar de olho nela. Eu estava de olho nela. Dois homens entraram pela porta duas vezes durante a hora em que estive sentado lá.

Reconheci um deles. Fiz um trabalho com ele uma vez para Katzev. Eu sabia o que acontecera com você e Alex, então imaginei o que estava por vir. Pedi mais um café e esperei a noite cair. Quando estava escuro, aproximei-me de um dos donos, que me conhece, pois frequento o lugar. Perguntei se havia outra saída. Sem pensar duas vezes, ele me levou a uma porta lateral, sem fazer perguntas. A porta levava a uma rua lateral. Com a exceção de alguns pedestres, ela é meio morta. Esse foi outro motivo pelo qual gostei dela. Quando saí, o homem que não reconheci estava na calçada fumando. Ele ficou assustado ao me ver, mas, antes que pudesse largar o cigarro e pegar a arma, coloquei os braços em torno do peito dele e o esmaguei. Foi rápido. Eu o abaixei até o chão, contra um carro. Ele não parecia morto, e sim desmaiado. O dono assistiu a tudo. Quando terminei, olhei para ele, que deu de ombros e perguntou: "Café?". Eu recusei.

— E o outro homem?

— Esse foi o desafio.

— Como assim?

— Ele veio atrás de mim. Era mais jovem e mais rápido. Na verdade, era muito rápido. Corremos vários quarteirões antes que eu tivesse a oportunidade de atravessar o trânsito pesado. Tive sorte e cheguei do outro lado. Ele teve azar e foi atropelado por um caminhão. Fim da história, pelo menos da noite passada. Há mais por vir. Não só para mim, mas para você também.

— Você sabe que posso verificar a morte dele.

— Espero que o faça. Precisamos nos entender, Carmen. Preciso que confie em mim antes que nos alcancem. Ou posso simplesmente partir e cuidaremos disso cada um por si. Você é quem sabe. Mas há algumas vantagens em unir forças e descobrir por que isso está acontecendo. Por que nos querem mortos? Por que mataram Alex? Devemos saber algo que não querem que saibamos. Você tem alguma ideia do que possa ser?

— Estive espremendo o cérebro desde que fomos atacados. Não consegui pensar em nada.

— Tem alguma forma de falar com Katzev?

— *E-mails* criptografados. Celulares por satélite.

— É, eu também.

– Vamos esperá-los – disse Carmen. – Mas isso não significa que eu não possa descobrir mais sobre ele, talvez até mesmo onde mora. Ninguém está completamente seguro ou invisível. Ambos sabemos disso.

Ela olhou para o relógio, viu que era quase meia-noite, e teve uma ideia. Inclinou-se para a frente e levantou a voz sobre a música. – Foi ótimo – disse ela. – A cidade é linda. Pode nos deixar no Waldorf?

– Parece romântico.

– Ouvi dizer que o bar é ótimo – disse Carmen.

CAPÍTULO 3

Quando chegaram ao Bar Peacock Alley do Waldorf Astoria, cada um pediu um martíni e um copo d'água, apesar de só tomarem a água. O drinque foi pedido para satisfazer o *barman*.

– Não vão pensar em nos procurar aqui – disse ela. – Deixe-me dar um telefonema. Volto em alguns minutos.

Ela caminhou até sair do bar, entrou à direita, desceu um corredor com elevadores de latão *art déco* em um lado e banheiros no outro, até entrar no enorme saguão.

Era quinta-feira à noite e estava tarde. As poucas cadeiras ao longo das paredes estavam vazias. Ela escolheu uma perto do enorme piano, que ficava acima dela no mezanino, e sentou-se.

Só havia uma pessoa que ela conhecia e que poderia ajudá-la com essa situação: seu colega Vincent Spocatti. Ele era o melhor no negócio, e tinha mais habilidades, instintos e contatos que qualquer outra pessoa que conhecia. Depois de trabalharem juntos há um ano na Wall Street, esperava que ele não se importasse com o telefonema dela agora.

Ela encontrou o número dele no celular e discou.

Se havia alguém que saberia algo sobre Katzev, como ela poderia chegar perto dele ou descobrir onde morava, era Spocatti. E, se ele não soubesse, provavelmente conheceria alguém que saberia.

– Carmen – disse ele ao atender. – Que surpresa você me telefonar. Que conclusão devo tirar disso?

– Que estou encrocada.

– Ouvi falar de Alex – disse ele. – Sinto muito. Eu gostava dele. E ouvi dizer que você também.

Ela não respondeu.

– Onde está agora?

– Em um hotel em Manhattan. Você?

– Atrás de cortinas em uma casa em Capri.

– Entendo.

– Você deveria ver a vista. É impressionante.

– Se não for uma boa hora, Vincent...

– O dono estará aqui em breve, mas temos tempo por enquanto.

Disseram que talvez ele se atrase. Do que precisa?

– Preciso que me ajude a encontrar uma pessoa. Se eu trabalhei para ele, certamente você também.

– Quem é?

– Katzev.

– O russo falso?

– Katzev não é russo?

– Escocês. Mas ele dominou o sotaque, tenho que admitir, apesar de ele ser um filho da puta. O mesmo vale para seu ex-associado, Jean-Georges Laurent, que ouvi dizer que está morto. Tiros no rosto no Four Seasons em um salão cheio de pessoas, que incluíam gente como minha velha amiga, Leana Redman. – Ele ficou em silêncio por um momento. – Atirar naquela multidão deve ter sido incrível.

– E foi.

– Por falar nisso, bom trabalho.

– Eu não estava sozinha.

– É, ouvi dizer.

– Você ouviu bastante coisa.

– Acho que estou me tornando uma espécie de guru – disse ele.

– As pessoas me contam coisas. Isso foi só uma conversa em muitas naquele dia. Não lembro quem me disse isso, então nem adianta perguntar.

Ela não pretendia. Mas apreciou a descrição dele, mesmo que isso significasse que não saberia quem contara a ele, ou por quê.

– Então, o que está havendo? – perguntou ele. – Qual é a encrenca?

Ela contou a ele.

O consórcio para quem ela e Alex trabalhavam decidira que eles deviam morrer. Ela não sabia o motivo, mas Jean-Georges Laurent quase fez com que ela e Alex matassem um ao outro. Laurent fizera isso porque achava que ela e Alex sabiam demais sobre a organização? Impossível. Ela só sabia o que ele e Katzev haviam contado, o que era mínimo.

Em um esforço para enviar uma mensagem de que ameaçá-los não adiantaria, eles mataram Laurent. E então, algumas semanas depois, Alex fora assassinado e ela quase não escapara viva.

Agora ela estava de volta a Manhattan em busca de vingança.

— As pessoas que mataram Alex — disse Spocatti. — Por que está convencida de que eram do consórcio?

— Porque matamos Laurent.

— E daí? Você e Alex mataram dúzias de pessoas em suas carreiras. Poderia ter sido qualquer um. Por que eles?

— Porque, seja qual for o motivo, Laurent nos queria mortos. Tenho certeza de que há outros que gostariam de ver isso acontecer, mas não certa de que sejam esses outros.

— Só porque você não está certa, não significa que não haja mais alguém tentando matá-la.

— Você sabe de alguma coisa, não sabe?

— Normalmente sei — disse Spocatti. — Mas não dessa vez. Deixe suas opções em aberto. Qualquer pessoa poderia estar atrás de você. De fato, várias estão. Mas, por enquanto, vamos considerar o óbvio e dizer que é Katzev e o resto do consórcio. Eles estão loucos por vingança porque você matou Laurent. Você está louca por vingança porque eles mataram Alex e quase a mataram. Como posso ajudar?

— Preciso saber onde Katzev mora.

— Não faço ideia.

— Um palpite?

— Provavelmente Manhattan. Talvez Milão. Ou pode ser Paris.

Ora, pode ser a Rússia, já que ele obviamente adora o país o suficiente para associar sua imagem a ele. Ou a Escócia, afinal, ele é escocês. O que estou dizendo é que ele pode estar em qualquer lugar. Sempre que precisei lidar com ele, foi usando uma linha segura. O trabalho me foi oferecido, negociamos o preço, recebi metade do dinheiro no dia seguinte e o resto quando terminei o trabalho. Presumo que tenha sido assim com você.

— Foi. Mas você tem conexões, Vincent. Em todos os lugares. Você deve conhecer alguém que sabe onde ele mora.

— Conheço algumas pessoas que talvez saibam, mas não posso lhe dar os nomes delas, Carmen. Não é assim que funciona e você sabe disso.

— Então deixe por conta delas — disse ela. — Pode telefonar para elas e dar o meu número? Se resolverem me ajudar, é decisão delas. Dessa forma, você não compromete ninguém. Será decisão delas telefonar e se envolver, se quiserem. Você sabe que não vou dizer nada se concordarem em me ajudar. Não é assim que *eu* trabalho.

— Eu sei que não.

— Você vai dar os telefonemas?

— Sim, vou dar os telefonemas.

— Eu agradeço, Vincent.

— Talvez não seja Katzev nem o consórcio, Carmen. Você precisa considerar todos os trabalhos que já fez. Eu sei que é uma tarefa cansativa, mas precisa fazê-lo e pensar em quem mais pode estar querendo matá-la. Você precisa descobrir como alguém subitamente a encontrou em Bora Bora, de todos os lugares, sendo que você tinha aquele lugar há anos. Depois desse tempo todo, como encontraram você? Isso tem cara de ser algo recente. Já vasculhou a vida de Alex? Ele escorregou e falou com alguém? Se falou, com quem foi? E com quem essa pessoa falou?

Ela sentiu um calafrio e olhou pelo longo corredor que levava ao bar, onde Jake a esperava. Ele mencionara que falara com Alex antes que eles partissem para a ilha. Com quem ele falou depois disso?

— Preciso ir — disse ela. — Vou levar tudo em consideração. Você vai dar os telefonemas?

— Já disse que sim.

— Eu agradeço.

— Tome cuidado, Carmen. Mantenha a mente aberta. E mantenha contato. Farei o que puder de longe.

CAPÍTULO 4

Ela se apressou pelo corredor, esperando que estivesse errada, mas sabendo que estava certa. Fez a curva e o procurou no bar. Ele desaparecera. E os drinques também. O *barman* viu o olhar dela e acenou com um pedaço de papel.

Ela não tinha tempo para isso. Precisava sair dali agora, enquanto ainda tinha uma chance, mas precisava saber o que ele escrevera, pois poderia dar alguma informação sobre o que fazer a seguir. Ela foi até o *barman*, um homem corpulento de trinta e poucos anos, cujos cabelos pretos estavam alisados para trás de forma a revelar um rosto bonito.

— Meu marido — disse ela. — Há quanto tempo ele saiu?

— Dez minutos? Ele me pediu que lhe entregasse isso.

Ela pegou o bilhete e o abriu. Cinco palavras: "Lamento. Eu não tive opção."

Ela olhou para trás, não viu nada fora do normal e virou-se novamente para o *barman*. — Por acaso viu se ele usou o telefone?

— Vi.

Então, ele telefonara. Ou alguém telefonara para ele. De qualquer forma, ele dissera a eles que ela estava aqui. Mas por quê? Se a queriam morta, ele poderia tê-la matado com um tiro há uma hora.

Porque querem pegá-la viva.

Era possível, mas por quê? Ela era parcialmente responsável pela morte de Laurent. Eles queriam fazer alguma coisa com ela antes de matá-la? Talvez Katzev quisesse matá-la pessoalmente, não seria surpresa. Ou talvez achassem que tinha informações às quais não deveria ter acesso, apesar de ela não saber o quê.

Ela precisava sair, mas não podia usar a entrada da frente. Nem mesmo a lateral. Logo, esse lugar estaria cercado, se é que já não estava.

— Seu marido disse que você tinha quinze minutos — disse o *barman*. — Não sei ao certo o que ele quis dizer com isso, mas talvez signifique alguma coisa para você.

— Significa. — Por que ele estava dando dicas? Fora forçado a fazer isso? Ou queria dar a ela uma falsa sensação de segurança? Com cinco minutos à frente, talvez ela pensasse que conseguiria sair agora e escapar deles. Quando, na realidade, a estariam esperando do lado de fora. Isso poderia ser uma armadilha. — Eu não o vi sair. Para que lado ele foi?

— Ele perguntou se podia usar a saída de serviço. Parece estranho, mas já ouvi pedidos mais estranhos. Nós o ajudamos.

Armadilha. — Entendo.

Ele fez uma pausa. Ela pôde senti-lo estudando-a. — Está em algum tipo de encrenca, senhorita?

Use-o.

— Estou.

— Que tipo de encrenca?

— Eu disse ao meu marido que o largaria hoje. Ele disse que garantiria que isso não acontecesse. Você sabe o que isso significa. Ele é violento. Já me agrediu antes e vai fazê-lo de novo.

— Há alguma coisa que posso fazer?

— Pode me colocar em um quarto?

— Você precisaria fazer o *check-in*...

— Você perguntou se podia ajudar. Preciso entrar em um quarto agora. Ele telefonou para algumas pessoas para que viessem aqui tentar me dissuadir, se é que me entende.

— Senhorita...

— É importante.

— Eu não tenho autoridade para isso.

— Então tem algum lugar onde eu possa me esconder? Um depósito? Uma sala de conferência?

— Por quanto tempo?

— Uma hora? Alguns homens virão aqui. Perguntarão a você se me viu. Preciso que diga a eles que saí no momento em que me entregou o bilhete. Se eles engrossarem, diga que chamará a polícia. Eles irão embora se disser isso. Não vão querer confusão.

— Por que não chamamos a polícia agora?

— Porque não chegarão aqui em tempo. Meu marido saiu rapidamente por um motivo. Ele usou a saída de serviço por um motivo. Esse bilhete é uma ameaça.

Ele olhou para o bilhete na mão dela, depois para o outro lado do bar, onde outro *barman* guardava copos enquanto olhava na direção deles. — Phil, preciso de um minuto, ok?

O homem olhou para Carmen e de volta para o *barman*. — Vamos fechar em quarenta e cinco, Jon.

— Eu disse um minuto, já volto.

* * *

Ele a levou para uma área atrás do bar. Eles começaram a caminhar por um corredor curto que levava a um par de portas basculantes.

— Vamos por aqui — disse ele. — Aja naturalmente.

Eles entraram na cozinha, grande e clara, com luzes brilhantes que refletiam nas mesas de aço, nas prateleiras e nos aparelhos. Carmen olhou em torno procurando câmeras no teto, mas o lugar era tão grande e Jon caminhava tão rapidamente, que ela não notou nenhuma. Ela contou seis pessoas na cozinha. Fizeram uma curva e ela viu uma sétima. Todas elas estavam limpando a cozinha para fechá-la ou preparando o serviço de café da manhã seguinte. Outra curva na cozinha. Ela estava nervosa por não ter visto câmeras, pois sabia que estavam lá.

— Ei, pessoal — disse ele. — Essa é minha namorada, a Lisa. Ela acabou de receber uma notícia ruim e precisa de um espaço para ficar sozinha. Meu turno termina em quarenta e cinco. Vocês se importam se ela ficar na escada até que eu saia?

— Achei que você fosse gay.

— Engraçado, Mac. Tudo bem, pessoal?

Todos deram de ombros.

— Obrigado.

Ele a pegou pela mão, encaminharam-se para a esquerda e empurraram outro par de portas. Abaixo, estava a escada. Fora ali

para onde levaram Jake? Ela se virou para ele e perguntou.

— Foi, mas não se preocupe com isso. A porta lá embaixo fica trancada. Ninguém pode entrar, e não acharão que você está aqui atrás. Portanto, fique aqui. Vou tentar conseguir um quarto.

— Ameace-os com a polícia quando chegarem. Faça com que saiam.

— Farei o possível.

— Obrigada — disse ela.

— Você ficará bem. Se vierem, é melhor que eu esteja atrás do bar. Volto depois.

Ele se virou para sair.

Cada porta tinha uma pequena janela quadrada que dava para a cozinha. Ao observá-lo sair, todos os olhos na cozinha viraram-se para ela. Carmen se afastou das janelas, sem acreditar que estava nessa situação.

Um simples passeio em Manhattan para arejar a cabeça tinha se transformado nisso? Ela estava pensando em como as duas últimas horas foram irreais quando o celular tocou. Ela colocou a mão no bolso do casaco e o pegou. Um número que ela não reconheceu.

Ela hesitou antes de atender. — Alô?

A voz de um homem. Suave, quase frágil. — Carmen Gragera?

Ela não respondeu.

— Está tudo bem, Carmen. Sou amigo de Vincent. Ele telefonou há um momento e me disse que você está em um aperto.

Ela fechou os olhos de alívio.

— Gostaria de ajuda? — perguntou ele.

— Sim, gostaria.

— Pode vir me encontrar agora?

— Estou no meio de uma emergência.

— Entendo. Há algo que eu possa fazer?

— Eu posso lidar com isso. Posso encontrá-lo amanhã?

— Pode ser amanhã.

— Eu agradeço.

— O prazer é meu. Sou velho, Carmen. Provavelmente pode ouvir isso na minha voz. Não saio muito de casa, mas não deixe que isso o preocupe. Eu vivo para os telefonemas de Vincent. Eles me mantêm vivo. Lembra-me de quando eu estava no topo e ainda me importo.

Diga a hora.

— Pela manhã?

— Dez?

— Perfeito.

Ele deu a ela o endereço.

— Qual é o seu nome? — perguntou ela.

A linha ficou muda.

* * *

Quando o turno terminou e o bar fechou, o *barman*, Jon, voltou. Ele parecia tenso e apreensivo, mas também controlado. Os olhos dele lembravam os de Alex, grandes e azuis. Inteligentes e intensos.

— Eles apareceram? — perguntou ela.

— Sim, eles apareceram.

— Quantos?

— Quatro.

— O que aconteceu?

— Perguntaram por você. Eu disse a eles que você tinha ido embora. Eles disseram que isso era impossível. Eu disse que você voltou cinco minutos depois que seu marido saiu e que provavelmente fora atrás dele.

— E eles acreditaram?

— Não sei, mas eles foram embora. E consegui isso para você. — Ele entregou um cartão a ela. Era a chave de um quarto. — Siga-me.

* * *

— Usaremos os elevadores de serviço — disse ele ao passarem pelas portas basculantes. Eles foram para a parte de trás da cozinha, cruzaram outro par de portas e saíram em frente a um grupo de elevadores. — Eles são usados para o serviço de quarto. Podemos chegar a qualquer quarto daqui.

– Não sei dizer o quanto agradeço.

Ele apertou um botão. – Minha mãe passou pelo mesmo tipo de merda com meu pai. Eu era jovem demais para fazer alguma coisa. É um prazer ajudar.

– Quanto eu lhe devo?

– Nada.

As portas se abriram e eles entraram. Ele apertou o botão 29, as portas se fecharam e o elevador começou a subir.

– O quarto não foi de graça – disse ela. – Pretendo pagar por ele.

– Na verdade, é de graça. Consegui como compensação para você. Eu disse a eles que derramei um drinque em você, e que pediu um quarto para que pudesse se limpar. Não é nada demais. Eles a tratarão como qualquer outro *check-in*. Você precisará sair amanhã ao meio-dia.

– Já terei saído há muito tempo – disse Carmen.

O elevador reduziu a velocidade e parou. As portas se abriram e eles saíram para uma pequena área de espera antes de entrarem em um corredor iluminado.

O quarto dela ficava no final do corredor. Quando chegaram, ele colocou a chave dentro da ranhura, destrancou a porta e eles entraram. Carmen esperava algo bonito – afinal de contas, era o Waldorf – mas não esperava uma suíte de canto com duas vistas incríveis da cidade.

Ela foi até a janela e olhou para a Park, onde o trânsito estava leve. Em algum momento, começara a chover. As ruas estavam brilhando. O rosto de Jake apareceu diante de seus olhos.

Onde está você? pensou ela.

– O banheiro fica ali – disse Jon. – Você encontrará um roupão e produtos de higiene. Nesse armário, há travesseiros extras. Também consegui serviço de quarto para você. Portanto, se estiver com fome pela manhã, fique à vontade. Peça *blinis* com caviar, não vai se arrepender.

– Você é muito gentil – disse ela.

– O prazer é meu, Carmen.

– Gostaria de um drinque? Tenho certeza de que há alguma coisa na geladeira. – Ela foi até o pequeno refrigerador sob a mesa de

trabalho e o abriu. — E aqui está. Há de tudo. Quer me acompanhar? Vodca?

Ele foi até a porta e colocou a mão na maçaneta. — Eu preciso ir embora.

— Sinto muito — disse ela. — Você provavelmente está de pé há horas.

Ela sorriu ao cruzar a distância que os separava. Olhou dentro dos olhos azuis dele e estava prestes a apertar sua mão quando levantou os braços, segurou a cabeça dele nos dois lados e torceu-a tão rapidamente que o pescoço quebrou.

Não houve luta. Somente surpresa nos olhos dele antes que se dilatasse com a morte. Ele cambaleou para a frente e caiu com força aos pés dela. As pernas estremeceram por um momento, um jato de ar escapou dos pulmões e ele ficou imóvel.

Ela olhou para ele. — Eu nunca lhe disse meu nome, Jon, portanto, eles devem tê-lo dito a você. E isso significa que eles também sabem onde estou. — Ela sacudiu a cabeça. — Que desperdício. Estão esperando você lá embaixo? É claro que sim. Aposto como estão esperando que volte para que possa trazê-los até aqui. E então você esperaria o resto do dinheiro que lhe prometeram. E foi aí que você não pensou. Viu o rosto deles. Portanto, já sabe demais. Eles o teriam matado, mesmo se eu não o tivesse feito. E então sairiam daqui comigo.

Ela colocou a mão no bolso do casaco, sentiu a Glock e entreabriu a porta. Ninguém no corredor. Os elevadores de serviço estavam bem à frente, mas na outra extremidade do corredor.

Ela não sabia como faria, mas precisava sair antes que eles viessem por conta própria. Ela pegou as chaves de Jon no bolso da calça dele, saiu do quarto e começou a andar rapidamente em direção aos elevadores, procurando ouvir sinais de alguém vindo em sua direção. Em certo ponto, ela desejou que isso acontecesse. Assim, poderia usar a escada, desviar-se deles e pegar outro elevador em outro andar.

Mas eles o estavam esperando. Precisavam dele, pelo menos por enquanto. Por quanto tempo esperariam antes que decidissem que alguma coisa dera errado? Dez minutos? Quinze? Se fosse ela, esperaria esse tempo. Depois se preocuparia. Depois agiria.

No elevador de serviço que usaram antes, ela tentou três chaves do chaveiro dele antes de encontrar a certa, colocou-a na fechadura e conseguiu apertar o botão para descer. As portas se abriram, sugerindo que ninguém usara o elevador desde que saíram dele. Ela entrou e apertou o andar da cozinha. O elevador começou a descer.

Ela tentou se acalmar, mas era difícil. Como sairia dali? Alguns deles estariam esperando na área do bar, outros estariam guardando as saídas do prédio. Ela olhou para o mostrador e sua mente disparou enquanto os andares passavam. Logo, ela estaria perto de uma sala cheia de pessoas da cozinha. Se a vissem, não iriam apenas questionar por que ela estava lá novamente. Também iriam querer saber por que ela não estava com Jon. O que diria se alguém perguntasse? Pior ainda, como Jon a escoltara tão rapidamente pela cozinha, ela só pudera observá-la depressa e não teve tempo de ver se havia câmeras nos cantos. Ela não sabia se apareceria nos vídeos da segurança, mas, se houvesse câmeras na cozinha e dependendo de onde estivessem localizadas, talvez aparecesse.

O elevador parou. As portas se abriram para os sons de conversa, risadas, batidas de bandejas e o tilintar de copos e talheres. Com o bar e o restaurante fechados, o clima estava mais relaxado do que antes. A noite estava terminando.

Logo na saída do elevador, ela olhou para o teto em busca de uma câmera, mas não havia nenhuma. Pelo menos não ali. A cozinha, no entanto, era totalmente diferente. Ela sabia que havia câmeras lá, em algum lugar. Sempre havia. No momento em que entrasse na cozinha e ao tentar sair sem ser notada, certamente seria filmada. Não que importasse muito. Ela já atravessara a cozinha antes. Já a tinham em vídeo.

Ela segurou as portas do elevador abertas e olhou para a esquerda, viu o primeiro obstáculo e também notou como seu anonimato seria breve.

As portas para os elevadores de serviço agora estavam abertas. A sala interna não era mais privada.

Um homem parado ao lado de uma mesa de aço inoxidável com uma faca de açougueiro na mão olhou para ela. Altura média. Cabelos loiros. Talvez quarenta anos. Musculoso.

Apesar do ruído da cozinha, ele deve ter ouvido as portas do

elevador se abrindo. Ele usava um uniforme branco sujo de sangue, especialmente as pontas das mangas que estavam úmidas. Na cabeça, ele tinha um chapéu alto de cozinheiro, que estava limpo.

Na mesa, havia vários tubos de filés inteiros envoltos em plástico. À esquerda dele, pilhas de bifés recém-cortados. Mais cedo, quando Jon a levava pela cozinha, ela não o notara, portanto era improvável que ele soubesse quem ela era ou que Jon falara com o grupo, dizendo que era namorada dele e a estava ajudando.

Os olhos deles se encontraram. Houve um momento em que pareceu que ele colocaria a faca sobre a mesa. Mas não o fez. Afinal de contas, estavam em Manhattan. Para ele, ela era uma intrusa, alguém que não tinha nada a fazer naquele lugar. Então, por que estava ali? E como entrara no elevador sem a chave?

Ele contornou a mesa com a faca ao lado do corpo e um olhar interrogativo no rosto.

Ela saiu do elevador e entrou na sala interna.

— Posso ajudá-la? — perguntou ele.

Ela colocou o dedo sobre os lábios, retirou a Glock do bolso do casaco e a apontou para ele. — Talvez — disse ela. — Vamos descobrir.

CAPÍTULO 5

Ela acenou para que entrasse na sala. Por um momento, ele não se moveu. Depois, olhou longamente para a arma e decidiu que era melhor entrar.

Carmen deu um passo atrás para minimizar a chance de ser vista pelos outros. — Aqui atrás — disse ela. — Comigo.

Ele aproximou-se.

— Se cooperar, não mato você. Se fizer alguma burrice, mato todo mundo. — Ela acenou com a cabeça em direção à faca de açougueiro. — Largue-a.

Ele hesitou, mas obedeceu e largou a faca sobre um dos carrinhos vazios ao seu lado.

Ela olhou para a cozinha além dele. Era somente uma questão de tempo antes que alguém se movesse lá dentro e os visse.

Mova-se.

— Preciso de uma roupa igual à sua — disse ela. — Não uma limpa. Quero uma suja. E preciso de um chapéu. Pode encontrar algo que caiba em mim?

— Não.

— Por quê?

— Há um tubo para a lavanderia no vestiário. No final do turno, jogamos nossas roupas de trabalho dentro dele.

— Então entre no elevador. Vou ficar com o que você está usando.

Ali, na saída da cozinha, não era preciso uma chave para abrir as portas dos elevadores, portanto, ela apenas pressionou o botão. As portas se abriram, ela acenou com a cabeça em direção ao elevador vazio e ele entrou. Ela colocou o pé em frente à porta direita para bloqueá-la enquanto mantinha a arma apontada para ele.

Ele tirou o chapéu de *chef* e começou a desabotoar a roupa, que chegava à altura dos joelhos. — É grande demais para você — disse

ele.

— Não vou para um desfile.

Aquilo o deteve e ele olhou para ela com novos olhos. Para ele, a piada fora inesperada em uma situação como essa, mas não conhecia Carmen nem sabia a visão de mundo que ela tinha.

Ela começou a torcer o cabelo em um coque, o que era difícil, considerando o fato de que estava segurando uma arma carregada. Ainda assim, ela já o fizera antes e conseguiu novamente. Não ficava exatamente arrumado como a mãe dela a ensinara durante a adolescência na Espanha. Mas, naquela situação, serviria.

Ele entregou a roupa a ela, que tinha o odor metálico de sangue.
— Presumo que queira o chapéu? — perguntou ele.

— Sim.

Ele o entregou para ela.

— Dê um passo atrás — disse ela.

Ele recuou e ela vestiu a roupa. Ficava enorme, mas não pretendia ser vista assim por muito tempo. Com a arma na mão, ela lutou com os botões enquanto ficava de olho nele.

— Por que está fazendo isso? — perguntou ele.

— Não fale.

— É uma pergunta simples.

Se ela contasse, talvez ele ficasse quieto por mais um minuto, que era todo o tempo de que precisava. — Há algumas pessoas aqui que querem me matar. Preciso de um disfarce para sair daqui. Esse é tão bom quanto qualquer outro.

— Quem quer matar você?

— E isso importa?

Ela colocou o chapéu na cabeça, mas ficou grande demais. Só que era feito de papel. Ela o tirou, dobrou um pedaço na parte de trás e passou a manga ensanguentada na parte de dentro, pressionando para baixo e segurando por um minuto para garantir que ficaria grudado. Ele ficou, mas por quanto tempo? O sangue era como cola, especialmente quando começava a coagular. Ela achava que funcionaria, mas quem sabe? Não havia certezas em situações como essa. Gentilmente, ela colocou o chapéu de volta à cabeça e, dessa vez, ele serviu.

— Talvez eu possa ajudá-la — disse ele.

- Eu recebi uma oferta igual a essa mais cedo e não deu certo.
- Olhe, se alguém aqui está tentando matar você...

Carmen deu um passo à frente e balançou a arma em um arco tão rapidamente que a coronha bateu no lado da cabeça dele antes que ele soubesse o que o atingira.

Ela poderia tê-lo matado, mas não quis. Diferentemente de Jon, ele não fizera nada para traí-la. Ele poderia identificá-la, mas as câmeras de segurança do hotel também, o que era muito pior, porque ofereciam provas. Ela não vira nenhuma câmera, mas isso não queria dizer nada. Sabia que, em algum lugar durante o tempo que passara ali, sua imagem fora capturada pelos aparelhos.

Ela estendeu o braço e o apoiou durante a queda. Batera com força o suficiente para deixá-lo inconsciente. Ela o encostou no canto do elevador.

– Você ficará bem – disse ela. – Tome uma aspirina quando acordar. Três, talvez. E obrigada por não fazer uma cena, como a maioria das pessoas faria.

Ela se virou para o painel atrás de si e pressionou o botão que levaria o cozinheiro ao quadragésimo sétimo andar. Carmen recuou, as portas se fecharam, ela ouviu o elevador subindo e virou sua atenção para a cozinha.

* * *

Só havia uma saída, pela entrada de serviço. Será que a estariam esperando lá? Com certeza. Mas eles não sabiam que ela viria pela porta, o que lhe dava uma certa vantagem, da mesma forma que a roupa ensanguentada e o chapéu do cozinheiro. Eles não a estariam esperando usando essa roupa. O disfarce talvez lhe desse algum tempo, mas não seria muito. Levaria um momento para que o registrassem, mas reconheceriam o rosto dela em pouco tempo. E, quando o fizessem, eles agiriam.

Ela não sabia quais eram as ordens que tinham. Atirar nela? Levá-la com vida? Ela tinha a sensação de que era a segunda opção. Katzev gostaria de se vingar pela participação dela na morte de

Laurent. Se é que o motivo era esse.

Ela precisava de algo mais. Algo que os deixaria abalados e os distrairia.

O que estava considerando era arriscado, mas talvez funcionasse. Ela pegou o celular, que não era um aparelho comum. Era um telefone via satélite que parecia um celular, mas tinha uma antena grossa. Ninguém podia rastreá-lo. Sabendo disso, ela discou para a emergência.

A linha tocou uma vez. Quando a despachante atendeu, Carmen viu outra oportunidade. Ela entrou na cozinha, com o telefone escondendo o lado esquerdo do rosto, e caminhou diretamente para as portas duplas que levavam à escada e à entrada de serviço. Com a visão periférica, ela viu algumas pessoas. Seu passo era relaxado, sem pressa. Ninguém a parou nem disse nada.

Mas a despachante estava falando.

— Qual é a sua emergência? — repetiu a mulher.

Carmen esperou que as portas se fechassem atrás dela antes de descer a escada e contar à mulher a tragédia que acabara de presenciar.

* * *

Na base da escada, estava a porta sobre qual Jon falara mais cedo. Estava trancada, mas ela tinha as chaves dele. Depois de várias tentativas, ela encontrou a chave certa e esperou que o som das sirenes chegasse do lado de fora.

Levou cinco minutos e, quando chegaram, foi com força total, como ela sabia que seria. Afinal de contas, ela telefonara para relatar um homicídio triplo.

Ela dissera à despachante que houvera vários esfaqueamentos na calçada entre a Igreja de São Bartolomeu e a Rua Cinquenta. — Eles estão na Cinquenta — disse ela sem fôlego à despachante. — Do outro lado da rua, em frente ao Waldorf. Três pessoas na calçada. Acho que foram roubadas. Uma delas ainda pode estar viva. Por favor, corra!

Ela esperou até ter certeza de que a polícia estava lá, destrancou a porta e saiu.

Ainda estava chovendo.

O céu noturno estava repleto do som das sirenes e do movimento rápido de luzes piscando. As pessoas estavam começando a se aglomerar. Algumas delas, os policiais, estavam gritando.

À frente dela, na calçada, estavam dois homens grandes, vestidos de preto. Ela olhou para a esquerda e para a direita. Viu policiais vasculhando a rua. Viu mensageiros de hotel e motoristas observando a ação. Viu um dos dois brutamontes olhando para ela e ignorando-a. Depois virando-se para olhar novamente. Carmen o viu cutucar o parceiro quando ela caminhou até a rua, que agora estava congestionada com trânsito. Um policial impedia qualquer movimento dos carros. Era uma possível cena de crime. Outro policial estava na Park, onde o trânsito se movia.

Ela começou a caminhar em direção a ele.

Os dois homens a observavam. A mão dela estava sobre a Glock. O coração batia com força em seu peito, não tanto pelo medo, mas pela empolgação de saber que os tinha enganado.

Ao passar por eles, Carmen olhou bem para cada um dos rostos, reconhecendo um deles de um trabalho que ela fizera há anos, apesar de não conseguir se lembrar do nome dele. Ela viu a raiva no rosto deles. O ressentimento pela situação que ela criara. Eles sabiam que ela armara essa confusão na rua. Era tão claro como as luzes que piscavam e iluminavam os rostos furiosos.

— Diga a Katzev para se foder — disse ela para o homem que reconheceu. — E depois diga a ele para tomar cuidado.

— Você vai morrer, Carmen.

— Você acha?

— É só uma questão de tempo.

Ela continuou caminhando. Ouviu a chuva batendo no chapéu. Ficou imaginando se eles fariam algum movimento. Ou se acabara. Sem Alex em sua vida, uma parte dela não se importava se seu tempo terminara. Uma parte dela ficaria feliz de levar um tiro na nuca e entrar diretamente na escuridão onde Alex estaria esperando. Ela sentia muita falta dele. Mais do que tudo, queria estar com ele novamente. Mas, por causa do que acontecera a ele,

uma parte maior dela queria muito ficar viva e fazer o que decidira. Ela voltara a Manhattan para se vingar. Pretendia fazê-los pagar pelo que tinham feito a ele. E a ela.

– Acho que isso é verdade para cada um de nós – disse ela por sobre o ombro. – Katzev está fazendo uma faxina. Vocês dois podem ser os próximos. Eu pensaria sobre isso se fosse vocês.

– Você não vai conseguir, Carmen.

– Conhecendo Katzev, acho que vocês também não. Mas olhem para mim. Mantenham os olhos na minha bunda, garotos. Nesse exato momento, estou indo embora.

CAPÍTULO 6

Ela acordou na manhã seguinte em um Holiday Inn Express na Union Street, no Brooklyn. Era um buraco, mas era perto do metrô e fora de Manhattan, o que servia para ela.

Quando ela fizera o *check-in* tarde na noite anterior, a mulher na recepção dissera, em uma voz monótona e sonolenta, que estavam felizes por ela ter escolhido o Holiday Inn Express e como era maravilhoso tê-la como hóspede. O resto era tão padrão quanto isso, e Carmen gostava de implicar com esse tipo de conversa, especialmente quando estava tão estressada. Debater verbalmente com alguém a relaxava.

Ela avaliou a mulher atrás do balcão. Cabelos loiros ressecados por causa de uma pintura mal feita na pia da cozinha. Batom vermelho escuro que ressaltava um dente quebrado na parte da frente, e que estava amarelado por causa do cigarro. Maquiagem pesada, mais escura do que a cor natural da pele e que terminava na altura do maxilar sem nenhum retoque em direção ao pescoço. Ela tinha uma aparência ridícula. Carmen a observou enquanto realizava as tarefas de atendimento ao cliente como se socializar com um cliente fosse a última coisa que a mulher quisesse fazer.

Vejamos o que ela tem.

– Como foi seu dia? – perguntou a mulher.

– De matar – respondeu Carmen.

– Lamento ouvir isso.

– Não. Literalmente, de matar.

A mulher ergueu os olhos para ela.

– Não acredito que tenha saído viva. Quase morri.

A mulher passou um cartão em uma máquina, enfiou-o em um envelope pequeno usado que dizia *Holiday Inn Express* e voltou à receita de bolo que memorizara depois de anos repetindo a mesma retórica.

– Nós, do Holiday Inn Express, queremos que saiba que temos café, sucos e café da manhã de cortesia pela manhã. Nosso café da manhã de cortesia, que é gratuito para nossos valiosos clientes, está disponível das 06h00 às 10h00. Nossos rolinhos de canela são famosos, você vai adorar.

– Eu normalmente durmo até às 11.

– Então vai perder o café da manhã.

– Não pode guardar para mim?

– Não podemos fazer isso, senhora.

– Por quê?

– Política.

– Ou, mais provavelmente, a proliferação de bactérias.

A mulher piscou.

– Os rolinhos – disse Carmen. – Tenho alergia a canela. Alguma coisa que possa fazer a respeito?

– Temos frutas.

– Nenhum rolinho sem canela?

– Frutas.

– Laranjas?

– Não faço ideia.

– Uvas?

– Sei que há uma bandeja sortida de cereais.

– Sortida?

– Quatro tipos diferentes. Gosta de frutas? Temos Fruit Loops.

– Como é o café?

– Quente.

– Quente significa queimado?

– Não queimamos nosso café.

– Pode garantir isso?

– Não.

– Há alguma seleção de ovos?

– A única coisa quente é o café. E a torrada.

– Parece limitado.

– É cortesia.

– Com esses preços, não, não é.

– O Holiday Inn Express tem tarifas razoáveis que ajudam você a esticar seu dinheiro. Vai pagar no cartão de crédito?

- Dinheiro. – Carmen entregou o dinheiro a ela, pegou o troco e guardou no bolso o cartão que a mulher passara na máquina.
- Essa é a chave do seu quarto.
- Imaginei.
- Quarto andar. Pegue à direita ao sair do elevador. Tenha uma excelente estadia.
- Encontro você no café da manhã?
- Como?
- É por minha conta. Eu adoraria sentar e conversar.
- Tenha uma excelente estadia, senhorita.
- Tenho certeza de que terei.

Ela não teve, mas isso não a surpreendeu. Se ela imaginara, na noite anterior, que uma caminhada pela cidade ajudaria a espalhar porque não conseguia dormir, o que aconteceu por causa daquela caminhada tornou impossível dormir.

Como pelo menos as toalhas de banho tinham cheiro de alvejante, ela cobriu o lençol da cama com elas antes de se deitar. Spocatti a encorajara a pensar além de Katzev e do consórcio. Queria que ela considerasse todas as opções antes de presumir que eram eles. Ela confiava nele, portanto, pensou cuidadosamente no assunto.

Quando ela dissera aos homens na noite anterior para dizer a Katzev que se fodesse, nenhum dos dois ficara surpreso com o uso do nome dele. Eles simplesmente responderam, o que lhe dizia duas coisas, mas nenhuma resposta concreta. Se fossem bem treinados, não teriam reagido à menção do nome de Katzev. Eles a deixariam acreditar no que quisesse, especialmente se Katzev não estivesse envolvido. Por outro lado, se Katzev estivesse por trás de tudo, o mesmo era verdade. Não mostrar conhecimento do nome dele, o que não fizeram. Isso só teria dado a ela mais certeza.

É Katzev?

Ela não sabia. Antes que ela e Alex partissem para Bora Bora, tinham avisado ao consórcio que, se viessem atrás deles pela morte de Laurent, mandariam tudo o que sabiam para a imprensa.

Na verdade, isso não era uma ameaça muito grande, pois o consórcio trabalhava por trás de uma cortina de privacidade que era relativamente rigorosa. Katzev e o consórcio sabiam disso. Ainda

assim, como com qualquer ameaça – e se eles estivessem mesmo por trás disso – eles a levaram a sério, descobriram onde estavam, mataram Alex e quase a mataram.

Com o consórcio, tudo era tratado usando linhas seguras. Os endereços de *e-mail* eram constantemente trocados e associados a contas em países do terceiro mundo. Sempre que pagavam a ela por um trabalho, era de uma conta numerada de um banco da Suíça, sem nomes associados.

Nos sete anos em que trabalhara para eles, ela só vira Laurent duas vezes. A primeira quando ele a chamara para trabalhar com eles e, no final, quando ela ajudara a matá-lo. Carmen nunca vira Katzev nem nenhum outro membro do consórcio. Com a exceção do sotaque russo falso de Katzev no outro lado da ligação telefônica, todos os associados ao consórcio eram estranhos para ela.

Apesar de respeitar Spocatti, ela tinha certeza de que quem estava por trás disso era Katzev e o resto do consórcio. Eles tinham uma razão direta para ir atrás dela e de Alex. Queriam se vingar pela perda de Laurent e conseguiram. Pelo menos, parcialmente.

Mas como descobriram onde eles estavam? Se Jake dizia a verdade e fora amigo de Alex, era possível que Alex tivesse dito a ele aonde estavam indo e que Jake tivesse vendido a informação para o consórcio. Também explicaria por que ele a entregara na noite passada.

Comece pelo princípio.

Antes de matarem Laurent, por que o consórcio queria ela e Alex mortos? Alex trabalhara com eles mais vezes do que ela. Ele tropeçara em algo que não deveria? Alguma coisa que incriminaria o consórcio? Eles achavam que ele compartilhara essa informação com ela? Era possível, mas como descobriram? Ela sabia que Alex tinha um apartamento na cidade, mas o consórcio também sabia e, nesse ponto, ela sabia que já o tinham vasculhado e retirado qualquer prova incriminadora. Se é que havia alguma.

Ela olhou para o relógio. Em uma hora, se encontraria com o velho, o contato sem nome de Spocatti. Precisava tomar um banho. Teria que usar as mesmas roupas, não havia opção. Até que isso estivesse resolvido, voltar ao seu apartamento estava fora de questão. Ela teria que fazer compras em algum lugar e poderia ser

muito bem perto da casa dele.

CAPÍTULO 7

O endereço que ele dera fora Rua Sessenta e Um, número 118. Lá, havia uma casa grande de tijolos, protegida por um portão de ferro preto preso em quatro colunas de pedra, sobre as quais havia dois postes de ferro originais.

Na frente da casa, havia um enorme bordo, quase sem folhas, pois estava no fim do outono, e uma campainha em um dos postes, que ela apertou.

Ela ficou observando as janelas do primeiro e do segundo andar para ver se havia movimento, mas não viu nada. Depois de um momento, houve um zumbido. Ela abriu o portão e desceu a escada até a porta da frente, que se abriu ao aproximar-se.

Atrás dela, estava um homem de meia idade com um tapa-olho. Mas não era um tapa-olho qualquer. Costurado nele, estava um relógio, da cor das safiras, funcionando e com o ponteiro dos segundos se movendo. Ela fez uma pausa antes que pudesse se recuperar da surpresa. Ele tinha cabelos grisalhos curtos e parecia ter a altura e a largura da porta. O rosto bem barbeado e sem emoção alguma. Ela conseguia reconhecer um ex-fuzileiro quando via um.

– Carmen Gragera?

Ela concentrou-se no outro olho, que era tão azul quanto o fundo safira do relógio. – Sou eu.

Ele deu um passo para a direita. – Entre, por favor.

Carmen entrou e, quando ele fechou a porta, ela estendeu os braços para os lados na entrada iluminada pelo sol. – Está no bolso do meu casaco – disse ela enquanto ele a revistava. – Depois da noite passada, não podia sair às ruas sem ela. Espero que entenda.

– Não entendo nada do que você faz. Mas não é meu trabalho julgar.

Acho que acabou de fazê-lo.

Ele pegou a Glock e continuou a revista. Mesmo tendo sido enviada aqui por Spocatti, ela se sentia nervosa e nua sem a arma. Quando ficou convencido de que ela não tinha mais nada, ele perguntou se podia guardar o casaco dela.

Ela o retirou e o entregou a ele. Quando ele o pegou, Carmen notou que as mãos dele eram o triplo do tamanho das suas. Alex tinha quase um metro e noventa, mas esse homem era muito mais alto. Dois metros, dois metros e dez? Ela olhou em torno, observando o vestíbulo amplo com paredes de carvalho envelhecido e viu todas as antiguidades que o decoravam. Nesse nível, o teto era alto. Provavelmente uns três metros e meio.

Ela apostava como ele estava contente com o espaço extra.

— Por aqui — disse ele, acenando para que ela avançasse. — O Sr. Gelling a espera na biblioteca.

Gelling? O nome não significava nada para ela.

— E o seu nome? — perguntou ela.

— O Sr. Gelling decidirá se você precisa dessa informação. Siga-me, por favor.

Minha nossa.

Ela o seguiu por um longo corredor, passando por uma sala de estar com belo design e que tinha todo o tipo de mobília que sugeria que Gelling herdara muito dinheiro ou sabia exatamente o que fazer com ele quando o ganhava.

Em uma mesa redonda de mogno no centro da sala, estava um vaso Lalique Bacchantes. Somente pela profundidade da opalescência dele, Carmen sabia que era um original feito pelo próprio Rene Lalique.

As réplicas atuais que a empresa fazia eram belas, mas de qualidade inferior. Alguns achavam que parecia vidro fosco. Mas esse era verdadeiro, do final dos anos vinte, algo que ela só vira antes em museus. Com a série graciosa de nus envolvendo o vaso, era o exemplo típico do movimento *art nouveau* que ela amava tanto. Há muito, Carmen deixara para trás seus dias como especialista em história da arte na Espanha, mas ainda mantinha essa veia. Uma parte dela queria ir até lá e admirar o vaso, tocá-lo.

Mas o Big Ben não aceitaria uma coisa dessas. Ele não diminuiu o passo e, logo, estavam na biblioteca. Ela se encontrou frente a

frente com Gelling, um homem de aparência antiga, com a cabeça coberta de cabelos brancos cuidadosamente penteados para trás e um rosto interrogativo que se iluminou ao vê-la. A cadeira de rodas acolchoada elétrica veio rapidamente em sua direção.

— Carmen Gragera — disse ele, com uma voz que não era nem um pouco frágil como quando falara com ela no telefone na noite passada. — Estou muito feliz por ter vindo.

— Obrigada por me receber.

Ele parou em frente a ela e observou-a com olhos verdes nublados que a lembravam do mar. Ele estendeu a mão e ela a apertou. E foi então que ela sentiu a fragilidade dele. A pele era macia e frágil. Os dedos, retorcidos pela artrite, eram tão finos que ela poderia quebrá-los se os apertasse com muita força. Na parte de trás das mãos havia manchas marrons e machucados arroxeados. Ela lembrou-se das mãos do avô pouco antes da morte dele.

— Meu nome é Gelling — disse ele. — James Gelling. É um prazer conhecê-la. Ouvi falar de você, sabia?

— Não, não sabia.

— Vincent pensa muito em você.

— Fico feliz de ouvir isso. É mútuo, aprendi muito com ele.

— Absorva tudo, minha querida. Tudo. Ele é o melhor. Você trabalhou com ele só uma vez, correto? Naquele trabalho de Wall Street?

— Isso mesmo.

— Não saiu como o planejado, ouvi dizer.

— Às vezes, não sai.

Ele abanou a mão aleijada no ar. — Muitas coisas não saem como o planejado. Por exemplo, olhe para mim. *Pretzels* no lugar dos dedos. Preso nessa cadeira de rodas. Um escravo das baterias dela, sem falar no meu próprio corpo, que me traiu de uma forma pior que meus próprios filhos. — Ele inclinou a cabeça. — Todos eles estão mortos, sabia? Vivi mais do que eles. Cada um deles. Isso não é inusitado? E maravilhoso, considerando a forma como me tratavam. Quantos anos acha que tenho?

Ela sabia que era melhor usar a verdade com esse homem. Estudou o rosto dele e deu seu melhor palpite. — Em torno dos noventa?

– Início ou final?
– Depende da idade que tinha quando seus filhos nasceram.
– Não vou dizer.
– Então eu diria que tem perto de noventa e cinco.
– Então eu me saí bem – disse ele. – As loções funcionaram. E você alimentou minha vaidade, isso não acontece com frequência. Tenho cento e três anos, Carmen. Eu posso morrer durante nossa conversa, então prepare-se, caso isso aconteça. Posso cair para a frente, cagar nas calças e pronto. As luzes se desligam. É assim que as coisas são na minha idade. Nunca se sabe quando a morte chegará. Ser velho assim é a experiência mais surreal. Vou dormir à noite e penso: "Bem, acabou. Com certeza, não vou acordar". E então acordo na manhã seguinte, atônito ao ver que tenho mais uma chance de fazer alguma coisa que preste.

– E que tipo de coisa é essa? – perguntou ela.

– Todo o tipo de coisa. Acredito que uma delas é o motivo de sua visita. Venha, venha. Sente-se em um daqueles sofás atrás de mim. Se pretendo ajudá-la, quero conhecê-la melhor. Quero saber mais sobre você.

Ela subiu a guarda. Carmen raramente falava sobre sua vida pessoal. Desde que fizera vinte anos, a única pessoa em quem confiara totalmente fora Alex.

Ele acionou a cadeira, que passou por ela como se uma abelha gigante tivesse entrado na sala. Ela sentiu que ele gostava da velocidade e se animava com ela. – Quer algo para beber? Chá gelado? Café?

– Eu adoraria um chá gelado.

– Limão? Sem limão?

– Limão.

– Com açúcar? Sem açúcar.

– Sem açúcar.

– Imaginei. Você é magra. – Ele olhou para o grandalhão, Big Ben com o tapa-olho, que estava parado ao lado do sofá onde ela se sentara, os braços enormes dobrados sobre a extensão do peito igualmente enorme. – Um chá gelado sem açúcar e com limão para Carmen, e outro para mim, por favor. Não se esqueça do meu canudo. E pare de parecer tão tenso, Frank. Carmen é amiga de

Vincent e, portanto, amiga nossa. Só vamos conversar um pouco antes de entrarmos no assunto. — Ele abaixou a voz e falou com Frank como se ela não estivesse lá. — Estou curioso para saber como ela se tornou uma assassina.

Quando Frank saiu, Gelling olhou para Carmen e disse: — O relógio a deixou sem ação por um momento?

— Não sei se foi sem ação. Mas nunca vi nada como aquilo.

— Frank é excêntrico.

— Eu diria que ele é um ex-fuzileiro.

— E estaria certa. Mas o relógio — disse ele. — Acho que dá uma certa vantagem a ele. Pega as pessoas desprevenidas. Você não acreditaria nas situações das quais ele se livrou por causa do relógio. Ele é um brutamontes, é claro, mas, quando aparece, a primeira coisa que as pessoas veem é o relógio. Não conseguem evitar. Na verdade, é bem esperto da parte dele. Permite que ele aja naquele momento adicional. Você deveria tentar.

— Prefiro minha Glock.

— Inteligente. Então? Voltemos a você. Como entrou nessa linha de trabalho? Você não parece o tipo certo.

Você não me viu cortando a garganta de um homem.

— Sr. Gelling... — disse ela.

— Eu entendo. Você não se sente confortável falando sobre como o passado trouxe ao presente. Muitos de vocês são assim. Mas, para ajudá-la, preciso conhecê-la. Não tudo. Mas eu era psiquiatra e sou naturalmente curioso. Como alguém escolhe uma carreira para distribuir a morte? O que aconteceu em sua vida para que tomasse tal decisão e como dominou a profissão? Você não precisa dar todos os detalhes, Carmen. Mas se quiser que eu a ajude a encontrar Katzev, e posso fazer isso, espero que seja simpática e me diga como chegou onde está.

No começo, ela não disse nada. Não era natural para ela compartilhar tais informações íntimas com um estranho. Nem mesmo Vincent sabia de nada sobre a vida pessoal dela. Ele nunca perguntara, provavelmente porque ela viraria o jogo e perguntaria como ele se envolvera nesse negócio. Mas, olhando para Gelling e sua impaciência crescente, ela sabia que não tinha opção se queria a ajuda dele. — Meu pai era um assassino — disse ela. — Aprendi com

ele.

– Que herança curiosa. Quando foi isso?

– Quando me formei na universidade.

– O que você estudou?

– História da arte.

– Bem, é um longo caminho, de Matisse a assassinato. Seria divertido ver isso em um currículo. Sempre soube no que seu pai trabalhava?

– Não.

– O que achava que ele fazia?

– Ele me disse que trabalhava como consultor para uma corporação. No fim, era verdade, só que, quando descobri o tipo de consultoria que ele oferecia, não pareceu tão inocente quanto antes.

– Como descobriu?

– Eu fui sequestrada.

Ela observou o rosto de Gelling iluminar-se novamente. Ele estava gostando da história. Não importava para ele que reviver aquela época de sua vida era doloroso. Se Spocatti não a tivesse mandado aqui, ela sairia nesse minuto.

– Por quem? – perguntou ele.

– Homens que meu pai tinha sido contratado para matar. Eles ficaram sabendo – não me pergunte como, porque eu não sei – e vieram atrás de mim. Eu trabalhava no Metropolitan na época. Costumava andar parte do caminho para casa, especialmente no outono que, para mim, é a melhor época do ano em Manhattan. Eu estava na Quinta Avenida. Eles pararam ao meu lado em uma limusine, apontaram uma arma, disseram-me para entrar no carro e me levaram como refém. Avisaram ao meu pai que, se ele não os deixasse sair dos Estados Unidos e voltar para o país deles, onde achavam que estariam seguros, eles me matariam. Meu pai concordou, eles me soltaram, entraram em um avião e foram para casa. Meu pai esperou dois meses, subiu em um avião e os matou em Estocolmo.

– É sempre em Estocolmo – disse ele. – Ou Berlim, ou Beirute. Ou Moscou ou Madri, mas nunca em Brisbane. Nunca no Canadá. Nunca no Maine. Aposto como esses lugares sentem-se rejeitados

pelos assassinos.

Ela só o encarou.

– Como se sentiu quando descobriu o que o seu pai era?

– Traída. – Ela fez uma pausa e pensou naquela época. Agora, Carmen tinha trinta e oito anos. Fora sequestrada aos vinte e três. Já fazia quinze anos desde que descobrira a verdade sobre o pai? Ela estava surpresa ao ver como o tempo passara depressa e como ela mudara tanto nesse tempo. – Mas também aliviada. Ele salvou a minha vida.

– Mas só depois de colocá-la em perigo.

– Indiretamente, mas você tem razão.

Gelling estava prestes a falar quando Frank entrou na sala com os chás gelados. A luz do sol clara da sala refletiu-se no relógio, fazendo-o parecer como uma esfera. Carmen ficou imaginando se ele brilhava no escuro.

Frank parou ao lado deles. O chá de Gelling tinha um canudo com a ponta que podia ser estendida. Depois de pegarem os chás, ele pediu que o homem saísse da sala.

– Durante aqueles dois meses, você e seu pai devem ter conversado.

– Sim, conversamos. E não vou mentir para você. Não há dúvidas de que me senti traída, mas também fiquei intrigada com a vida dele. Sempre considerei meu pai um cavalheiro. Ele não era violento. Ele era um homem de aparência comum que tinha habilidades superiores em áreas que eu não conhecia. Eu era jovem quando fiquei sabendo da outra vida dele. Meu pai e eu nunca fomos próximos. Depois do sequestro, descobri por quê. Começamos a conversar. Ele me contou várias histórias e confiou em mim. Como eu não o julguei, acho que parte dele queria compartilhar sua vida com alguém, porque nunca tivera a oportunidade de fazê-lo antes.

– Ele não compartilhava isso com sua mãe?

– Nunca conversamos sobre minha mãe. Ela nos deixou quando eu tinha quatro anos.

– Por que ela os deixou?

– Você teria que perguntar a ela.

– Você mantém contato com ela?

– Sr. Gelling, nem sei se ela está viva.

– Onde está seu pai agora?

– Em um cemitério em Madri.

– Viu só? – perguntou ele. – Madri. É sempre em alguma das grandes cidades estrangeiras. Tudo acontece lá. – Ele se inclinou para perto do copo de chá gelado e colocou os lábios em torno do canudo, bebendo enquanto a estudava. – Ele morreu de causas naturais?

– Ele foi morto com um tiro nas ruas da Cidade do México.

– Cidade do México – disse ele, como se estivesse novamente destacando seu ponto anterior, o que ela achou inútil. – Terrível, mas não surpreendente. Quando foi isso?

– Há quatorze anos. Eu tinha vinte e quatro.

– E você buscou se vingar?

– Ele era meu pai. Eu o amava. Alguém tinha que pagar.

– Você encontrou quem o matou?

– Encontrei. E também encontrei os outros que o tinham como alvo. Matei todos eles.

– Foi uma tarefa corajosa.

– Eu tinha vinte e quatro, era ingênua.

– A juventude pode ser libertadora, mas também perigosa. Para você, presumo que tenha sido ambos. Por que queriam seu pai morto?

– Ele fora contratado para matar o líder de um cartel de drogas. O cartel não ficou feliz com isso. Foram atrás dele. Fim.

– E então você entrou no negócio da família?

– Pode-se dizer que sim. Tudo mudou para mim depois da morte do meu pai. Vi um mundo diferente. Descobri que eu conseguia atirar muito bem. As pessoas que costumavam contratar meu pai entraram em contato comigo. Ofereceram-me um trabalho por uma quantidade de dinheiro obscena. A pessoa que me pediram para matar era a coisa mais próxima do diabo que se pode imaginar. Ele machucava pessoas. Acho que foi por isso que aceitei. Talvez eu tenha achado que, se acabasse com ele, estaria fazendo algum bem para o mundo. Talvez fosse só uma justificativa. Mas você tem razão, é isso o que chamam de juventude. Libertadora e perigosa. Agora só trabalho por dinheiro. A única exceção é que me recuso a matar crianças. Nunca pensei em voltar à minha vida antiga.

– Não até que Alex...

Ouvir o nome dele era suficiente para causar dor. A imagem do rosto dele piscou diante de seus olhos. A dor da perda era como uma onda se aproximando e sufocando-a. Ela lembrou-se da primeira vez em que ele dissera que a amava, mas forçou a lembrança a ir embora. *Foco.* – Na verdade, Alex faz com que eu olhe para a frente – disse ela. – Eles pagarão pelo que fizeram com ele.

– Não a culpo.

Não me importo se o fizer. – Preciso de sua ajuda. Preciso saber como chegar até Katzev.

– Sua história é fascinante, Carmen.

– Não a vejo dessa forma.

– Eu vejo. E quero agradecer por tê-la compartilhado comigo.

Você não me deu opção.

– Eu tenho uma pergunta.

– E o que é?

– Por que você não mata crianças? Uma vida é uma vida. Quem se importa se ela pertence a uma criança?

– A consciência deve começar em algum lugar, Sr. Gelling.

– É uma resposta esperta, Carmen, mas acho que isso vai mais fundo. Você tem um filho?

Ela não queria entrar nesse assunto, mas não estava aqui por sua causa. Estava aqui por causa de Alex. Estava aqui para fazer qualquer coisa que pudesse para vingar a morte dele. Portanto, ela o encarou nos olhos e disse a verdade. – Não posso ter filhos.

– Que pena. Ou não. No meu caso, quem dera eu não tivesse nenhum. Demônios podres gananciosos. Mas por que não pode ter filhos? Não pode conceber?

– Não. Há anos, quando estava apaixonada por um jovem com quem trabalhava no Metropolitan, tentei engravidar. Estávamos envolvidos seriamente havia um ano na época. Nenhum dos dois queria casamento, mas filhos? Nós dois queríamos. Infelizmente, todas as vezes que engravidei, perdi o bebê. Três vezes seguidas. Conversei com o médico e ele disse que eu não podia manter uma gravidez. Aparentemente, há algo de errado com o meu corpo. Portanto, a vida me negou filhos. Não tenho o menor interesse em negar aos outros o que eu queria, mas não pude ter. Todas as vezes

em que me pediram, eu me recusei. Não há exceções.

– Lamento por suas perdas.

– Foi há muito tempo.

– Mas ainda sente a dor, não é?

Carmen sentia a dor todos os dias, mas essa linha de interrogatório, para ela, acabara. Ela tomou um gole do chá e não respondeu.

– Esse Katzev – disse ele. – É claro, ouvi falar dele. E também de Jean-Georges Laurent e do que Alex e você fizeram com ele naquela noite no Four Seasons.

– Laurent tentou nos matar.

– Eu sei que ele tentou. E, devo dizer, o que ele tinha em mente era genial. Sob circunstâncias diferentes, acho que até você concordaria com isso. Mas você e Alex foram espertos e resolveram ser honestos um com o outro. O amor salvou você. Ao contar a verdade, vocês salvaram a vida um do outro. É como um filme.

– Como sabe disso?

– É o que faço, Carmen. É o que me mantém vivo aos cento e três anos. As pessoas conversam comigo, me contam coisas. Eu nunca diria a você quem me contou o que, é claro. Isso vem da minha época como psiquiatra. A confidencialidade é essencial. É por isso que Vincent confia em mim e por isso que você aprenderá a confiar em mim.

Ele se inclinou para a frente na cadeira e segurou o olhar dela. – Assim como você nunca mataria uma criança, eu nunca entregaria nenhum de vocês. Todos temos nossa moral e nossa ética, não importa o quanto elas sejam, em alguns momentos, testadas. Eu acredito que é importante fazer a coisa certa. O que Laurent e Katzev tentaram fazer com você e Alex foi além dos limites. Portanto, aqui estou eu, preparado para ajudar.

Ela estava ficando impaciente com ele. Acabara de abrir parte de sua alma e, agora, queria o endereço. – Onde Katzev mora?

– Não faço ideia.

A resposta dele foi como um tapa em seu rosto. Ela estava confusa. E ficou furiosa. Ela acabara de cuspir alguns de seus segredos mais pessoais para esse homem. – Mas achei que soubesse. Spocatti me mandou aqui porque você sabia.

— Isso não é verdade. Ele a mandou aqui porque eu conheço pessoas que talvez saibam. Na verdade, eu conheço pessoas que provavelmente sabem, pois conheço todo mundo. É por isso que você está aqui, Carmen, por causa dos meus contatos. Vou dar a você o nome de uma pessoa que tenho quase certeza de que sabe o endereço de Katzev. Ou que pode descobrir. Ela é poderosa. Convive em todos os tipos de círculos, alguns dos quais ela prefere manter em segredo, e não a condeno. Uma mulher estranha, na verdade, se souber da história dela, mas é o tipo de pessoa de quem você precisa agora. Alguém com a história dela. Seus contatos e o conhecimento que tem. Eu já telefonei para ela para falar sobre você. E ela está ansiosa para conhecê-la, pois adora esse tipo de coisa, tanto quanto eu.

— Qual é o nome dela?

— Babe McAdoo. Ela é uma *socialite* de uma das grandes famílias de Nova Iorque. Não tradicional. Um pouco deslocada. Tão excêntrica quanto, ahm, você sabe quem. — Ele olhou rapidamente para Big Ben. — Mas no ambiente dela, talvez as coisas sejam assim. Quem sabe como é para ela? Em alguns momentos, você achará que ela está falando em idiomas estranhos, mas é tudo encenação. Quando for discutir negócios com ela, Babe será totalmente profissional. É como se ela tivesse um interruptor, ligasse uma luz e se transformasse na pessoa de que você precisa. E, quando é essa pessoa, ela é muito boa. Na verdade, eu a admiro quando ela se transforma nessa pessoa.

— O nome dela soa familiar.

— Temperos McAdoo? É a família dela.

— Acho que já a usei em algum peru.

— É uma maneira curiosa de colocar as coisas, mas, de certa forma, acho que o país inteiro fez isso. Ela está em todos os lugares, de costa a costa. Ela vai além do sal e da pimenta, e tenho certeza de que se sente grata por isso. Por que se limitar quando há tantas outras coisas que podem ser amassadas, misturadas, trituradas?

— Posso confiar nela?

— Eu não a enviaria até ela se não pudesse.

— Quando devo me encontrar com ela?

Ele olhou para o outro lado da sala onde estava Frank, parado em

frente a uma lareira com um grande espelho sobre ela. — Que horas, Frank?

— Logo depois das onze, senhor.

— Que rápido. O espelho ajudou?

— Sim, senhor.

Gelling olhou para Carmen. — Eu o adoro. Você deve encontrar-se com Babe agora. Ela mora na Park. Vou lhe dar o endereço. E, por favor, depois de falar com ela, pode me telefonar? Eu gostaria muito, quero saber o que está acontecendo. — Por um instante, ela viu um raio de vulnerabilidade cruzar o rosto dele. Um raio de medo. — Quero saber como as coisas andam. É o que me mantém vivo e o que me faz querer ver o sol nascer novamente.

CAPÍTULO 8

Babe McAdoo morava em uma casa na Setenta e Quatro com a Park. Dada a longa história de temperos de sua família, que Carmen sabia que eram populares nos Estados Unidos, onde tudo é assado, recheado e salpicado, o prédio era grande e imponente, uma daquelas raras mansões de Manhattan que faziam as pessoas pararem devido ao tamanho e à beleza.

Carmen não queria ficar na rua mais do que o necessário. Ela subiu degraus amplos de granito que levavam a duas portas de mogno laqueado enormes que brilhavam sob o sol como se tivessem acabado de ser polidas. Ela tocou a campainha e esperou que alguém atendesse. Quando a porta se abriu, um senhor vestido com um terno preto olhou para Carmen com uma condescendência fria.

Ela sabia que era por causa da forma como estava vestida e pela aparência horrorosa de seu cabelo, pois não tivera produtos adequados no Holiday Inn Express. E, pelo mesmo motivo, ela não estava usando maquiagem. Provavelmente, sua aparência era um desastre completo. Ela o sentiu julgando-a naquele instante e teve que impedi-lo quando ele começou a fechar a porta. Ele achou que ela era uma mendiga.

— Desculpe-me — disse ela. — Sou Carmen Gragera. Tenho uma hora marcada para falar com a Srta. McAdoo.

Os olhos dele se arregalaram. — Você é Carmen Gragera?

— Tive uma noite ruim.

— Aparentemente. Desculpe-me por ter fechado a porta. Pessoas demais batem aqui pedindo dinheiro. Elas vêm em bandos. Eu achei...

Que eu fosse uma mendiga. — Está tudo bem — interrompeu ela. — Eu sei que provavelmente está acostumado a ver algo bem diferente quando alguém vem visitar a Srta. McAdoo. Mulheres com Chanel. Birkins. Peles tão esticadas que é um milagre que não se

rasguem. Esse tipo de coisa.

— Receio que sim. — Ele abriu a porta. — Por favor, entre. E perdoe-me novamente. A Srta. McAdoo a está esperando. Presumo que esteja armada?

Ela apontou para o bolso e ele retirou a arma.

— Ela será mantida em um lugar seguro — disse ele, colocando-a no bolso do casaco. — E o resto?

Ela abriu os braços. — Não tenho mais nada, mas pode me revistar.

Ele o fez e, satisfeito, disse: — Siga-me até a sala de estar e sente-se, enquanto eu a busco.

Enquanto a busca? Vou ter que lidar com mais uma pessoa inválida? — Se não for uma boa hora...

— Ela está no andar de cima fazendo a Respiração Tartaruga.

— Como?

— A Respiração Tartaruga.

— Não entendi.

— É parte dos exercícios *zen*. Depois de vinte minutos de Chacra Naval, ela sempre termina com uma técnica chamada Respiração Tartaruga. Quando ela chegar, verá que estará bem relaxada. — Ele fez uma pausa e reconsiderou o que dissera. — Bem, tão relaxada quanto a Srta. McAdoo consegue ser. Nunca vi uma pessoa com tanta energia. É... inspirador.

A forma como ele disse *inspirador* soara exaustivo.

Eles foram até a sala de estar, que parecia recoberta de ouro. Papel de parede dourado. Cortinas douradas com puxadores dourados nas janelas de parede inteira com vista para a rua. Um tapete Aubusson dourado estendia-se pelo chão de parquê. Molduras douradas esculpidas no teto.

Como nuances de cor, Babe McAdoo colocara um piano Steinway preto perto das janelas da frente, pinturas grandes nas paredes que circundavam a sala e quatro cadeiras vitorianas vermelhas, estofadas com veludo, que ficavam no centro da sala, viradas umas para as outras, com uma mesinha de café de mármore entre elas. Havia mais, mas, apesar de desejar, ela não queria absorver tudo. Queria tratar de negócios.

Mesmo assim, quando Carmen se sentou em uma das cadeiras

desconfortáveis, a parte dela que admirava tudo o que a rodeava não pôde deixar de olhar e avaliar. O que viu foram obras verdadeiras, aparentemente intocadas. Ao olhar ao redor, ela pensou que muitas pessoas deviam precisar dos Temperos McAdoo, pois o que notou — da pintura de lírios de Monet ao abajur Tiffany autêntico sobre a mesa sob o quadro — foi que não estariam na coleção dela se não fosse assim.

Houve uma perturbação no ar. Ela ouviu passos descendo a escada enorme que vira na entrada. Em seguida, uma voz. — Algo molhado — ela ouviu uma mulher dizer. — Algo que borbulhe na língua. Um borrifo fantástico. E talvez biscoitos ou algo parecido. Pense em algo. É o que você faz de melhor, Max. Cinco minutos. Ela está lá dentro?

— Está, madame.

— Estou louca para conhecê-la. *Preciso* disso. Meu corpo *precisa*. Já faz tempo demais. E traga também um pouco de queijo. Ela pode estar com fome. Ouvi dizer que ela teve uma noite infernal, pobrezinha. Coloque um pouco de pó de pimenta McAdoo sobre o queijo. A minha mistura, não aquela diluída que vendemos. Dará um toque especial. Mas não coloque demais. Não quero explodir a cabeça dela.

— Madame...

— Eu sei, não foi uma boa escolha de palavras.

— Ela está logo ali.

— Cinco minutos, Max. Nem um minuto a mais. Você sabe como fico depois da Respiração Tartaruga.

— É claro. Cinco minutos.

— Então vá.

Carmen ouviu quando ele se afastou. Ela se levantou e olhou para a entrada da sala de estar. O que surgiu foi uma mulher de meia idade, talvez perto dos sessenta anos, mas, com um pouco de ajuda médica, parecia mais perto dos cinquenta. Babe McAdoo tinha cabelos ruivos puxados para trás, em um coque apertado, que revelava um rosto fino ovalado, marcado pelos anos de extrema riqueza e toda a pressão que a acompanhava. Usava um caftan amarelo tão delicado que ela parecia quase etérea ao se mover.

— Olá, como vai? — perguntou ela, atravessando a sala com a

mão estendida. — Sou Babe McAdoo. Pode me chamar de Babe. Todos me chamam assim, mas só depois que peço.

— Carmen Gragera — disse Carmen. — É um prazer.

— Não nessas circunstâncias, receio. Sei que você sofreu um golpe terrível, que teve uma noite difícil e que alguém está tentando matá-la. E que você precisa de minha ajuda. Gelling não a mandou aqui sem motivo.

— Não, mas eu tive a impressão de que minha conversa com ele era particular.

— Até onde podia ser, sim. Não sei de nenhum detalhe, só as linhas gerais. Gelling tinha que me dizer alguma coisa para que eu concordasse em recebê-la. Não recebo qualquer um e ele sabe disso.

Babe McAdoo se virou e acenou em direção às cadeiras vermelhas. — Portanto, sente-se — disse ela. — Bem ali, naquela cadeira vermelha. Vamos sentar e conversar. Vejamos o que precisa ser feito e como podemos reorganizar as peças no tabuleiro para que o jogo esteja a seu favor, e não deles. Eu vivo para isso!

* * *

Depois que Max voltou com o queijo temperado com a mistura particular de pimenta de Babe McAdoo, os biscoitos e duas taças de champanhe borbulhante, Babe acenou para que ele se retirasse e ergueu a taça para Carmen. — Um brinde ao fato de termos nos conhecido.

Carmen ergueu a taça, tocou-a na de Babe e tomou um gole minúsculo. Ela raramente bebia, mas não queria ofender essa mulher que talvez pudesse ajudá-la. Ainda assim, para chegar onde queria, obviamente haveria uma conversa, o que a deixava tensa. Ela já percorrera a alameda das memórias com Gelling e não queria fazê-lo novamente com outra pessoa estranha.

Mas, se era o que precisava fazer para chegar até Katzev, ela o faria.

Babe McAdoo a surpreendeu. Ela se recostou na cadeira vitoriana vermelha e cruzou a perna direita elegantemente sobre a esquerda.

– Vocês são todos iguais – disse ela.

– Como?

– Nenhum de vocês quer falar. Não é uma crítica, é somente uma observação. Sua privacidade significa muito para você. Eu sei que sim, por uma infinidade de motivos, e entendo, pois a minha privacidade também significa muito para mim por causa de quem sou. Mas deixe-me lhe dizer uma coisa. Não sou Gelling. – Ela revirou os olhos e tomou outro gole de champanhe. – O psiquiatra dentro dele tem uma sede que não será saciada até que o coração murcho finalmente pare de bater e o espírito escape pelos lábios e, espero, por uma janela aberta. Somente então, quando a energia dele voltar para o universo e encontrar as respostas para mais perguntas do que acha possível, ele será verdadeiramente feliz. – Ela fez uma pausa. – Eu acho.

Ela largou a taça sobre a mesa entre elas, botou um pedaço de queijo em um biscoito e o colocou na boca, saboreando-o com os olhos fechados. – Quando eu disse que devíamos nos conhecer, só estava sendo educada. Você não precisa compartilhar seus segredos comigo, Carmen. Mas aconselho que me conte as coisas que acha que nos ajudarão a encontrar a pessoa, ou as pessoas, responsável pela morte de seu amigo, Alex, e por quase matá-la. Caso contrário, de que adianta? Você só estaria desperdiçando meu tempo, o que não posso permitir. Portanto, sim, você terá que cuspir alguns segredos ao longo do caminho. Você se sentirá desconfortável com isso, eu entendo, mas espero que resulte em uma conclusão bem-sucedida. Faz sentido?

– Posso concordar com isso.

– Excelente. Coma um biscoito com um pouco de queijo. Você parece faminta e mal nutrida. Não seja tímida. E, se não bebe, não vamos fingir que bebe. O que gostaria?

– Estou bem, de verdade.

– Não estará bem depois que minha pimenta McAdoo chegar à sua boca. – Ela chamou Max. – Um copo de água, Max, com limão para refrescá-la. Um copo alto. *Tout suite!* – Ela voltou a atenção para Carmen, que estava pegando um biscoito e colocando um pedaço de queijo sobre ele. Afinal, verdade seja dita, ela estava mesmo faminta.

– O que aconteceu ontem à noite? – perguntou Babe.

Max já estava vindo em direção a elas com um copo de água sobre uma bandeja de prata. Uma fatia de limão estava presa na borda. Carmen pegou o copo, agradeceu, comeu o biscoito com queijo – e imediatamente bebeu a água.

– Viu só? – disse Babe. – Eu sabia que você precisaria da água. É a minha mistura. Tentamos vendê-la nas lojas, mas ninguém comprou. Não que eu me importe. As massas gostam dela suave, eu gosto dela forte.

A língua de Carmen parecia queimada. – Percebi.

– Você não é espanhola?

Ela assentiu.

– E é apimentado demais para você?

– É uma bomba nuclear.

– É assim que eu gosto. Então, vamos começar? O que aconteceu ontem à noite?

Carmen tomou outro gole d'água, começou pelo princípio e contou tudo a ela, em detalhes.

– Então, você matou um homem?

Ela assentiu.

– Mas poupou outro?

Ela assentiu.

– Devo dizer, foi genial a forma como se livrou dos outros homens. Três deles? Ligar para a polícia? Afastar-se deles caminhando porque sabia que eles não poderiam tocar em você com a polícia presente? É para esse tipo de coisa que eu vivo.

– Você disse isso antes. Posso perguntar por quê?

– Porque sou uma McAdoo.

– E o que isso tem a ver?

Babe tomou um gole de champanhe. – Eu nasci e fui jogada em uma vida absolutamente tediosa. Quando eu era pequena, tudo parecia um *script*. As expectativas da família e da sociedade eram esmagadoras. Meus irmãos e irmãs abraçaram ambas, pois isso trazia poder e status, que não me interessavam. Quando ainda eram vivos, meus pais deleitavam-se com suas posições pelos mesmos motivos. Mas eu não. Acho que, na época em que eu estava na faculdade, dei-me conta de que precisava de algo mais, mas não sabia o que, além

do fato de que precisava de aventuras. Algum tipo de intriga parecida com os livros de mistério que lia. Anos mais tarde, encontrei isso em um novo namorado. Descobri que ele era um assassino. Ainda é, na verdade. Tivemos um caso de amor. Ele é muito mais jovem do que eu – acho que ainda estava começando naquela época – mas não importava. Apesar de breve, tivemos momentos maravilhosos juntos. Eu era fascinada pelo que ele fazia. Ele era destemido, talentoso e brilhante. Nós nos demos maravilhosamente bem. Ele me apresentou a muitas das pessoas que, provavelmente, poderão nos ajudar agora. Parte de mim ainda vive alimentada por ele.

Carmen precisava perguntar. – Está falando de Spocatti?

– E se estiver? – ela deu de ombros como se não importasse. – Vamos direto ao ponto, Carmen. Quem acha que está por trás disso?

Ela contou a Babe sobre o consórcio. Contou sobre o que Laurent tentara fazer com ela e Alex, como o tinham matado no Four Seasons na frente de uma multidão reunida para celebrar o presente de Leana Redman para uma organização de prevenção ao suicídio e como Alex fora assassinado na casa dela em Bora Bora três semanas depois.

– Eu nunca gostei dos Redman – disse Babe. – Quer dizer, pelo menos a maioria deles. A forma como George Redman derrubou essa cidade para transformar tanto dela em sua propriedade é nojenta, por causa de alguns dos belos prédios antigos que perdemos. Mas eu gosto da filha dele, Leana. Eu a encontrei uma vez em uma festa beneficente no iate de Anastassios Fondaras. Aquela garota é brilhante. E é rebelde, gosto disso. Sempre achei que o pai dela a tratou muito mal, mas ele é esse tipo de homem. Sempre favoreceu Celina, quando eu teria escolhido Leana. Observe. Leana é ambiciosa e chega onde quer, não importa quem tenha que derrubar para isso.

Ela viu o olhar paciente no rosto de Carmen e terminou o champanhe. – Mas estou divagando. Esse consórcio sobre o qual falou – é claro, já ouvi falar dele. No decorrer dos anos, encontrei Laurent algumas vezes, apesar de ele só ter me dado atenção quando descobriu que eu era uma McAdoo. Ele adorou saber disso, como tantos, por motivos que fazem minha pele se arrepiar. Para

mim, ele parecia um verdadeiro filho da puta. Alguma coisa nele me deixava inquieta. Então, claro, quando descobri que ele era parte desse consórcio, minha inquietação fez sentido. — Ela olhou para Carmen. — Você sabe do que se trata esse consórcio, não sabe?

— Eles sempre mantiveram segredo, mas não é preciso ser um gênio para descobrir. Os homens e as mulheres que fui contratada para matar eram líderes empresariais. Presidentes de corporações. Esse tipo de coisa. Depois de cada assassinato, eu esperava alguns dias e procurava no Google a pessoa que substituíra aquela que eu matara. Algumas vezes, descobri que a empresa fora colocada à venda pela súbita falta de liderança. Quando descobria quem se beneficiava com a morte, tinha uma visão um pouco melhor de com o que eu estava lidando. O consórcio não é composto de apenas algumas pessoas. É composto de muitos homens e mulheres poderosos, a maioria deles tão ambiciosos que matariam para subir ainda mais dentro da própria empresa ou assumir uma outra empresa que está vulnerável.

— Laurent foi a única pessoa com quem você trabalhou?

— Não. Também trabalhei com um homem chamado Katzev. Acredito que ele seja responsável por eu e Alex termos sido seguidos até a ilha. Não sei com certeza, mas acho que ele queria vingar a morte de Laurent. Ele pegou Alex, mas não me conseguiu me pegar, o que resultou no que aconteceu na noite passada. Você o conhece?

— Eu o conheci há muitos anos.

Carmen não pôde conter a surpresa. Nem mesmo *ela* encontrara-se com Katzev. — Mesmo?

— Mesmo. Há muito tempo. Ele domina bem o sotaque, mas não é russo.

— Ouvi dizer que é escocês.

— Isso mesmo, mas é difícil detectar, não é? De alguma forma, acho que ele é ainda pior do que Laurent. Ainda mais perigoso, se é que isso é possível.

— Como você o conheceu?

— Por meio de Laurent. Foi só de passagem, e não gostaria de encontrá-lo de novo. Ele me deu arrepios. Provavelmente bate em mulheres. Tem certeza de que ele é responsável pelo que aconteceu com Alex?

— Eu não tenho certeza absoluta. Mas meu instinto diz que sim, e meu instinto nunca me falhou. Confio nele. Além disso, os fatos se somam. Matamos Laurent. Três semanas depois, nos encontraram, Alex foi assassinado e quase me pegaram. Não pode ser uma coincidência.

— Tudo isso parece apontar para o consórcio — disse Babe. — Mas e seus outros trabalhos? Você tem inimigos, já pensou neles?

— Spocatti me perguntou a mesma coisa. Serei franca com você, Srta. McAdoo...

— Babe.

— Babe. Na vida de qualquer assassino, sempre haverá alguém à sua procura. O troco é a natureza do jogo. Poderia ser outra pessoa? Claro. Mas não acho que seja.

Babe se inclinou para a frente na cadeira, juntou as palmas das mãos e apontou os dedos para Carmen. — Eu também não acho — disse ela. — Na verdade, eu sei que Katzev está por trás disso. Quer saber como eu sei?

Carmen ficou intrigada pela súbita reviravolta. McAdoo sabia? — É claro.

— Achei que sim. — Babe virou-se na cadeira. — Max! — gritou ela. — Traga-o aqui.

CAPÍTULO 9

Carmen já fora enganada antes e ficou imaginando se estava sendo enganada agora. Babe McAdoo estava chamando Katzev? Ela se juntava ao consórcio para que pudesse ter as aventuras de que precisava para viver completamente? Ela telefonara antes para ele e o chamara à casa dela, sabendo que logo Carmen estaria ali?

Os pensamentos de Carmen voavam. Spocatti confiava em Gelling, o que significava que ele confiava nos contatos do homem. Mas, em algum momento, Babe podia ter passado para o outro lado, como muitos faziam. Ela olhou para Bebe. A mulher olhava por sobre o ombro, em direção à entrada da sala, e parecia relaxada. Havia um traço de sorriso nos lábios dela.

Um sorriso satisfeito?

Carmen prestou atenção e ouviu passos vindos da outra ponta de um corredor que não enxergava. Ela estava sentada no centro da sala. A porta para o corredor ficava à sua esquerda. Instintivamente, ela levou a mão ao lugar onde guardava a Glock e imediatamente se arrependeu de tê-la entregue a Max ao entrar na casa.

Babe olhou para ela. — Não tenha medo — disse ela. — Estamos aqui para ajudá-la, Carmen.

— Vocês quem?

— Você verá.

Quando ela viu, ficou sem fala. O instinto tomou conta dela, que se levantou e olhou em torno procurando algo com o que se proteger. Babe também se levantou e colocou a mão no braço de Carmen. Com um safanão, Carmen se afastou.

— O que é isso? — perguntou Carmen.

— Não é o que está pensando.

— O que diabos eu deveria pensar? — Carmen apontou para o homem que conhecia apenas como Jake. O homem que a seguira na noite anterior. O homem que entrara em um táxi com ela na noite

anterior. O homem que saíra do bar, a entregara para os homens de Katzev e quase fizera com que fosse morta na noite anterior. — Pare — disse ela. — Bem aí. Pare.

— Por quê? — perguntou ele, sem parar. — Você está desarmada. Tem metade do meu tamanho. Não me diga o que fazer, Carmen.

Ela virou-se para Babe McAdoo. — Você armou para mim?

Babe pareceu ofendida. — É claro que não. Ele está aqui para ajudá-la.

— Ajudar? Quase morri na noite passada por causa dele. Ele enviou aqueles homens diretamente a mim. Você sabe disso.

— Eu não tive escolha — disse ele.

— Você tinha todas as escolhas — disse Carmen.

— Não, eu não tinha. Foi por isso que deixei aquele bilhete, para lhe dar uma vantagem. Não seja ingênuo. Eles estavam me seguindo e nos viram na rua. Por causa do trânsito, nós os despistamos em um sinal quando estávamos andando pela cidade, mas isso não os impediu de me enviar uma mensagem. Quando chegamos ao bar, esperei que você desse o telefonema antes de ver a mensagem. Era uma ordem para ligar para eles, e eu o fiz. Eles me ameaçaram, queriam saber onde estávamos, então eu contei. Você teria feito a mesma coisa. Só o que temos é nossa própria sobrevivência, Carmen. Você, dentre todas as pessoas, sabe disso. Pelo menos eu lhe avisei antes de dar o fora. Eu não precisava fazer isso, mas fiz.

— Então, agora você está fugindo deles?

— Estou.

— Certo. — Novamente, ela olhou para Babe. — Por que está fazendo isso? Eu não confio nele. A não ser que esteja do lado dele, você também não deveria. Se alguma coisa acontecer comigo, você sabe que Spocatti matará vocês dois.

Babe McAdoo ergueu o caftan amarelo nos lados e deixou o tecido flutuar contra o corpo esguio. — Apesar de eu adorar o drama que está fazendo, Carmen, não adianta nada, então pare com isso. Spocatti não fará nada disso. Você está exagerando. Fique quieta e escute. Estou dizendo a você, não é nada disso que está pensando. — Ela olhou para Max. — Traga-me o telefone, por favor.

Max pegou o telefone na mesa atrás de si e levou-o para Babe. Babe discou e entregou o telefone para Carmen. — Vá em frente —

disse ela. — Pegue o telefone antes que ele atenda.

— Antes que quem atenda?

— Spocatti. Estamos aqui para ajudá-la. Ele dirá isso a você. Ele sabe que estamos nessa sala. Você está vendo a situação de forma errada. Ele esclarecerá tudo e poderemos continuar.

Levou um momento antes que Spocatti atendesse e, quando o fez, parecia que estava sem fôlego. — Alô — disse ele.

— É Carmen. Você está bem? Parece sem fôlego.

— Você precisará perguntar a ela se estou bem, Carmen. Quer falar com ela? Ela é adorável. Suada, nua e adorável. Eu sei que você sempre imaginou como seria ficar comigo, então eis sua chance. Ela lhe dirá se estou bem — se sou melhor do que passável — mas você precisará confiar em seu italiano, porque ela não fala inglês. Não que importe muito, ela está com a boca ocupada. Já lhe disse que adoro Capri?

— Vincent...

— Ah, e se está me telefonando sobre a situação em que está agora, você está bem. Babe é a melhor. Você deve ouvi-la. Confie nela. Eu a conheço há mais de vinte anos e ela é totalmente verdadeira. Ela me contou tudo antes de você chegar, pois eles sabia que teria perguntas e preocupações. Deixe-as de lado. Eu trabalhei com Jake, cujo nome verdadeiro você descobrirá em breve. O nome Jake é melhor. Você verá por que ele escolheu o nome Jake, em vez do nome que seus pais escolheram. Da mesma forma que você, ele está sendo pressionado pelo consórcio. Ele tentou ajudá-la na noite passada, mas os homens chegaram antes que pudesse fazer muita coisa. Não o culpe. Sempre protegemos primeiro nós mesmos, não importa o que aconteça. Você não é diferente. Se estivesse no lugar dele, teria feito a mesma coisa. Portanto, una forças com ele. Ouça Babe. Encontre Katzev. Aparentemente, é ele que você procura, de acordo com o que Jake me disse. E Babe. Agora, eu adoraria conversar mais um pouco, mas... esqueci o nome dela... está vermelha como um tomate e precisa de um momento para respirar. Mantenha contato. Sabe que estou aqui se precisar de mim. Portanto, espero ter notícias suas. Logo.

A linha ficou muda.

Ela desligou o telefone e o entregou a Babe. Babe o entregou

para Max, que atravessou a sala e o colocou na base. Vincent nunca armaria nada para ela, e Carmen sabia disso. Ela confiava nele como se fosse um irmão. Ela olhou para Babe e depois para Jake, que olhavam para ela como se não soubessem qual seria sua reação.

Ela não confiava em ninguém facilmente. Mas tinha que acreditar em Vincent. Em se tratando dela, ele nunca fora responsável por colocá-la em perigo.

Ela sentou-se em uma das cadeiras vermelhas.

- Babe, se tiver café, talvez nós três possamos conversar?
- Tenho minha mistura McAdoo particular – disse ela.
- Achei que teria. Presumo que seja forte.
- Vai explodir sua cabeça.
- Não é o que quero ouvir agora, Babe – disse Carmen.

CAPÍTULO 10

Max trouxe uma bandeja com um bule de café, xícaras, pires, creme, adoçante e biscoitos, colocou-a sobre a mesa entre Carmen, Babe e Jake e ofereceu-se para servir.

– Não precisa – disse Carmen. – Obrigada.

Ela serviu uma xícara de café preto, deu um gole, decidiu que era gostoso e pegou um biscoito açucarado do prato. Com exceção do biscoito e do queijo que comera mais cedo, não se alimentara o dia inteiro. Ela deu uma mordida e olhou para Jake.

– Qual é o seu nome verdadeiro? – perguntou ela.

– Fred.

– Então, Jake – disse ela. – Por que não me conta o que sabe? Por que queriam eu e Alex mortos?

– Você está no fim do ciclo – disse ele.

Ela sabia o que aquilo significava, mas queria pressioná-lo para ver o quanto revelaria. – E o que isso significa?

– Não é óbvio? Mesmo antes de matar Laurent, eles não queriam mais você. Achavam que você sabia demais e que era hora de investir em outras pessoas com as mesmas habilidades.

– Sabia demais sobre o quê?

– Não faço ideia.

– Você deve ter alguma ideia.

– Não tenho. Mas eles acham que vocês sabiam demais sobre alguma coisa. Talvez sobre eles. Talvez sobre algo que eles fizeram. Talvez sobre algo que Alex fez. Vai saber. – Ele se inclinou para a frente e serviu uma xícara de café. – Mas agora que você matou Laurent, também a querem morta por assassinar o colega deles. Talvez especialmente porque você o matou e ousou desafiá-los. Todos os recursos deles estão agora apontados para você, Carmen. Eles querem enviar uma mensagem aos outros agentes que trabalham para o consórcio. Mexa com eles e você vai morrer.

– Quantos estão atrás de mim?

– Um bom palpite? Outro agente recentemente me disse que o consórcio emprega umas dezessete pessoas. Um pouco mais, um pouco menos. Provavelmente mais. Antes da morte de Alex, isso incluía você, Alex, eu e os dois homens que morreram ontem à noite – aquele cujo peito você esmagou e o outro que foi atingido pelo caminhão. Conosco fora do circuito, sobram cerca de doze pessoas. Mas ninguém sabe ao certo.

– Por que você está fora do circuito, Jake?

– Fim do ciclo. Estão fazendo uma faxina. Aparentemente, eu também sei demais, apesar de não saber sobre o que e nem ter tempo de descobrir. Quero sair dessa cidade e dessa vida. Hora de mudar.

– Eis o que não faz sentido para mim – disse ela. – Se o consórcio o quer morto, por que concordou em trabalhar para eles na noite passada? Por que estavam enviando mensagens a você sobre a minha localização?

Ela olhou para Babe, que olhava para Jake com as sobrancelhas cerradas.

– Só eu que acho isso estranho? E você, Babe?

– Sim.

– Então, por que não explica, Jake? Como você é um alvo em um dia e o campeão deles no dia seguinte?

– Não sou o campeão deles, Carmen, mas vou contar o que aconteceu. Os dois homens contratados para me matar na noite passada provaram que o consórcio me quer morto. Eu precisava ganhar tempo e achar um jeito de sair da cidade em segurança. Por causa do que você fez a Laurent, achei que teria mais uma chance com eles e aceitei. Depois que o cara que me perseguiu morreu, entrei em contato com Katzev e prometi a ele que poderia entregar você. Disse a ele que sabia que queriam me matar, mas pedi uma chance de provar minha lealdade a eles. Portanto, usei meus contatos. Encontrei você. Ganhei tempo. Quando me deixou sozinho no bar, respondi à mensagem deles, deixei um bilhete para você e dei o fora antes que eles chegassem. Nós dois sabemos que, quando você é marcado para ser eliminado, é o fim. Claro, eu a encontrei para eles. Mas ainda tentarão me matar.

— Portanto, em outras palavras, você armou para mim por nada. Ele a estudou por sobre a xícara de café. — Não. Em outras palavras, ganhei um pouco de tempo. Você está nesse negócio há tempo suficiente para saber que não é uma coisa pessoal, Carmen. Também sabe que não lhe devo nada. Minha primeira responsabilidade é para comigo mesmo. Isso também vale para você. Se eu puder ganhar tempo e descobrir um jeito de sair dessa cidade e me afastar de Katzev e da turma dele, é o que pretendo fazer.

— Mas, mesmo assim, está sentado aqui — disse ela. — Por quê? Babe McAdoo virou-se na cadeira e olhou para Carmen com prazer estampado no rosto. — Finalmente — disse ela. — A melhor parte.

— Qual é a melhor parte, Babe?

— Vamos ter uma aventura — disse ela. — A maior e mais agressiva da minha vida.

Carmen viu e esperou.

— Será divertido — disse Babe. — Só nós três, com Spocatti a um telefonema de distância para ajudar, se precisarmos. Ah, e desde que receba telefonemas nossos com atualizações diárias para nutrir a parte dele que precisa ser alimentada para mantê-lo vivo, Gelling prometeu acesso a todos os contatos dele. E, claro, temos os meus, que vão muito além nas raízes de Nova Iorque do que Katzev pode imaginar. Afinal, essa não é a primeira vez que entro no *show*.

Carmen sustentou o olhar de Babe e ficou imóvel. Ela olhou para aquele passarinho *zen* estranho sentado à sua frente — o cabelo vermelho e o caftan amarelo contrastando com a sala que ela cobrira de ouro — e não pôde impedir suas entranhas de se revirarem. *Vamos*, pensou ela. *Diga em voz alta*.

— Não vê? — perguntou Babe McAdoo. — Vista sua armadura, Carmen. Vamos derrubar o consórcio.

CAPÍTULO 11

Enquanto Carmen estava com Babe McAdoo, Illarion Katzev se preparava para discursar para o consórcio.

Na enorme parede de aço inoxidável à sua frente, havia treze monitores de tela plana. No centro, um estava desligado em respeito a Jean-Georges Laurent, cujo rosto fora explodido no Four Seasons havia algumas semanas, de tal forma que precisara de um caixão fechado no funeral. As pessoas estalavam a língua de pena, não porque ele estava morto, mas porque algumas achavam que estavam sendo privadas de ver a natureza arruinada do que restara dele.

Os outros doze monitores, por outro lado, estavam ligados com imagens de pessoas descontentes do mundo todo, todas elas trancadas em salas seguras e transmitindo em linhas seguras.

Depois da morte de Laurent, essas pessoas eram o que sobrara do consórcio – três mulheres e nove homens. Nenhuma delas estava contente por estar ali naquele momento, apesar de entenderem a importância de precisarem deixar suas vidas empolgantes para trás para lidar com uma situação potencialmente perigosa antes que fosse tarde demais.

Para Illarion Katzev, aquele entendimento tornaria a reunião mais produtiva e, quando tomassem decisões, seria mais fácil lidar com a situação quando os planos fossem colocados em prática.

Depois da fuga de Carmen Gragera do Waldorf Astoria na noite anterior, Katzev decidira marcar a reunião em um esforço de ficar à frente da situação antes que Carmen fizesse o mesmo.

Cada pessoa que o fitava agora conhecia a extensão das habilidades de Gragera, que eram impressionantes. Ela não era alguém que eles tinham em baixa conta – alguns tinham medo dela – e esse fora um dos motivos pelos quais a tinham marcado para morrer algumas semanas antes, achando que era o momento de destruir a conexão que Carmen tinha com eles e buscar novos

talentos em outro lugar.

Mas o que mais os preocupava era o relacionamento amoroso dela com Alex Williams, que também consideravam uma ameaça. Uma terceira pessoa respeitada os informara que, por algum motivo, Williams estava reunindo informações sobre eles.

Em Bora Bora, tinham conseguido matar Williams, mas Carmen escapara. Todos concordaram que isso os colocara em perigo, pois provavelmente Alex compartilhara aquelas informações com ela. E, se essa suspeita fosse confirmada, com um trabalho investigativo bom o suficiente, aquele conhecimento poderia levá-la diretamente a eles. Isso era preocupante, pois como eram responsáveis pela morte do amante dela, todos acreditavam que ela buscaria vingança em breve.

Portanto, Illarion Katzev, um homem formidável, perto dos cinquenta anos, que fizera sua fortuna à moda antiga – por meio de assassinatos e cálculos implacáveis – leu pela última vez suas anotações enquanto os outros se preparavam para ouvir sua recomendação sobre a melhor forma de lidar com a esquiva Gragera.

– Colegas – disse ele, olhando para os monitores.

– Katzev – uma dúzia de respostas.

– Desde a noite passada, li nossos arquivos sobre Carmen Gragera e nossa história comum de sete anos. Não há dúvidas de que ela precisa desaparecer, como muitos de nós concordamos há algumas semanas, dada a ameaça que ela representava por causa do relacionamento com Alex Williams. A boa notícia é que, ao pesquisar as informações que compilamos sobre ela no decorrer dos anos, encontrei um possível calcanhar de Aquiles.

Ele esperou um momento e observou a impaciência em alguns dos rostos se transformar em interesse. – Carmen adora crianças – disse ele. – Não faço ideia do motivo, pois eu as detesto. Mas Carmen as ama de uma forma quase... anormal.

– Como sabe disso?

A pergunta veio de Conrad Bates, que era dono de uma parte maior do que devia de Las Vegas, considerando as dificuldades financeiras em que a cidade se encontrava. Ainda assim, em contrapartida, o portfólio dele tinha uma variedade de outras propriedades, a maioria delas hotéis localizados em Manhattan,

Chicago, Boston, Los Angeles e por toda a Europa, com atenção particular para Londres e Paris, onde os negócios dele prosperavam.

Ele era mais jovem que Katzev, um produto de uma das melhores famílias de Boston e que fizera algo produtivo com sua enorme herança. Ele era agressivo e não tinha ética, e essas eram qualidades que o consórcio prezava. Katzev nunca gostara dele, mas seus sentimentos não importavam muito. O que importava era o dinheiro que Bates levara para o consórcio e que, como o de todos os outros, era substancial. E era essencial para atingir o que cada um deles desejava ao avançarem, não só em direção a uma riqueza maior, mas em direção ao que realmente queriam: um poder inigualável.

– Olá, Conrad – disse ele.

– Illarion.

– Como está Vegas?

– Espero que possamos tratar disso em nossa próxima reunião.

– Aposto que sim.

– Mas, se puder responder à minha pergunta agora, acho que todos concordamos que isso é mais importante. Ou pelo menos é o que parece, dada a urgência dessa reunião.

– Ao ler os arquivos de Carmen, uma coisa ficou clara. Sempre que foi colocada em um trabalho que envolvia matar uma criança, ela recusou sem pensar duas vezes. Nunca disse o motivo.

Simplesmente recusou. Nos arquivos dela, há dezessete casos desse tipo enquanto trabalhou para nós.

– Quem se importa? – disse Bates. – Ela gosta de crianças, e daí? Alguns de nós gostamos. Aonde quer chegar?

Katzev manteve o rosto neutro, apesar de ter vontade de chamar o homem de idiota por não ter a imaginação de ver algo tão óbvio. – Se Carmen gosta tanto assim de crianças, então nós as usaremos para ameaçá-la.

– Ela tem filhos?

Dessa vez, a pergunta foi feita pela herdeira dos estaleiros, Hera Hallas, uma grega de oitenta anos. Katzev olhou para a mulher elegante com a pele bronzeada e os cabelos brancos chiques penteados para trás, presos em um rabo de cavalo. Novamente, ele viu que, quando jovem, ela devia ter sido de uma enorme beleza.

– Ela não tem filhos – disse ele.

– Se ela gosta tanto assim de crianças, por que não?
– Cuidar de crianças enquanto atira em adultos provavelmente é difícil – disse Conrad Bates.

– Eu diria que trocar fraldas e trocar pentes de armas seria um desafio para qualquer mãe solteira. Mas ainda não vejo a importância, Illarion. E daí se ela gosta de crianças?

Paciência, disse ele a si mesmo. *Paciência*.

– Ao ler as informações, algo mais se destacou: ela só contribui para uma instituição de caridade.

– Bebês Chorões Anônimos? – perguntou Bates. – Demência Prematura na Infância? Instituto dos Joelhos Arranhados de Montana? Fundação do Bicho Papão?

Hera Hallas revirou os olhos em reação aos comentários infantis. No monitor próximo ao dela, outro membro do consórcio, que estava em Paris, usava um *smoking* e começou a aparentar um ar impaciente. Katzev o viu olhar para o relógio. Como todos podiam se ver, ele ficou imaginando se Bates também detectara a impaciência do homem.

– Na verdade, Conrad, independentemente do desrespeito que trouxe a essa mesa, sem falar de seu cinismo sem fundamento, você não está tão longe da verdade, pois a instituição de caridade tem a ver com crianças. Sob a liderança de Franco, o pai de Carmen Gragera tornou-se um órfão dado não intencionalmente para adoção.

– O que diabos isso significa? – perguntou Bates.

– Se prestar atenção às notícias – e espero que o faça, Conrad, além das informações truncadas que a CNN apresenta – você se lembrará do escândalo que estourou na Espanha em 1989, quando foi revelado que trezentos mil bebês foram roubados logo após o parto. Alguém se lembra disso?

– Eu me lembro – disse Hera Hallas. – Foi horrível.

– Foi dito às mães – frequentemente jovens e solteiras e, portanto, consideradas inúteis sob o regime de Franco – que as crianças tinham nascido mortas. Ou que morreram logo após o parto. Quando a mãe pedia para ver a criança, mostravam, à distância, o corpo de um bebê que o hospital guardava em um congelador. Por quê? Porque a criança já fora vendida pela Igreja Católica. O casal adotante que pagara pela criança era geralmente influente e

membro da igreja. Portanto, era considerado mais adequado para criar a criança do que uma mãe solteira, considerada uma desgraça por Franco e, naturalmente, pela igreja. Franco morreu em 1975. A igreja continuou essa prática por mais quatorze anos e só parou quando o escândalo veio à luz por causa de um homem que, em seu leito de morte, revelou a verdade ao filho, dizendo que o comprara por duzentas mil pesetas. Cerca de mil e quinhentos dólares. Foi uma sensação, manchete no mundo inteiro. Outra bala no coração da Igreja Católica. Certamente você ouviu falar disso, Conrad.

Bates hesitou, mas, claro, disse que ouvira.

Mentira, pensou Katzev. Mas continuou. — Para o pai de Carmen, o problema foi além do rapto. Os pais que o compraram e criaram eram cristãos devotos. Monstros. Eles o compraram com a única intenção de abusar dele, achando que, ao espancar essa criança nascida de uma mulher que consideravam uma prostituta, certamente seriam recompensados quando chegasse a hora de entrar nos portões do céu. — Ele abanou a mão. — Ou algo assim. Eles foram um horror com o garoto. Fizeram coisas indescritíveis com ele. Nerón Gragera só conseguiu livrar-se quando tinha dezesseis anos e os esfaqueou até a morte enquanto dormiam. Ele desapareceu por anos. Ninguém sabia para onde tinha ido. Foi nessa época que ele conheceu as pessoas certas — pelo menos, no que dizia respeito a ele — e foi treinado para se tornar um assassino.

— Então, o fruto não cai longe da árvore — disse Bates. — Fantástico. Mas o que isso tem a ver com o motivo dessa reunião?

— Carmen Gragera é uma mulher rica — disse Katzev. — Ela e o pai eram muito próximos. Não é coincidência o fato de que boa parte do dinheiro dela vai para um orfanato em especial em Madrid e para sete abrigos St. Vincent no Queens e em Staten Island. Cada um deles cuida de crianças perturbadas, todas com cicatrizes emocionais. Ela dá milhões por ano para garantir que cada uma das organizações dê às crianças os melhores cuidados, incluindo alojamentos, escolas, acesso a médicos e psiquiatras treinados especificamente para lidar com crianças e adolescentes perturbados. Quando pode, ela visita as crianças. Apegou-se a muitas delas, especialmente as de Nova Iorque, pois é aqui que Carmen passa boa parte de seu tempo. Eu acho que ela doa tanto dinheiro porque quer

homenagear o pai. Depois da experiência dele, Carmen mexeu fundo no dinheiro que tem e apoia ativamente duas organizações que dela e dos resultados do seu sucesso. Acho que Carmen cuida dessas crianças porque sabe que, ao fazê-lo, eles terão cuidados adequados e não sofrerão o mesmo destino que o pai dela.

– Como descobriu isso? – perguntou Hera Hallas.

– Não há nada que eu não possa descobrir, Hera. Se ler nas entrelinhas, muito disso está nos arquivos. Parte foi uma investigação que fiz. Com ele, comecei a montar o cenário completo. O que não consegui descobrir sozinho precisou apenas de alguns telefonemas.

– Mas para quê? – perguntou Bates.

– Não consegue imaginar? – A pessoa que falou foi o parisiense, Marius Aubert. Katzev olhou para ele e viu que fitava Bates, a impaciência do homem tão grande quanto a tensão na sala. – Obviamente, Illarion planeja ter como alvo uma das organizações. Presumo que seja St. Vincent, por causa da proximidade e porque Carmen agora está em Nova Iorque. Ele ameaçará Carmen com aquelas crianças. Dirá a ela que, se não se entregar, ele matará uma por uma das crianças até que se entregue. – Os olhos de Aubert ergueram-se para Katzev. – Estou certo, Illarion? É o que planeja fazer? Trocar a vida das crianças pela dela?

– Algo assim, Marius.

– E depois? – perguntou Hera Hallas. – Não sou nenhum anjo, mas matar crianças inocentes, especialmente com os números que mencionou, parece extremo, cruel e desnecessário.

– Não chegará a tanto – disse Katzev.

– Como sabe disso?

– Porque eu conheço Carmen e ela me conhece. Ela sabe que irei até o fim se me forçar a isso. Não pensará duas vezes. Ela sabe que incendiarei um ou mais daqueles abrigos se for preciso para fazê-la se entregar. Teremos notícias dela. Ela fará o que for necessário para proteger aquelas crianças.

– Ela arriscará a própria vida? – perguntou Hera Hallas.

– Acredito que sim.

– Carmen Gragera tem seu próprio exército de contatos – disse Hallas. – Se ela desconfiar de alguma coisa, cercará aqueles abrigos.

– Deixe que o faça.
– Você está sendo muito superficial, Illarion. Como pretende fazer isso?

– Basta assistir – disse ele.
– Prefiro ouvir o seu plano, e não o que Marius acha que você fará. Acho que todos gostaríamos de ouvi-lo.

Ele sabia que esse momento chegaria e contou o plano a eles. Observou os rostos primeiro mostrarem ceticismo. Viu quando pensaram bem sobre o que haviam acabado de ouvir. E depois viu quando os olhares encontraram-se com o dele com o que parecia admiração ou respeito. Ele decidiu que qualquer um dos dois servia.

– Alguma pergunta? – perguntou ele.

A sala ficou em silêncio.

Katzev olhou para Conrad Bates, que o observava. Ele inclinou a cabeça, esperando que Bates desse uma resposta sarcástica. Quando viu que nem mesmo ele tinha nada a dizer, soube que seu instinto estava certo e que, se quisesse ter sucesso, precisava agir rapidamente.

CAPÍTULO 12

Illarion Katzev, cujo nome de batismo era Iver Kester, nascera em Aberdeen, Escócia, antes de assumir a identidade russa para manter segredo dentro do consórcio que ele ajudara a criar com Jean-Georges Laurent, e tinha casas em Aberdeen, Moscou e Manhattan.

Era somente em Aberdeen, onde os amigos e os familiares o conheciam como o garoto que viera de um lar modesto e violento, destruído por um pai alcoólatra, que ele usava o nome verdadeiro. Em sua cidade natal, ele era conhecido por ser um empreendedor bem-sucedido nos Estados Unidos e um exemplo do que podia ser conseguido com coragem, sorte e trabalho duro.

O pai morrera havia muito tempo, mas a mãe, com setenta anos, ainda estava viva e ele a visitava uma vez por ano. Geralmente, passava uma semana, e era paparicado pela mãe, os velhos amigos, as tias, os tios e os sobrinhos. Eles o conheciam somente como Iver, que deixara Aberdeen quando tinha vinte anos e fora para os Estados Unidos, onde trabalhara longas horas para acumular uma fortuna comprando e vendendo imóveis, enquanto a família permanecera em Aberdeen para trabalhar na fazenda.

O que a família e os amigos dele não sabiam era a vida secreta que ele levava.

Eles não sabiam que ele usava o nome Illarion Katzev, não sabiam que ele passara anos com um professor para aprender a falar russo fluentemente e também não sabiam que ele passara o mesmo tempo com o mesmo professor para aperfeiçoar o sotaque russo ao falar inglês.

Havia mais.

Eles não sabiam que ele tinha uma casa em Moscou para reforçar a crença de que era, de fato, russo. Sabiam sobre o apartamento em Manhattan, mas, como não tinham dinheiro para visitá-lo, não

tinham ideia de que o apartamento era uma cobertura enorme na Quinta Avenida. Sabiam que ele se dera bem na vida, mas nunca suspeitaram que acumulara milhões. E certamente não sabiam sobre o consórcio, que aumentava aqueles milhões exponencialmente.

Para eles, ele sempre seria Iver, que trabalhara duro quando era jovem em qualquer trabalho aleatório que pudesse conseguir em Aberdeen, em um esforço para comprar uma passagem só de ida para os Estados Unidos, onde estava determinado a mudar o curso de sua vida em Manhattan. Ele tivera sucesso, mas por caminhos que nunca saberiam nem entenderiam.

Na cobertura, Illarion acabara de chegar do escritório da Madison, onde falara com o consórcio e eles concordaram com seu plano de encurralar Carmen Gragera e assassiná-la. Na sala de estar, com vista para o Central Park, ele serviu uma dose de uísque com soda e pensou sobre o plano.

Carmen escolhera dar uma parte significativa de seu dinheiro para os abrigos de St. Vincent. Ele descobrira que os abrigos cuidavam de mais de setenta adolescentes, que se beneficiavam diretamente da generosidade de Carmen. Mais cedo, ele telefonara para St. Vincent e conversara com uma mulher sobre fazer uma doação. — Quero ter certeza de que é o mesmo lugar para o qual minha amiga, Carmen Gragera, faz suas doações. Falamos sobre isso no jantar uma noite dessas. Tenho quase certeza de que ela mencionou St. Vincent.

A mulher se animou ao ouvir o nome de Carmen. Dissera que tinham um relacionamento muito próximo com ela e que Carmen era fundamental nas vidas de muitas crianças.

— Conhecemos Carmen muito bem — dissera a mulher. — Ela é um anjo. Trata as crianças com respeito e bondade, não importa a idade delas ou o que possam ter feito no passado. Não sei dizer quantas vidas ela mudou. Somos muito gratos pelo apoio que ela nos dá.

— Há alguma criança em particular que Carmen tenha *adotado* como sua? — perguntou Katzev.

— Essa é fácil — dissera a mulher. — Há três, todas garotas jovens que, nesse momento de suas vidas, provavelmente são velhas demais para adoção. Duas têm quinze anos e a outra tem quase dezessete.

Provavelmente ficarão conosco até terminar o segundo grau, que será em breve. Carmen manda cartas todo mês e as visita quando pode. Acho que ela vê aspectos de si mesma nelas, especialmente em Chloe, de quem é mais próxima. Sei que ela acha que pode ajudá-las só ao ser amiga delas e oferecer conselhos sobre como seguir suas vidas.

— E quem melhor do que Carmen para isso? — disse ele, sem um rastro de sarcasmo. Por dentro, tinha vontade de rir do absurdo da situação. — E qual é o nome das outras duas garotas? — perguntou.

— O primeiro nome?

— Sim.

Dar o primeiro nome delas não violava as regras de confidencialidade impostas pelo conselho diretor de St. Vincent. Ela deu a ele os nomes, que os anotou.

— Elas pensam em Carmen como uma irmã — disse a mulher. — Talvez o mais próximo que terão de uma mãe substituta. O que puder fazer por elas e pelas outras crianças será uma bênção. Não tenho vergonha de dizer que dependemos desse tipo de generosidade.

— Você tem meu apoio total — disse Katzev. — Mas quero que minha doação seja uma surpresa para Carmen. Podemos manter isso entre nós?

— É claro! Eu adoraria surpreendê-la.

— É o que eu esperava. Sei que ela ficará muito feliz. As garotas estão indo bem no colégio?

— Muito bem, todas as três.

— Que maravilha. Tenho certeza de que a influência de Carmen ajudou. A escola é muito importante quando, provavelmente, o próximo passo é a faculdade. Que escola elas frequentam? Talvez eu consiga colocá-las em escolas particulares.

— Elas frequentam a mesma escola e é uma das melhores.

— E qual é?

— Forest Hills, perto do Rego Park, no Queens.

— É uma boa escola — disse ele, anotando o nome.

— E é difícil entrar nela, mas Carmen cuidou de tudo, fez a mágica dela. Elas devem voltar da escola em breve. Gostaria de vir até aqui e conhecê-las?

— Hoje não posso — disse Illarion Katzev. — Mas, com certeza, farei uma visita em breve.

LIVRO DOIS

CAPÍTULO 13

Na manhã seguinte, Carmen acordou sobre um conjunto de toalhas que tinham um cheiro tão forte de alvejante que ela se surpreendeu de não ter morrido asfixiada durante a noite.

Com as cortinas fechadas, o quarto do hotel parecia cinzento, mas estava tão claro ao longo das bordas da cortina que cobriam as janelas que ela podia ver o sol brilhando do lado de fora.

Ela colocou os pés no chão ao lado da cama e olhou em torno. Na cadeira do outro lado do quarto estavam as sacolas que largara ao voltar na noite anterior depois de comprar as roupas e artigos de higiene nas lojas próximas ao hotel. Graças ao mensageiro de Babe McAdoo, na mesa do quarto estava um novo MacBook Air. O hotel tinha rede sem fio, que Carmen considerava como sendo a coisa mais próxima de um milagre que veria na vida. Portanto, ela estava novamente conectada com o mundo, o que era essencial.

Ela pegou o telefone na mesa ao lado e pressionou o botão da recepção. – Eu gostaria de um bule de café, por favor.

– Aqui no Holiday Inn Express, temos um café da manhã de cortesia, que inclui o café Folgers Gourmet e que está sendo servido nesse momento na área de jantar.

– Folgers Gourmet? Tem certeza de que o nome é esse?

– Se tenho certeza?

– É, tem certeza de que não leu o nome errado?

– Mas é o que diz na lata. *Folgers Gourmet*. Vi com os meus próprios olhos.

– E não está escrito errado?

– Por que estaria?

– Que tal me mandar um bule?

– Você pode tomar uma xícara de café e comer bastante em

nossa sala de jantar.

– Então, agora é uma sala?

– Como?

– Há alguns momentos, você disse que era uma *área de jantar*.

– É uma área grande, onde servimos o café, e está cheia de clientes famintos.

– Pode, por favor, mandar um bule de café?

– Não oferecemos serviço de quarto, mas nosso serviço documentado de três estrelas é excelente em nossa área de...

Carmen desligou o telefone e colocou as mãos no rosto, esfregando-o em um esforço para acordar. Ela precisava comer e sabia disso. Havia dois dias que não comia nada substancial.

Mas ela não comeria nesse buraco, de jeito nenhum.

Ela foi até a janela com vista para a rua, abriu levemente as cortinas, fez uma careta por causa da luz brilhante e viu alguns restaurantes abertos. Todos eles pareciam razoavelmente cheios, o que era promissor. Ela encontraria Babe e Jake mais tarde na casa de Babe na Park, mas tinha tempo para um banho rápido e um café da manhã. Pegou uma calça *jeans*, um sutiã, uma calcinha e um suéter de uma das sacolas, arrancou as etiquetas e colocou as roupas sobre uma pilha de toalhas. Pegou a Glock da mesinha de cabeceira, verificou o pente, colocou a arma na pia ao lado do chuveiro, ligou a água e entrou sob ela. Surpreendentemente, a pressão da água era boa e a temperatura, quente. *Um ponto para o Express*, pensou ela.

Ela estava secando os cabelos com o minissecador do hotel quando o celular tocou. Carmen desligou o secador, foi até o quarto e pegou o telefone que estava sobre a mesa para ver quem estava telefonando.

Carmen teve um sobressalto quando viu que era Katzev.

Ela ponderou se atendia ou não. O instinto e a experiência lhe diziam que qualquer coisa poderia acontecer se atendesse, portanto, resolveu deixá-lo falar primeiro com a secretária eletrônica. Melhor não falar com ele ainda. Se deixasse uma mensagem, ele avisaria por que estava telefonando.

Pelo menos até certo ponto.

Ela segurou o dispositivo e esperou. Levou mais tempo do que esperara, mas finalmente veio o bipe sinalizando que uma

mensagem fora gravada. Ela colocou o telefone no viva-voz e escutou.

— Carmen — disse ele. — Está me ignorando? Mesmo? Depois de todos esses anos? É uma pena. Eis outra pena. Eu sei o quanto gostaria de assistir à formatura de Chloe na escola no ano que vem, mas isso poderá não acontecer por um de dois motivos. Você se entregará para que ela possa se formar e, portanto, viver o resto da vida dela, ou pretendo matá-la se você não se entregar. É claro, há uma possibilidade de que não se entregue, que a sacrifique porque realmente é tão fria quanto acho que é. Então, eis a situação. Descobri que você dá muito dinheiro e apoio a St. Vincent, e eles têm sete abrigos no Queens e em Staten Island. Se você não se entregar, incendiaremos os abrigos durante a noite, quando todos estiverem dormindo, incluindo as duas outras garotas que você admira, Valencia e Shenika. Você me entendeu? Todos dentro dos abrigos morrerão. Então, seja sensata. Você teve uma vida emocionante, então por que privar aqueles garotos reabilitados de ter algumas aventuras? Eles não merecem? Vou desligar agora, mas saiba que, se eu não tiver notícias suas logo, nunca saberá o que farei. Ou o que já fiz. Você sabe o meu número. Sugiro que me telefone e combinaremos um horário para que venha aqui para discutirmos o motivo de sua eliminação. Bem no fundo, você já sabe o motivo. Mas, para sermos justos, caso ainda esteja no escuro sobre o assunto, nós lhe diremos pessoalmente e lhe daremos uma oportunidade de responder antes de agirmos.

A linha ficou muda.

Carmen largou o telefone e puxou os cabelos para trás, afastando-os do rosto, torceu-os furiosamente atrás da cabeça, deu um nó e apertou.

Aquelas garotas significavam tudo para ela. Suas contribuições davam suporte a todos em St. Vincent, mas, por anos, aquelas três garotas tiveram o amor e a amizade dela e receberam o máximo possível de tempo que ela pudera lhes dar. Talvez não pudesse ter os próprios filhos, mas tinha aquelas garotas, que eram como filhas. Ela as conhecia há oito anos, conhecia suas esperanças e seus sonhos, sabia sobre seus passados podres e faria o que pudesse para protegê-las.

Katzev mencionara Chloe. Ele já fizera alguma coisa com ela? Se não, estava prestes a fazer.

Ela pegou o telefone e discou o número de Spocatti.

– Isso está se tornando um hábito – disse ele.

– Está ocupado?

– Na verdade, ainda estou em Capri, aproveitando o sol. Eu disse a Babe que ajudaria no que pudesse. Não tenho nada programado na próxima semana, então posso conversar.

– Para onde vai a seguir?

– México.

– Lamento.

– Não importa. Todas aquelas coisas desagradáveis que me pediram para fazer lá pagarão uma casa aqui, onde decidi que quero morar, pelo menos durante parte do ano. Já estive aqui?

– Só uma vez. – Anos antes, o pai a levava a Capri para um trabalho. Ela era jovem, a situação era tensa, o trabalho era difícil, mas também emocionante. Ao terminar, o pai dissera que queria pagar uma cerveja a ela, que acabou virando cinco. Eles foram a um pequeno bar escondido em uma esquina aleatória de Capri, que estava vazio, pois era o meio da tarde, e havia somente uma janela com vista para a rua. Mas o pai preencheria o espaço com histórias sobre a vida dele que Carmen não conhecia na época e que relembra agora. – Não me lembro muito bem – disse ela. – Foi há muitos anos. Mas me lembro que era linda.

– É só disso que se lembra sobre Capri?

– Eu fui até lá para fazer um trabalho, Vincent. Não para passear. E, especialmente, não fui até lá para um caso de uma noite. – Ela não mencionou o pai. Spocatti não sabia nada sobre ele.

– Então você não sabe como viver. Mas qual é o problema agora?

Ela contou a ele.

– Esse Katzev é ardiloso – disse ele. – Falaremos sobre ele em um minuto. Primeiro, estou surpreso por você, Carmen. Você realmente dá dinheiro para os pobres? Quem faz isso? E por que é tão apaixonada por crianças? Foi por isso que não quis matar aquela bruxinha hispânica no trabalho de Wall Street? A que dormiu sobre a mesa da cozinha? Aquela que *eu* tive que matar?

– Eu não mato crianças, Vincent.

– Um dia, com uma garrafa de vinho, em minha *villa* em Capri, terá que me contar o motivo. Quero dizer, pense bem. É como bater em uma *piñata*, só que cai dinheiro. Se me derem como alvo um moleque de seis anos para execução porque os pais dele não entram na linha, estou dentro. Dinheiro rápido. Basta sentar em silêncio atrás de alguns arbustos, observá-lo correr cegamente em um parquinho como um zumbi e, quando finalmente ele se sentar para cavar na terra como um cachorro, *bam!*, subitamente estará sangrando e criando o tipo de confusão que as crianças sempre criam. E parto para o próximo trabalho.

– Não é meu estilo.

– Sua consciência me mata, Carmen, mas é um dos motivos pelos quais gosto de você. Todos temos os nossos limites, só que ainda não encontrei o meu. Provavelmente gatinhos.

– Vincent...

– Então, sobre Katzev – disse ele, acabando com a brincadeira. – Ele fará o que disse que fará. Ambos sabemos disso. Uma de suas garotas estará morta em breve se você não telefonar para ele e se entregar. Se não o fizer, ele provavelmente usará outra garota como alvo. E assim por diante, até começar a incendiar os prédios. Está preparada para morrer por essas crianças?

– Sim.

– Quem está falando? – perguntou ele, dessa vez com um tom de impaciência na voz. – Carmen? Uma impostora? Aparentemente, não a conheço tão bem quanto pensava.

– Não conhece.

– Muito bem – disse ele. – Então você quer salvar a humanidade de Katzev.

– Não. Quero enfiar uma bala na cabeça dele por matar Alex, por querer me matar e por ameaçar aquelas garotas e St. Vincent. Por falar nisso, a ironia do nome St. Vincent é impressionante, não acha? Talvez seja sua dica para entrar em ação.

– O que quer que eu faça, Carmen?

– Preciso de alguma coisa sobre ele. Talvez o nome verdadeiro, que posso ameaçar de enviar ao meu contato na polícia de Nova Iorque. Eu o pagaria com prazer para investigar Katzev, o que colocaria o consórcio em perigo. É esse tipo de informação de que

preciso. Alguma coisa que o assuste a ponto de fazê-lo recuar até que eu descubra onde ele mora e mate-o.

— Já sabemos onde ele mora, Carmen.

Ela ficou sem palavras. Uma onda de perguntas a invadiu, e a primeira delas era por que não lhe tinham dito isso antes. Spocatti falou antes que ela pudesse responder.

— Babe telefonou para Gelling essa manhã para dizer como as coisas andavam. Ouvi dizer que isso permitiu que ele respirasse uma vez mais e que o coração dele continuasse batendo. Portanto, bom para Babe. Aparentemente, Gelling estava trabalhando com seus contatos desde que você o visitou. Ele encontrou seu Katzev. Babe planejava contar isso hoje à tarde quando você fosse até lá para discutir estratégias. Gelling também tem outras informações, mas Babe não me contou, pois não perguntei. Dada a urgência de sua situação, recomendo que entre em contato com ela agora, conte sobre a mensagem de Katzev e sugira que se encontrem imediatamente para que consiga chegar à frente, antes que ele faça alguma coisa.

O telefone fez um clique, avisando que outra mensagem fora deixara. Ela agradeceu a Vincent, desligou e ouviu a mensagem. Era de Sheila Paige, uma das administradoras de St. Vincent que ela conhecia há anos. Ela parecia estar à beira do pânico, o que era incomum. Enquanto ouvia a mensagem, Carmen entendeu o pânico da mulher e por que suas entranhas se contorciam. Ele agira.

Sequestrara Chloe.

CAPÍTULO 14

Dentre todas as propriedades que Illarion Katzev tinha em Manhattan, somente duas eram depósitos. O primeiro era inútil, pois estava cheio de itens para os quais não tinha espaço nos restaurantes ou nos hotéis, enquanto que o segundo era perfeito para suas necessidades, pois continha apenas sua crescente coleção de carros esportivos.

Portanto, esse depósito era espaçoso – nenhum dos carros estava estacionado perto dos outros. Ainda melhor, havia espaço suficiente para os outros carros que Katzev planejava comprar em breve, como o Mercedes Gullwing.

Os que ele tinha agora estavam simplesmente lá para quando precisasse sair à noite ou se quisesse apenas olhar para eles, tocá-los, sentar dentro deles e lembrar-se, com surpresa, mesmo nesse ponto de sua carreira, de que eram seus.

Ele adorava todos eles, aqueles trabalhos brilhantes de arte que cintilavam sob os holofotes posicionados no teto. Quando era garoto em Aberdeen, quando era apenas o pobre Iver Kester, o menino que colecionava revistas de carros e sonhava que uma vida melhor existia além da pobreza que ele conhecera na fazenda, mas não aceitava, Katzev nunca pensara que um dia conseguiria reunir uma coleção como essa.

No centro do aposento, havia algo diferente.

Sentada em uma cadeira de metal sob outro holofote, estava uma jovem com um capuz preto sobre a cabeça. Os pulsos estavam algemados e as mãos apoiadas sobre o colo.

Dois homens armados estavam ao lado dela. Além de pedir para usar o banheiro ou para tomar um gole de água no bebedouro ao lado do banheiro, ela não dissera nada desde que fora sequestrada na tarde anterior, ao sair do colégio Forest Hill e voltar para o abrigo que St. Vincent oferecia.

Naquele momento, ela simplesmente estava sentada lá, com a boca fechada, um dom que provavelmente aprendera na época em que ficava nas ruas. Ficar em silêncio, às vezes, era o suficiente para mantê-la viva.

Katzev foi até ela e, pela primeira vez em várias horas, tirou o capuz. O gesto súbito e a luz forte que a cegaram assustaram-na a ponto de fazê-la recuar e afastar-se dele – não tanto de medo, mas, pelo olhar em seu rosto, de raiva.

Ele se ajoelhou ao lado dela.

Ela afastou-se ainda mais dele. Um cacho dos cabelos loiros caiu sobre o rosto e ela o empurrou para trás da orelha com as mãos algemadas. O lábio inferior tremia, mas ele sentiu que não era de medo. Olhando para ela, sentindo o calor do ódio que emanava dela, ele quase esperou que cuspsse nele.

– Como você está, Chloe?

A garota fez menção de falar, mas pensou melhor e permaneceu em silêncio. Ela olhou ao redor do depósito, olhou para os carros novamente, viu os dois homens parados a seu lado. Viu as armas deles e, à frente dela, viu algo novo. Uma câmera em um tripé, apontada para ela.

– Está tudo bem – ele disse. – Você pode falar. Ainda não está morta. Vou dar a Carmen nove horas para que a proteja. Acha que ela o fará?

– Por que estou aqui? – perguntou ela.

– Por que Carmen a ama – disse Katzev. – Qual é o seu sobrenome, Chloe?

– Por quê?

– Porque perguntei educadamente e quero saber. Você certamente não quer que eu seja mal-educado, quer?

– É Philips.

– Chloe Philips. Soa bem. Quantos anos você tem?

– Dezesesseis. Faço dezessete em dois meses.

– Um dia – antes que se dê conta, na verdade – não sentirá mais vontade de dizer que fará aniversário em dois meses. Isso, claro, presumindo que Carmen se entregue por você. Se ela não o fizer, talvez você morra com dezesseis, quase dezessete.

– Por que está fazendo isso?

Ele agiu como se não tivesse ouvido a pergunta. — Você é de um dos projetos, Chloe? De família pobre? Tirada dela pelo estado porque era maltratada? Não a alimentavam? Acabou em St. Vincent em um esforço de dar uma reviravolta em sua vida? É essa a sua história? Seus sapatos baratos dizem que sim.

Ela olhou para ele com uma expressão desafiadora. — É mais ou menos isso — disse ela. — Mas você se esqueceu da parte sobre meu pai ser um bêbado e minha mãe sair com qualquer um que a quisesse, incluindo o último que batia em mim. Mas, sim, é mais ou menos isso. Essa sou eu, sapatos baratos e tudo.

— Você é engraçadinha, hein? É influência de Carmen ou acontece naturalmente?

— Carmen me ensinou a enfrentar as coisas sozinha. Mas, quando se vem das ruas, como eu, rapidamente se aprende a lidar com idiotas como você. Carmen só me ajudou a melhorar minha habilidade, se é assim que quer chamar.

— Carmen diria que você está sendo irresponsável.

— Talvez. Mas é óbvio o que você vai fazer comigo, então por que eu deveria me importar? Por que não morrer em alto estilo? Minha vida não foi um grande pacote de presentes com um maldito laço vermelho, babaca. Foi uma merda desde o início, por que deveria terminar de forma diferente?

— Devo dizer que você fala muito bem para alguém tão jovem.

— Eu me dou bem nas aulas de inglês.

— Você pode ir longe.

Ela ignorou o sarcasmo dele e olhou em torno do depósito. — Esses carros são todos seus? — perguntou ela.

— Sim.

— Eles parecem muito caros.

— E são.

— Então, eles são uma compensação para um pinto pequeno?

Ele queria estender a mão e bater no rosto dela. Afinal, ele tinha mesmo o pinto pequeno. Mas, se o fizesse, sabia que a fúria dela se transformaria em silêncio, e ele não queria isso.

Inesperadamente, ele descobriu-se fascinado por ela.

Katzev levantou-se e a observou. Ela não era muito grande. Um pouco mais de um metro e meio de altura, talvez uns quarenta e

cinco quilos, a pele branca, que provavelmente ficaria vermelha sob o sol de verão, belos olhos azuis que estavam apertados e olhando para ele com dureza.

Quando eles a seguiram no dia anterior durante a caminhada da escola para o abrigo, havia alunos à frente e atrás dela, mas Chloe Philips andava sozinha, as costas retas, o passo determinado, a boca apertada, os sapatos baratos soando sobre a calçada.

Quando chegaram a um ponto em que um dos homens dele pudera caminhar ao lado dela e pedir que entrasse no carro parado à frente ou morreria, ela hesitara por um momento, olhara para ele, mas não oferecera resistência quando foi levada até o meio-fio. Fora a coisa mais peculiar que Katzev vira em anos. Ela simplesmente entrara na parte de trás do carro, sem fazer perguntas.

— Ontem — disse ele. — Quando a pegamos. Por que não lutou?

— Por que eu lutaria? — Ela acenou com a cabeça para o homem à direita dela. — O garotão aqui disse que me mataria. E ele tinha uma arma. Eu a senti quando ele se encostou nas minhas costas. Eu teria sido uma idiota se tentasse lutar, então fiz o que ele me disse.

— Estava assustada?

— Está falando sério?

— Mas você está tão calma agora. Desafiadora.

— Eu não dormi na noite passada. Em vez disso, tentei imaginar como isso terminaria. E só há uma resposta. Vocês vão me matar. É para isso que seus dois brutamontes estão aqui e é para isso que aquela câmera está aqui, para gravar tudo. É isso que acontece com gente como eu. Não vai terminar bem. Nunca terminou bem para mim, então por que eu deveria lhe dar a satisfação de me contorcer? Não vai acontecer. E, francamente, a essas alturas da vida, depois de ter apanhado de formas que você, com seus carros brilhantes, suas roupas bacanas e seus sapatos caros, nem consegue imaginar, não vale a pena.

— O que não vale a pena?

— A vida não vale a pena.

— Isso não é verdade.

— Ora, vamos. Agora, vai me dar uma lição de moral sobre o valor da vida quando está prestes a tirar a minha? Muito esperto, cara. Genial.

– Eu também vim do nada – disse ele.

– E olha o que isso fez por você. Transformou-o na pessoa excelente que é hoje. Tem orgulho do que você virou? Seus pais ficariam orgulhosos com o que está prestes a fazer? Com o que provavelmente já fez uma centena de vezes na vida?

– Nada disso é pessoal, Chloe, pare de agir como se fosse.

– Está de sacanagem comigo? Minha vida está em jogo. Não fica mais pessoal do que isso, cara.

– Você é só a isca. Nada mais.

– Mentira.

Fazia anos desde que alguém o enfrentara desse jeito.

Normalmente, quando ele colocava alguém na situação dela, a pessoa implorava, se desculpava, fazia promessas vazias e chorava. Implorava até não ter mais palavras. Chorava, gritava, pedia outra chance. Mas essa não. Ela estava furiosa e não se importava, por causa do que a vida fizera com ela. Ela o deixava confuso e intrigado.

Ele se virou e a encarou. – Vamos fazer uma coisa, Chloe.

– É mesmo? O quê?

– Você vai falar diretamente para aquela câmera. Depois vou enviar o arquivo de vídeo para Carmen. Não teste minha paciência dizendo a ela que está em um depósito. Vamos repetir, de novo e de novo, até que faça tudo certinho. Se recusar, nosso amigo não vai deixar as coisas agradáveis para você. Você é uma garota esperta. Basta dizer a ela que está assustada e que precisa da ajuda dela.

– Mas eu não estou assustada, já disse isso a você. Espero morrer aqui.

– Então finja que está assustada.

– O problema não sou eu – disse ela. – Eu sou a isca, lembra-se? Você está tentando atingir Carmen. Por quê?

Não importava se ela soubesse. Afinal, apesar do fato de ele admirar a coragem dela, ainda a mataria, pois ela vira seu rosto e poderia identificá-lo. – Carmen esteve envolvida com um homem chamado Alex Williams. Ela contou a você sobre ele?

– Não.

– Você sabe que ela é uma assassina?

– Isso é mentira.

— Na verdade, não. Mas ela ama você, então, tente perdoá-la. Será difícil, eu sei. Mas você vai conseguir.

Ele observou o rosto de Chloe transformar-se em pedra. Finalmente, ele encontrara um nervo.

— De qualquer forma, o amante dela descobriu informações sobre a minha organização e provavelmente contou a ela. Então, precisamos nos livrar dela. Achamos que ela tem informações suficientes para nos comprometer e, por isso, nós decidimos eliminar os dois.

— Vocês quem?

— O consórcio.

— O que é isso?

— Um grupo de pessoas como eu.

— Há mais pessoas como você?

— O mundo está cheio de pessoas como eu.

— E quem é você?

— Alguém que fará o que for preciso para conseguir o que quer.

— E quando é suficiente?

— Nunca é suficiente. Não para nós.

— Por quê?

— Porque não é assim que trabalhamos. Queremos tudo, independentemente do que é necessário fazer para conseguir. Somos iguais a qualquer governo ou líder político, então não nos julgue.

— Como você fez com os meus sapatos baratos?

— Lamento.

— Não importa. — Ela fez uma pausa. — Você sabe, é meio ridículo justificar suas ações comparando-se com líderes e governos corruptos. É engraçado. Você deve enxergar isso. A palavra-chave é *corrupto*.

— O que preciso ver daqui para a frente é uma atuação sua. Você vai olhar para aquela câmera, vai fazer uma cara de aterrorizada, e vai dizer a Carmen que foi sequestrada, que sua vida foi ameaçada e que, se ela não se entregar, você será assassinada.

— Você vai me matar de qualquer jeito.

— Não é verdade.

— Então acha que sou uma idiota. Eu amo Carmen. Ela significa tudo para mim. E eu duvido muito que ela seja uma assassina. Você

está mentindo. Se eu tivesse algum motivo para viver, seria por ela. Não vou entregá-la. Não vou gravar o seu vídeo.

– Não, de verdade, você vai.

– Não, de verdade, eu não vou.

– Tem certeza disso?

– Tenho certeza. Não vou participar disso. Não vou me associar com a morte de uma mulher que me deu mais apoio do que qualquer outra pessoa. Pode me matar se quiser. Como eu disse, além de Carmen e talvez um ou dois amigos, não tenho muitos motivos para viver. Lembro-me disso todas as vezes em que sou tratada com uma merdinha no colégio, e isso acontece praticamente todos os dias. Então, vá em frente. Já até pensei em me matar no passado. Qual é a diferença? Um de nós vai fazê-lo. Então, vá em frente.

– Na hora certa – disse ele. Katzev olhou para o homem ao lado dela e acenou com a cabeça. Com um movimento rápido, a coronha da arma dele bateu na têmpora de Chloe Philips e a deixou inconsciente. A cabeça caiu em direção ao peito. Os cabelos loiros cobriram o rosto. Katzev a estudou, decidindo que os cabelos teriam que mudar de lugar para revelar o rosto dela. Olhando para Chloe, ele achou que também precisavam de um pouco de sangue para transmitir uma mensagem de seriedade.

– Bata na boca dela – disse ele.

O homem que tinha batido na têmpora dela o fez, com força, e o lábio começou a sangrar. Com a força do golpe, o sangue espirrou no queixo e pingou no suéter cinza.

– Tire os cabelos da frente do rosto.

O homem obedeceu.

Katzev se aproximou e posicionou a cabeça de Chloe de forma que ficasse ligeiramente inclinada para baixo e para a direita. Não haveria dúvidas sobre quem ela era quando o vídeo fosse assistido.

Ele foi para trás da câmera, ligou-a e colocou o foco em Chloe Philips. Satisfeito, ele começou a falar para a câmera, enviando para Carmen sua própria mensagem, acompanhada da visão ensanguentada da única jovem que ele sabia que ela amava.

Quando terminou, compactou o arquivo e o enviou em um *e-mail* criptografado para o telefone de Carmen.

CAPÍTULO 15

Babe McAdoo entrou na enorme sala de estar dourada, ao lado do vestíbulo, onde Carmen, sentada em uma das cadeiras vitorianas desconfortáveis, olhava para Jake, sentado à sua frente.

Não importava quantas vezes lhe dissessem que podia confiar nesse homem, seu instinto lhe dizia que não podia. Ela achava que ele era duas caras e, pior, inescrupuloso. Não o queria aqui. Mas sabia que, se quisesse ir até o fim, não podia insultar Spocatti nem Babe, que insistiam para que ela confiasse nele.

Portanto, ela ficaria de olho nele. Bem de perto. Se ele fizesse algum movimento errado, se afastasse um passo que fosse de suas verdadeiras intenções, presumindo que tivesse alguma, ela o mataria.

— Muito bem — disse Babe, aproximando-se e sentando-se na cadeira próxima a Carmen. — Sabemos onde Katzev mora. Sabemos que, em algum lugar, ele mantém Chloe Philips, uma das garotas de quem Carmen cuida com sua filantropia.

— Filantropia? — perguntou Jake. — É um pouco de exagero.

Babe lhe lançou um olhar frio. — Em meu mundo, Jake, chamamos de filantropia os milhões de que Carmen deu para St. Vincent. Em seu mundo, com seu ensino público e a criação de classe média, provavelmente isso é chamado de caridade. Eu garanto a você que, com a quantidade de dinheiro que Carmen doou nesses anos todos, o que ela fez chama-se filantropia. Mas não vamos nos ater às palavras. Temos uma situação com que lidar e não temos muito tempo para descobrir como resolvê-la da melhor forma possível.

Ela se virou para Carmen. — Você tem alguma ideia de aonde ele possa ter levado Chloe?

— Nenhuma.

— O que sabe sobre ele?

— Muito pouco. Sempre foi assim. O mesmo com Laurent, que só conheci brevemente. O consórcio é um enigma para mim. Foi assim que eles o montaram.

Babe virou-se para Jake. Ele era um homem grande e musculoso. Usava *jeans*, suéter preto, sapatos pretos. Ele era grande demais para a cadeira, o que provavelmente era o motivo para que estivesse inclinado para a frente. Os ombros largos não cabiam no encosto estreito e abaulado. As mãos estavam unidas à frente e Carmen notou que o terceiro dedo da mão direita dele não existia. Ela não notara isso antes e ficou olhando fixamente, tentando imaginar como ele o perdera.

— E você? — perguntou Babe a ele. — Seus negócios com o consórcio?

— O mesmo que Carmen. Você só fala com eles por meio de uma linha segura ou *e-mail* seguro. O trabalho é oferecido, os detalhes são fornecidos, você decide se quer aceitá-lo e negocia o dinheiro. — Ele olhou para Carmen. — Sempre que ela recusava um trabalho que envolvia matar uma criança, normalmente eu recebia a oferta. Obrigado pelos trabalhos, Carmen.

— Tenho certeza de que você gostou deles.

— Uma vida é uma vida.

— Não vejo dessa forma.

— O que diria a Spocatti?

— O que já disse. Não mato crianças, não aprovo isso. Há outras formas de lidar com uma situação.

— De qualquer forma — disse Babe, determinada a manter-se concentrada. — Gelling conseguiu descobrir onde Katzev mora. Pelo menos, um dos lugares onde mora. Mas esse é o endereço de Manhattan e o local é tão exclusivo, com um apartamento tão grande, que tenho certeza de que é sua residência principal na cidade. Uma vez, há muitos anos, antes que eu tivesse o bom senso de dar as costas à sociedade de uma vez por todas, acho que fui a uma festa lá.

— Onde é? — perguntou Carmen.

— Ele mora em uma cobertura na Quinta Avenida com a Setenta e Sete.

— Perto do céu — disse Carmen. — Presumivelmente, mais difícil

de alcançar. Mas não para mim.

– Nem para mim – disse Jake.

Carmen o ignorou. Se esse filho da puta arrogante a atrapalhasse ao tentar resgatar Chloe, ela cortaria os testículos dele fora.

– Gelling também fez algumas pesquisas, que eu confirmei com os meus contatos – disse Babe. – Aparentemente, o nome verdadeiro dele é Iver Kester. Veio de Aberdeen, onde a maioria da família dele permanece, incluindo a mãe, que tem setenta e poucos anos. Kester tem quatro irmãos e uma irmã, e todos eles moram a cerca de um quilômetro da mãe. Eles têm uma fazenda em Aberdeen. A maioria da família trabalha lá, incluindo vários primos. A principal fonte de renda vem do queijo e do leite de ovelha que produzem e vendem, apesar de não terem ficado ricos com seus esforços. O queijo é vendido em todo o Reino Unido, até na Harrods, e rende o suficiente para que vivam modestamente.

– Sabemos exatamente onde moram?

– Sabemos. Mas eis o que vai deixar seu dia melhor, Carmen. Falei com Spocatti hoje de manhã. Um amigo dele, um assassino que mora em Londres, está em um avião nesse momento indo para o aeroporto de Aberdeen. Fica a uma hora de Londres, então ele chegará lá em breve. Lá, ele tem contatos que lhe darão os equipamentos de que precisará, caso seja necessário usá-los. Ele também receberá várias câmeras e equipamentos de vídeo. Pedimos a ele que nos envie fotos de vigilância assim que possível. O que precisamos mostrar a Katzev, ou Kester, ou seja lá como vamos chamá-lo...

– Katzev – disse Carmen. – É mais fácil.

– Muito bem – disse Babe. – Katzev. Precisamos mostrar a ele que sabemos quem ele é e onde sua família mora. Se ele guarda tanto segredo sobre sua vida, sobre quem e o que ela envolve, essa informação deverá balançá-lo até a raiz, especialmente depois que descobrimos que a família só o conhece como Iver. Não sabem de nada sobre a vida dupla que ele tem, o que significa que não fazem ideia de que o pequeno Iver, que fala russo fluentemente e usa um nome russo, é, na verdade, um assassino disfarçado que virou multimilionário.

– Você tem jeito com as palavras, Babe – disse Carmen.

- Eu queria ser escritora.
- Suspense?
- E há algum outro gênero?

O celular de Carmen vibrou no bolso e emitiu um bipe. Alguém deixara uma mensagem. Ela pegou o telefone, viu que era de Katzev e ficou parada por um momento, secretamente preocupada com o que ele tinha a dizer pelo fato de estar com Chloe. Em seguida, ela disse a Babe e Jake que a mensagem era dele.

- E o que diz? – perguntou Babe.

Carmen a abriu e, surpresa, disse: – É um vídeo.

Babe e Jake se levantaram e se posicionaram atrás dela, para que pudessem assistir juntos. Carmen pressionou um botão e o vídeo, que começava com uma tela preta, começou a passar.

Gradualmente, Chloe apareceu na tela. Estava sentada em uma cadeira, com as mãos algemadas e apoiadas no colo. A cabeça estava virada em um ângulo estranho. Havia sangue em torno da boca e um machucado logo abaixo do lábio inferior, que parecia partido. Ao olhar para Chloe, que ela conhecia desde que a garota tinha oito anos e que considerava como filha, Carmen se retesou em fúria. Chloe estava drogada ou inconsciente. Carmen notou o sangue no suéter dela e soube que estava inconsciente.

Concentre-se. Afaste-se dela. Preste atenção aos detalhes.

Havia uma luz acesa diretamente sobre ela, dificultando visualizar o lugar onde poderia estar, pois tudo o mais estava intencionalmente nas sombras. Ela não conseguiu ver o tamanho do aposento, mas não havia nada em volta de Chloe. Somente ela em uma cadeira, sobre um piso de cimento, com uma luz acima da cabeça.

Industrial.

Logo em seguida, soou a voz de Katzev.

– Carmen – disse ele para a câmera, naquele sotaque russo falso. – Aqui está sua Chloe. Uma visão triste, eu sei, mas ela não quis cooperar, então tivemos que tomar algumas medidas. Agora ela está descansando confortavelmente, acho, até que acorde com o que provavelmente será uma terrível dor de cabeça. Sou obrigado a dizer que você a criou muito bem. Ela tem coragem e admiro isso. Foi com você que aprendeu? É difícil dizer, pois ela vem das ruas.

Ainda assim, ela a tem em alta conta. Isso deve ser gratificante, não concorda? Mesmo quando eu disse que você era uma assassina, ela a defendeu. Recusou-se a acreditar. Deve ser bom ser levada em alta conta. Ser amada incondicionalmente. Chloe até mesmo me pediu que tirasse a vida dela, em vez da sua. Esse tipo de devoção a outro ser humano é estranho para mim, claro, mas ainda assim o reconheço como sendo algo especial e raro.

Ele fez uma pausa. Carmen sentiu o coração apertar-se ao ouvir que Chloe sabia quem ela realmente era. Babe colocou a mão em seu ombro. O vídeo aproximou-se do rosto de Chloe e, dessa vez, Carmen viu outro machucado na têmpora da garota. Portanto, eles bateram nela e a deixaram inconsciente. O sentimento de vingança dentro de Carmen crescera a ponto de ela se sentir como um fio perigosamente esticado, algo que poderia arrebentar se recebesse mais peso.

Eu quero matá-lo, pensou ela, lembrando-se de Alex e olhando para Chloe. Eu vou matá-lo.

— O problema com Chloe é que essa coisa "especial" e "rara" morrerá em oito horas e meia — disse Katzev. — É o tempo que você tem para salvá-la. E salvá-la é simples. Basta me telefonar e se entregar. Você receberá um local designado onde nos encontrará. Nós a pegaremos e conservaremos, para que tudo seja esclarecido. Você saberá exatamente por que está sendo eliminada. Mas acho que, com todo o chamego entre você e Alex, já sabe o motivo. Mesmo assim, caso ainda haja alguma confusão, seremos bem claros antes de matá-la. Depois disso, Chloe será libertada. Você tem a minha palavra. Portanto, telefone em breve. Muito breve. E isso quer dizer em menos de oito horas e meia. Eu odiaria ter que matar Chloe. Ou ter que acender alguma fogueira hoje à noite...

Carmen desligou o telefone. Por um momento, ninguém disse nada. Ficaram parados processando o que viram e ouviram. Em seguida, Babe McAdoo que, como Gelling observara, se tornaria mais e mais concentrada e menos aérea à medida que a situação se desenrolasse, afastou-se de Carmen com as mãos unidas, quase como se estivesse dividindo o espaço à frente ao caminhar. Carmen a vira fazendo isso antes. Era como ela pensava.

— Precisamos pensar estrategicamente — disse ela. Babe acenou

em direção ao mordomo, Max, que estava parado ao lado da enorme lareira de mármore, esperando instruções. Carmen a observou fazer um círculo no ar com o dedo e mover os lábios como se dissesse a palavra *café*. Observou-o sair da sala com uma prontidão que sugeria o motivo de um relacionamento tão longo e tão bem-sucedido.

— Alex deve ter descoberto alguma coisa — disse Carmen. — Ele não me contou nada, mas deve ter descoberto algo que poderia prejudicar o consórcio. Agora, presumem que, como éramos amantes, ele tenha me contado. O que não é verdade, pois ele sabia que poderia me comprometer.

— Alguma ideia do que possa ter sido? — perguntou Babe.

Ela deu de ombros. — Talvez ele tivesse informações sobre eles. Talvez tenha descoberto quem são alguns deles. Onde moram. Eu não sei, mas deve ser algo nessa linha. Como éramos íntimos, eles presumem que Alex compartilhou o que sabia comigo. Se é que sabia de alguma coisa. Por causa disso, nós dois viramos alvos deles.

— O que faremos agora? — perguntou Jake.

— Chloe é a minha prioridade — disse Carmen. — Para tirá-la de lá e mantê-la segura, eu vou entrar. Vou me entregar a eles.

Babe virou a cabeça rapidamente para ela. — Você não pode estar falando sério. Não importa o que faça, ainda vão matá-la. Ela viu o rosto dele. Sabemos como isso funciona. Vocês duas morrerão lá.

— Se ele tiver sorte, talvez me mate, mas não vai matar Chloe. Não vai acontecer. Não vou deixar acontecer.

— Como pode ter certeza? Eles tirarão suas armas e tudo o mais que tiver com você ao encontrá-los. Você não terá como lutar. Precisamos encontrar outras opções.

— Não vou simplesmente me jogar aos leões, Babe. Como você sugeriu, vamos ser estratégicos. — Ela levantou a cabeça quando Max entrou na sala com uma bandeja de café. Ele a colocou na mesa entre as cadeiras vermelhas e ela assentiu com a cabeça. — Vou dizer o que tenho em mente — disse Carmen. — Estou aberta a sugestões, até mesmo vindas de você, Jake. Quando resolvermos alguma coisa, vou telefonar para Gelling e ver se é algo que ele pode fazer. E, também, para ajudá-lo a manter-se conectado a nós. Se todos concordarmos com o que vou propor, ele não pode morrer

agora.

* * *

Quando terminaram de conversar e todos concordaram sobre o que precisava ser feito, Carmen afastou-se de Babe e Jake, que estavam discutindo o plano, e telefonou para Gelling.

— Que bom ouvir sua voz, Carmen — disse ele. — É a minha segunda surpresa do dia. A primeira foi quando acordei. Sempre fico surpreso com isso. Leva alguns minutos até que eu acredite. O teto sobre a minha cama é branco e, algumas vezes, se a luz está no ângulo certo, como estava hoje de manhã, ele me deixa tão cego que acho que fui parar no céu. A segunda surpresa é ter notícias suas. Tem alguma novidade?

Ela contou a ele sobre o vídeo, o que discutira com Jake e Babe, os acordos que tinham sido feitos e o plano que resultara.

— Pode ser feito — disse ele, depois de um momento. — Não sei até que ponto, mas pelo menos parcialmente, o que deve ser suficiente. Com que rapidez precisa disso?

— O mais rápido possível.

— É sempre o mais rápido possível, assim como é sempre Berlim ou Beirute, Moscou ou Madri, mas nunca Brisbane. Nunca Canadá. Nunca Maine.

— Estamos em uma situação complicada, James.

— Deixe-me perguntar uma coisa, Carmen. Está disposta a morrer por essa garota?

— Estou.

— Mas por que você faria isso? É intrigante.

— Porque eu a amo. Porque ela está envolvida nisso por causa de sua associação comigo. Todos a desapontaram a vida inteira. Eu sei como é isso. Ele disse a ela qual é o meu trabalho e agora sou mais um desapontamento na vida dela. Pretendo consertar isso.

— Você é uma mulher complicada, Carmen. Cheia de nuances. Não pensa duas vezes antes de tirar a vida de um adulto, mas fará o que for possível para salvar a vida dessa jovem.

- Isso mesmo.
- É por isso que acho você fascinante. Quero que me ouça por um momento. Está em um lugar onde as pessoas podem ouvi-la?
- Sim.
- E pareceria estranho se saísse da sala?
- Sim.
- Então basta ouvir e interpretar como quiser.
- Muito bem.
- Eu fiz algumas pesquisas adicionais.

Carmen não sabia o que ele estava prestes a dizer, mas o tom hesitante na voz dele indicava que ela não ia gostar.

– O que descobri é intrigante. Babe McAdoo contou a você que ela conheceu Katzev?

– Sim, brevemente.

– Ela contou a você que eles foram amantes?

Um calafrio percorreu o corpo de Carmen.

– Foi muito rápido, um caso breve. Uma questão de semanas, há muitos anos, e não terminou bem. Mas antes que vá adiante com esse seu plano, você precisa saber de tudo. Foi o que prometi a Spocatti que faria. Contar a você tudo o que eu sei à medida que fosse descobrindo as coisas. Logo antes de você telefonar, conversei com ele, que estava preocupado com as notícias. Babe e Katzev foram amantes e uma coisa que aprendi nos meus cento e três anos, Carmen, é que quando você teve relações sexuais com alguém, as coisas ficam distorcidas, especialmente quando a morte está envolvida. Se ela ainda o odeia, poderá ser uma vantagem para você. Mas se alguma parte dela não o odeia, se vê-lo novamente evocar uma memória boa de um jantar romântico ou uma boa foda, não tenho certeza se ela irá até o fim ou do que isso significará para você se ela recuar. Ela contou a você que eles foram amantes?

Carmen olhou para Babe. Ela bebia café enquanto ouvia Jake, que gesticulava com as mãos e dizia algo que Carmen não conseguia ouvir por causa do rugido em seus ouvidos. – Não. Nunca.

– E não deveria ter contado?

– Eu teria.

– Tenha muito cuidado, Carmen. Eu tenho que me desculpar. Se eu soubesse disso antes, nunca a teria mandado encontrar-se com

Babe McAdoo.

CAPÍTULO 16

Aberdeen, Escócia

Liam Martin, amigo de longa data e colega de Vincent Spocatti, com quem recentemente unira forças para matar a esposa e a família de um banqueiro inglês que se recusara a pagar os milhões que devia a um dos clientes de Spocatti, chegou ao aeroporto de Aberdeen com apenas uma bagagem de mão, um sobretudo e uma missão.

Para que as informações pudessem ser usadas o mais rápido possível, ele recebera pouco mais de duas horas para conseguir as fotos e o vídeo solicitados. Depois disso, deveria enviar tudo para Spocatti, que os enviaria diretamente para Carmen.

O mais depressa que pôde, ele foi até a locadora da Alamo, onde alugou um Lincoln MKX, grande o suficiente para suas necessidades, comparáveis ao próprio tamanho de Liam.

Liam Martin, antigo fuzileiro real, além de ser alto, fora fisiculturista, o que tinha suas bênçãos e suas maldições. Aos quarenta e dois anos e naquela linha de trabalho, era raro não ver o tamanho como uma bênção. Somente quando a situação era fisicamente um problema, como ao limitar suas possibilidades de esconderijos ou de entrar em espaços confinados, ele desejava ser menor.

Dentro do Lincoln preto brilhante, com os vidros escurecidos, ele deu um telefonema e disse simplesmente para a pessoa que atendeu: — Quinze minutos.

Desligou o telefone, saiu do aeroporto e pegou a esquerda na Dycer Druve. O outono descera sobre a Escócia, que não mostrava os verdes profundos que Liam passara a amar e associar ao país durante as várias vezes, frequentemente durante o verão, em que fora contratado para trabalhar lá.

A terra estava endurecendo e as árvores tinham poucas folhas. Havia um toque gelado no ar, portanto, ele ligou o ar quente e o aquecedor do banco do motorista, e dirigiu pela estrada ondulante até chegar a um cruzamento, onde parou e pegou à direita na A96. Dirigiu por mais cinco quilômetros antes de parar no acostamento, onde seu contato esperava em um SUV Audi preto.

A troca foi rápida e sem palavras. Em uma mochila grande de couro colocada na traseira do MKX, estavam todos os rifles, as armas e a munição de que ele precisava. Em uma mochila menor, estavam as câmeras e os equipamentos de vídeo, que eram tão poderosos que Liam Martin poderia fazer todo o trabalho a uma distância confortável, sem chamar a atenção para si mesmo. Até que recebesse a ordem de fazê-lo. Se, é claro, a ordem chegasse.

Ele agradeceu ao seu contato, pressionou um botão que fechou e travou o porta-malas e voltou ao carro para continuar na A96. Dirigiu até a B979, reduziu a velocidade e entrou à esquerda.

A fazenda dos Kester ficava a cerca de dezesseis quilômetros. As fotos que ele vira *on-line* da propriedade sugeriam que era de tamanho médio e apenas com a finalidade de criação de ovelhas para ordenha, cujo leite era usado para produzir um tipo de queijo popular vendido no Reino Unido. Era uma operação que acontecia o ano inteiro e a única fonte de renda do clã dos Kester. O sol estava se pondo, mas ainda estava claro o suficiente, e ele esperava ver as ovelhas no pasto. Também esperava ver os Kester trabalhando com os animais.

No Google Earth, ele notou faixas de árvores em torno da propriedade, que seriam esconderijos perfeitos para que pudesse tirar as fotografias e gravar os vídeos, principalmente porque a propriedade era grande o suficiente para exigir lentes poderosas. Mesmo se fosse visto, ele teria tempo de ir embora ou atirar, caso viessem atrás dele armados alegando invasão de propriedade.

Ele esperava que viessem armados. Era o que expressaria a melhor mensagem, mesmo que não tivesse sido contratado para matá-los.

Não demorou muito até que chegasse à fazenda. Ele passou por ela, para que pudesse observá-la bem, antes de parar no acostamento bem à frente.

O coração dele batia com força por causa da empolgação. Centenas de ovelhas estavam espalhadas nas colinas. Oito ou nove Kester estavam cuidando delas, a maioria deles homens. Ele não sabia quem eram, mas Illarion Katzev saberia. Provavelmente irmãos e primos. Talvez um tio, pensou, ao ver um senhor mais velho levantar a mão quando passou por ele.

Mas a senhora que ele vira no campo, aquela com os cabelos brancos puxados para trás, que estava parada na periferia, dando ordens ao grupo, ele sabia quem era.

Recebera a fotografia dela ao aceitar o trabalho.

Era a mãe de Katzev. E estava completamente à vista.

CAPÍTULO 17

Na névoa que se recusava a desaparecer, a mente de Chloe Philips continuava a vagar.

Em seu estado inconsciente, que revelava o negro mais negro, ela ouvia vozes no nevoeiro, sons na escuridão. Pensamentos sobre a morte infiltraram-se e ela se concentrou neles, como se o ato de abraçá-los pudesse torná-los reais.

Ela não queria mais viver. Estava cansada dessa vida. Ela e a vida se odiavam com a mesma intensidade.

À medida que o tempo passava (horas, dias, meses), ela via memórias que prezava ou que queria apagar para sempre.

Principalmente as que queria apagar.

Ela tentou se afastar dos piores momentos e pairar em torno das poucas boas memórias que a vida lhe tinha oferecido, mas, onde pousava, nessa paisagem amorfa da qual não conseguia despertar, não havia controle. A mente mostrava o que queria que ela visse, variando do melhor para o pior.

Ela tinha sete anos. Manhãs de domingo normalmente significavam ir à igreja. Mas, por algum motivo, isso estava mudando, pois agora a mãe e o namorado só iam quando não estavam muito "cansados". Ainda assim, naquele domingo, ela acordou em seu quarto no Queens e olhou para a outra cama, onde a irmã mais nova, Mia, dormia.

— Mia — chamou ela.

Nada.

— Temos que nos arrumar para a igreja.

Nada.

Ela deslizou para fora da cama e sentou-se ao lado da irmã. O afundar do colchão barato a acordou e ela olhou para Chloe, os olhos arregalados e assustados. — É ele? — perguntou ela.

Chloe sacudiu a cabeça. — Já falei que não vou deixar ele chegar

perto de você de novo.

– Mas e você?

– Eu não importo.

– Claro que importa, Chloe.

Ela deu de ombros. – Vamos, precisamos ir para a igreja.

– Por quê? Faz um tempão que não vamos.

– Era melhor quando a gente ia. Tudo era melhor.

A irmã mais nova, com apenas seis anos, mais madura do que deveria por causa do que ele fizera com elas, sentou-se na cama. – Quem vai acordar os dois?

– Eu estava pensando em fazer café da manhã para eles. Talvez isso os deixe com um humor melhor. Especialmente ele.

– Você só sabe fazer cereal. E sabe que eles não gostam de barulho aos domingos. Eles gritarão se tiver barulho. Ele vai nos bater.

– Então talvez só suco e café. Posso fazer isso em silêncio.

– Tem certeza?

Não, mas ela se levantou mesmo assim. – Encontre algo bonito para usar. Uma roupa adequada para a igreja. Lave o rosto e arrume o cabelo. Como eu ensinei. Use as fitas que compramos na loja de um dólar na semana passada. As amarelas que parecem arcos. A mamãe não vai ajudá-la a se arrumar para a igreja, mas vai querer que esteja bonita.

– Se ela for.

– Vamos fazê-los ir. Agora, ande. Não faça barulho no corredor. Não feche a porta do banheiro até o fim, pois vai ranger. Você sabe que ela range. E não dê descarga. Faremos isso quando eles acordarem, mas teremos que ser rápidas para que a água esteja limpa quando usarem o banheiro. Você se lembra do que aconteceu na última vez em que não demos a descarga. Não queremos que ele fique bravo. Certo? Vou descer. Use aquele vestido.

– Que vestido?

– O favorito da mamãe. O cor-de-rosa que a vovó lhe deu de Natal.

– Eu detesto aquele vestido.

– Mia...

– Ok.

Elas se esgueiraram até o corredor. Mia entrou no banheiro e encostou a porta até um pouco antes de começar a ranger. Chloe percorreu o corredor, passou pela porta fechada do quarto da mãe e do namorado, ouviu o som abafado de água correndo e desceu a escada o mais silenciosamente que conseguiu em uma casa que parecia favorecer ruídos.

A casa estava uma bagunça, mas isso não era novidade. A novidade era que o sofá não estava vazio.

Ele estava dormindo nele, respirando tão profundamente que os roncos pareciam sacudir a sala. Ela parou no penúltimo degrau e ficou olhando para ele. A mãe tinha dezesseis anos quando Chloe nasceu. Agora, tinha vinte e três e estava com um homem que tinha o dobro de sua idade, talvez mais. Ele se mudara três semanas depois que o pai de Chloe fora embora. Pouco tempo depois, a mãe encontrara esse homem em um bar e, no fim de semana seguinte, ele fizera as malas, carregara-as para dentro da casa dela e não saíra mais.

— Precisamos dele — a mãe dissera a Chloe e Mia na noite em que ele se mudou. — Ele é veterinário. Tem um pouco de dinheiro e não é um cara ruim. Não estraguem tudo, ok? Precisamos dele agora. Ele tem salário mensal. Agora, deem um beijo na mamãe e lembrem-se de serem boas para ele.

Isso acontecera seis meses antes e, mesmo agora, ela só o conhecia como Eddy. Não sabia o sobrenome dele. Não se importara em perguntar. E, se fora dito, ela não se lembrava. Ele era somente Eddy, o velho que era tão violento quanto o pai dela.

Na mesinha ao lado dele, estava uma garrafa meio vazia de uísque barato, de uma marca que ele dizia que era "barata, mas com certeza resolvia". O cinzeiro estava cheio de pontas de cigarro. Havia também um charuto longo e fino, com o invólucro de plástico amassado ao lado.

Será que eles tiveram uma daquelas brigas na noite anterior, ou ele simplesmente desmaiara no sofá e ela fora para a cama sozinha, sem vontade de arrastá-lo? Chloe nunca sabia como as coisas estavam naquele relacionamento volátil deles, mas, agora, ela sabia que ele estava dormindo profundamente e que, talvez, conseguisse fazer o suco e o café, caso se apressasse.

A cozinha ficava logo além da sala de estar, onde Eddy dormia no sofá barato como se estivesse em coma. Chloe se esgueirou naquela direção, quase desmaiando quando o chão cedeu sob seus pés de tal forma que a madeira rangeu. Ela parou uma vez, com medo de acordá-lo se prosseguisse, mas ele estava dormindo muito profundamente, roncando alto como se a morte estivesse alojada em sua garganta.

Ela desejou que estivesse.

O suco foi fácil. Ela pegou quatro copos baixos, pegou a caixa de suco de laranja na geladeira e os encheu. O café foi mais difícil. Ela fizera café para eles algumas vezes antes, mas, agora, esquecera quantas colheres de pó ele gostava. Cinco? Seis? Ele gostava do café forte? Ela não conseguia se lembrar. Como era mais seguro ficar no meio termo, ela decidiu colocar cinco e começou a passar o café.

O cheiro de café fresco começou a encher o ar úmido. Era um cheiro profundo, rico e gostoso, do jeito que eles gostavam. Ela pegou duas xícaras na prateleira, o creme e o açúcar sem marca que a mãe comprara na mesma loja barata onde encontraram as fitas amarelas de Mia. Ela colocou duas colheres ao lado das xícaras e esperou a cafeteira terminar o trabalho.

A máquina borbulhou e cuspiu. Chloe olhou para o café que pingava. Ela pensou que, talvez, tivesse conseguido, que talvez eles pudessem ir à igreja hoje – talvez ter um dia normal – quando sentiu uma perturbação no ar atrás de si.

Ela não se virou. Sabia que era ele. Manteve os olhos no café que pingava. Ela o ouviu dizer "Você me acordou por causa dessa merda", antes de bater no lado da cabeça dela com uma frigideira. Ela caiu no chão, inconsciente.

– *Chloe...*

Ela ouviu seu nome sendo chamado, mas estava no limbo. Flutuando. Girando. Aproveitando a viagem. Ela teve uma visão de seu corpo caindo quando a frigideira bateu em sua cabeça e ficou imaginando como conseguia ver uma coisa que não sabia que aconteceria.

Truques da mente.

Ela não viu quando ele bateu nela, mas, um momento antes de desmaiar, o viu parado à sua frente com a frigideira na mão.

Lembrou-se dele gritando porque ela o acordara. Lembrou-se dele se desculpando mais tarde por ter batido nela, quando a mãe desesperada o exigiu, antes de sair correndo com Mia para levar Chloe ao pronto-socorro. Mia usava o vestido cor-de-rosa que ganhara da vovó e as fitas amarelas no cabelo.

Ela se lembrou da mãe mentindo para os médicos, dizendo que a filha caíra na calçada em frente à casa delas, e, naquele momento, soube que as coisas sempre seriam daquele jeito. A mãe sempre escolheria homens "com um pouco de dinheiro" em vez do bem-estar das filhas. Portanto, naquele dia, com os médicos olhando em dúvida para a mãe, Chloe Philips decidira mudar de vida, escolhera uma nova — não necessariamente a vida melhor que desejava.

— Isso não é verdade — dissera para os médicos. — O namorado dela me bateu com uma frigideira. E não foi a primeira vez que ele bateu em mim e na minha irmã. E nem a primeira vez que fez outras coisas também.

Depois de muito debate e várias acusações, ela e Mia foram afastadas da mãe naquele dia. Chloe não a vira depois disso. Não sabia se o mesmo era verdade para Mia.

— *Chloe. Acorde.*

Mia era mais jovem e fora adotada de St. Vincent quatro meses depois de ter sido aceita em um dos abrigos. Isso ocorrera de forma silenciosa. Ninguém queria uma cena com Chloe, que estava prestes a perder a irmã. Quando ela acordou naquela manhã e viu que a irmã se fora, um dos assistentes sociais que trabalhava lá contou a verdade para ela.

Mia fora adotada por uma família boa. O mesmo aconteceria com Chloe — eles sabiam disso, mas demorava mais para crianças mais velhas, mesmo crianças um pouco mais velhas. O importante é que Mia fora para um bom lar. Mas, antes de partir, escrevera um bilhete para a irmã em um pedaço de papel branco. Chloe sabia que a irmã ainda não sabia escrever. E ela sabia reconhecer a letra de um adulto, mesmo que ele tentasse imitar a letra de uma criança. *Eu a amarei para sempre*, dizia o bilhete. *Não se esqueça de mim. Amo você, Mia.*

Chloe rasgara o bilhete ao meio e sua longa estadia em St. Vincent transformara-se em isolamento, fúria e solidão. Ela

começara o primeiro ano escolar no outono. Tirava notas baixas, mas não se importava. Os assistentes sociais de St. Vincent a encorajaram a fazer amigos e a tentar se envolver com os outros durante o recesso. Talvez a música a ajudasse. Ou a dança. Chloe os ignorara e se isolara ainda mais. Algumas vezes, ela se perguntava se cometera um erro ao entregar a mãe. O que era pior, ser parte de uma família violenta ou estar aqui sem família alguma? Ela não tinha certeza da resposta. E isso a entristecia.

— *Não vou pedir de novo, Chloe. Acorde.*

Um ano depois, em uma tarde em setembro, ela conhecera Carmen.

Ela estava assistindo à televisão com cinco outras crianças quando Carmen entrou no prédio. Chloe olhou para ela e não conseguiu desviar os olhos. Carmen parecia uma estrela de cinema. Ou talvez uma modelo. A mulher tinha aquele tipo de presença. Cabelos pretos longos que brilhavam, como se capturassem a luz e a refletissem de volta. Calças pretas de couro e uma blusa justa branca. Alta e esguia, a pele perfeita, linda. Por algum tempo, ela conversou com duas assistentes sociais. Chloe viu quando ela entregou a elas um cheque e ouviu sua conversa afável. Como a mulher obviamente sabia que estava sendo observada, ela se virou, olhou para Chloe e acenou de leve. Chloe, estranhamente ansiosa por conhecê-la, acenou de volta.

— Quem é aquela ali? — perguntou a mulher.

As duas assistentes sociais seguiram-na até a sala de estar. — Essa é a Chloe — disse uma delas. Ela moveu a boca, sem fazer som, dizendo *perturbada*. Chloe percebeu e viu quando a mulher fez uma careta, como se o que tivesse sido dito fosse insensível, cruel e inadequado. E era.

A mulher estendeu a mão, que Chloe apertou. — Meu nome é Carmen — disse ela.

— Sou a Chloe.

— Ouvi dizer. Veja só, para uma tarde de outono, está muito mais quente do que achei que estaria quando me vesti hoje cedo. Caso contrário, não estaria usando essa roupa. Vou tomar um sorvete na loja ao lado. Quer vir comigo?

Chloe, fascinada, assentiu.

Carmen se virou para as duas mulheres. — Sabem a sorveteria aqui ao lado? Quero pagar um sorvete para ela. É claro, entenderei se acharem que precisam nos acompanhar.

— Sim, uma de nós precisa — disse uma das assistentes. — É o protocolo.

— É claro. — Ela olhou para Chloe e revirou os olhos de forma que só Chloe pudesse ver. — Então? Que tal uma casquinha? Eu pago.

Fora o começo do relacionamento delas. Desde então, inúmeros *e-mails*, cartas e telefonemas foram trocados. Carmen a visitava pelo menos uma vez por mês.

Quando as assistentes sociais passaram a conhecer Carmen, e especialmente o dinheiro dela, os protocolos foram relaxados. Carmen levou Chloe para fazer compras. Levou-a ao cinema. Algumas vezes, iam para o Central Park e deitavam-se em toalhas de praia, tomando banho de sol e ouvindo música no rádio. A única coisa constante no relacionamento delas era que sempre encontraram tempo para conversar.

Algumas vezes, eram conversas de garotas. Outras, eram sobre como Chloe precisava melhorar as notas na escola. Outras ainda, Carmen a ensinava como lidar com os valentões ou simplesmente riam juntas. À medida que o relacionamento delas se aprofundava, Chloe começou a sentir que, mesmo que provavelmente nunca fosse oficialmente adotada, Carmen a adotara. O entusiasmo que ela demonstrava sempre que se encontravam não era falso. Chloe teria detectado. Ela teria farejado a falsidade com a mesma facilidade com que antes farejava o álcool e a maconha no bafo da mãe e do namorado dela.

Elas eram amigas, boas amigas, e, no decorrer daquela amizade, Chloe começara a pensar que algumas coisas realmente importavam. Conseguir notas melhores era uma delas. Carmen estava certa. Se ela quisesse uma vida melhor quando saísse dali, precisaria ir para a universidade. Notas boas eram fundamentais para isso, portanto, Chloe começara a se concentrar nos estudos e suas notas melhoraram. À medida que os anos se passavam, ela começou a aceitar pessoas em sua vida, porque Carmen a incentivara a isso. Ela agora tinha duas amigas próximas, Valencia e Shenika, que também passaram a conhecer Carmen e a amavam. As coisas estavam

melhores do que antes. Em um ano e dois meses, quando ela fizesse dezoito anos, Chloe sabia que poderia sair desse lugar e começar uma vida melhor.

E era o que pretendia fazer.

* * *

O tapa em seu rosto a acordou.

Assustada, ela levantou as mãos algemadas até o rosto e piscou com o brilho da luz acima de sua cabeça, onde a sombra do rosto de um homem estava a centímetros do seu.

— Eu disse que devia acordar — disse ele. Era o russo. — Você ficou apagada por tempo suficiente.

A cabeça doía e o rosto ardia. Ela olhou para a câmera à sua frente e se lembrou. Queriam um vídeo dela. Alguma coisa sobre pedir ajuda a Carmen. Quando se recusara, eles tinham batido nela e ela desmaiara. A cabeça e os lábios doíam e ela sentiu o gosto de sangue na boca. Eles tinham gravado o vídeo? Se tinham, era de sua imagem desmaiada. Mas, como não pudera dizer o que queriam que dissesse, o que tinham dito por ela?

Pior ainda, como ameaçaram Carmen? E se Carmen ainda não recebera o vídeo, Chloe sabia que o receberia em breve.

E então ela se lembrou do que mais disseram. Que Carmen era uma assassina. Era realmente por causa disso que Chloe estava aqui? Claramente ela estava sendo usada para atingir Carmen, mas será que era verdade?

Carmen era uma assassina?

CAPÍTULO 18

Aberdeen, Escócia

Foi o homem mais velho que levantou a mão quando Liam Martin passou que o fez repensar a estratégia e dar meia volta. A ideia chegou repentinamente, ele a analisou e agiu rapidamente, pois sabia que estava certo.

Liam dirigiu de volta até a fazenda, saiu da B979 e entrou em uma longa estrada de terra que tinha, à direita, uma cerca de madeira. À frente dele, havia uma casa de fazenda, grande e branca, que parecia ter mais de um século. À distância, parecia estar em boas condições. Mas, ao se aproximar, ele pôde ver que ela precisava urgentemente de reparos. Parecia que tinha sido pintada havia muitos anos. As venezianas verdes estavam desbotadas, a porta da frente torta, uma das janelas quebrada e o telhado caindo aos pedaços.

Atrás dela e à direita, havia sete enormes celeiros vermelhos em uma fileira, um atrás do outro, como se fossem dominós gigantes deitados e prontos para serem varridos, talvez por um vento forte. Pelo espelho retrovisor, ele podia ver um redemoinho de poeira subindo das rodas do SUV e anunciando sua visita. Quando ele desacelerou na metade do caminho e parou, a poeira envolveu o carro de tal forma que, por um momento, ele não via nada.

Quando o ar clareou, ele olhou pela janela do lado direito e viu centenas de ovelhas sendo pastoreadas por vários cachorros e oito homens, um dos quais era o homem que acenara para ele quando passara a alguns momentos de carro, e que olhava para ele agora, juntamente com os outros.

Liam Martin saiu do carro, o rosto amigável aparecendo sobre o carro antes que ele levantasse a mão e abanasse para o grupo, que começou a avançar em sua direção com expressões curiosas, mas

agradáveis.

— Olá — gritou ele. — Aqui é a fazenda dos Kester? Dos queijos? Não vi nenhuma placa. Se não for, peço desculpas por invadir.

O homem mais velho estava mais perto e avançou com um sorriso de negócios. Ele era magro, tinha cabelos pretos, uma compleição pálida e olhos cansados, mas brilhantes com uma expressão de boas-vindas.

Liam sabia o que ele estava pensando. Eles faziam queijo aqui, mas também o vendiam? Essa pessoa parara para elogiar o queijo deles? Para comprar? Liam tinha certeza de que não era a primeira vez que alguém parara para deixar elogios ou comprar o queijo. E, como era o sustento deles, qualquer pessoa era um possível cliente ou um freguês. Era melhor tratar as pessoas como amigas, particularmente com a casa naquelas condições.

— É a fazenda dos Kester — disse o homem mais velho. Ele deu a volta no carro e apertou a mão de Liam. — Sou Sholto Kester. Como vai?

O ar tinha um cheiro de esterco tão forte que Liam se lembrou da própria juventude. Ele fora criado pelos avós, que tinham gado, em uma fazenda em Witney. Quando ele tinha dezoito anos, e decidira que a vida na fazenda não era seu destino, Liam entrou para os fuzileiros, saiu como fuzileiro real e foi recrutado para essa carreira mais sombria que tinha agora.

— Estou bem, obrigado — disse ele. — Sou amigo de Iver. Ele me disse que, se algum dia viesse a Aberdeen, deveria vir para esses lados dar uma olhada no lugar onde ele cresceu. Somos amigos há alguns anos. Fizemos alguns negócios juntos em Nova Iorque.

— Qual seu nome?

— Michael Blake. — Esse era o nome que usava há anos. Da mesma forma que ele próprio, tinha um ar distintamente britânico.

— Então, é aqui que fazem o queijo do qual Iver fala tanto.

— Ele fala sobre o queijo?

— Sim, fala. — Liam olhou em torno. — Bela propriedade.

— Obrigado.

Ele estava ciente dos outros se aproximando, incluindo a velha que usava jeans e galochas, e o tipo de roupa prática que não atrapalhava o trabalho.

Ele queria acabar com a conversa logo e olhou para o relógio. — Vou pegar um avião em algumas horas para voltar para Nova Iorque, mas, como a fazenda fica tão perto do aeroporto, passei aqui, entre um voo e outro, para tirar uma foto e mostrar a Iver que estive aqui. Vocês se importam se eu tirar uma fotografia de todos juntos? — Ele estalou os dedos. — Melhor ainda, gostariam de dizer olá para Iver? Seria brilhante. Tenho uma pequena câmera de vídeo e sei que ele adoraria. O que acham?

Eles se entreolharam e, então, assentiram. Pareciam interessados na possibilidade de dizer olá para Iver, que os visitava somente uma vez por ano, raramente telefonava e nunca escrevia. Eles começaram a se reunir.

Liam foi até o porta-malas do MKX e pressionou um botão na chave para abri-lo. Dentro da mochila pequena, havia três câmeras de vídeo diferentes. Uma era para profissionais; as outras duas eram mais comuns. Ele pegou a menos intimidadora das três — uma Flipcam branca — e contornou o carro, verificando se a bateria estava carregada. Estava e, melhor ainda, a câmera tinha resolução de 1080p.

— Ele raramente vem nos visitar, sabia?

Fora a mãe de Iver, parada no centro do grupo, quem dissera aquilo, com um sotaque um pouco mais suave do que o de Sholto. Ele olhou para o rosto envelhecido dela e viu que, por baixo da resistência criada pelo trabalho na fazenda, havia um traço de tristeza em seus olhos ao mencionar o filho.

— Eu lamento que ele não venha — disse Liam. — Talvez esse vídeo o faça sentir-se culpado sobre isso. — Ele sorriu para ela. — Talvez eu possa persuadi-lo a pegar um avião e vir para casa.

— Isso seria bom — disse ela. — Já faz mais de um ano.

— Ele não virá — disse um dos homens mais jovens.

— Você não sabe — disse ela. — Preste atenção. Tenho algo a dizer para Iver.

Aquilo intrigou Liam. Ele apontou a câmera para eles, disse "Agora!" e pressionou o botão vermelho para começar a gravar.

Nenhum deles sorriu para a câmera. Só ficaram parados lá, um do lado do outro, todos cansados no fim de um longo dia de trabalho. Cobertos de lama e esterco, grama marrom e lodo grudados sob as

botas, a família de Iver Kester fedia a merda e tinha aparência pior ainda.

Eles olharam para a lente como se estivessem olhando diretamente para os olhos de Iver. O que Liam Martin viu foi uma mistura de saudades de Iver e raiva por ele ter passado tanto tempo sem visitá-los.

Ou, até onde ele podia ver, sem ajudá-los financeiramente.

Ele estava prestes a pedir que um deles dissesse alguma coisa quando a mãe de Iver quebrou o silêncio. Ela deu um passo à frente e levantou as mãos. — Você deveria estar aqui agora, Iver. Leve esse homem a sério e venha para casa. As coisas não estão bem aqui. Estão desesperadoras. Precisamos de você agora. Não amanhã. *Agora*. Antes que seja tarde demais.

CAPÍTULO 19

O vídeo que Liam Martin gravara da família Kester foi enviado diretamente para o celular de Carmen – e somente para o celular dela – por meio de Spocatti, no momento em que ele o recebeu. Ele o anexou a uma mensagem: *Isso deverá ajudar. Mantenha contato. Farei o mesmo.*

Carmen estava sentada em uma das cadeiras vermelhas na sala de estar dourada de Babe McAdoo, pensando sobre o caso de amor de Babe com Katzev e o que isso significava nessa situação, quando o telefone vibrou e fez um bipe no bolso. Ela o pegou e olhou para a tela. Babe e Jake se viraram para ela com interesse.

– É uma mensagem de Vincent – disse Carmen. – Há um vídeo anexado.

Novamente, Babe e Jake se posicionaram atrás de Carmen e assistiram ao vídeo juntos. Pela primeira vez, eles viram a família Kester e notaram como pareciam cansados. Ninguém no vídeo estava sorrindo. A forma como o vídeo fora gravado fazia parecer que eles tinham sido forçados a se reunir, não que fora uma coisa natural. Um dos homens mudou de posição. Outro olhou para a tela com hostilidade – mas Carmen não fazia ideia do motivo. Ainda assim, ela ficou feliz em ver que ninguém parecia estar enviando uma mensagem alegre para Iver.

– Ele os encontrou – disse Jake. – Achei que só ia tirar fotografias de longe, para que Katzev soubesse que temos alguém lá pronto para matar todo mundo se ele não soltar Chloe.

– Spocatti o escolheu – disse Carmen, enquanto assistia. – Portanto, é claro que ele é bom. Vamos prestar atenção.

A seguir, veio a melhor parte do vídeo, junto com o áudio inesperadamente perfeito que poderiam usar contra Katzev: *Você deveria estar aqui agora, Iver. Leve esse homem a sério e venha para casa. As coisas não estão bem aqui. Estão desesperadoras.*

Precisamos de você agora. Não amanhã. Agora. Antes que seja tarde demais.

Parecia que eles estavam sendo ameaçados, apesar de não ser o caso. Eles só estavam furiosos com Iver, que aparentemente vivia sua bela vida sem pensar em ajudá-los.

— Aquela deve ser a mãe de Katzev — disse Babe.

Carmen assentiu. — Provavelmente.

— Como quer prosseguir?

— Vamos enviá-lo para Katzev — disse Carmen. — Ameaçá-lo com o vídeo. Dizer a ele que, se não soltar Chloe agora, mataremos a família dele e enviaremos um vídeo disso também.

— Mas e se ele não suportar a família e preferir vê-los mortos a recuar agora?

— Sabe de alguma coisa que não sabemos, Babe? — perguntou Carmen.

Babe olhou para ela surpresa. — O que quer dizer com isso?

— É que a forma como falou pareceu tão segura. Só estou imaginando se sabe de algo sobre Katzev que nós não sabemos. Você mencionou que o conheceu há algum tempo.

Babe fez um gesto com a mão. — Isso foi há vinte anos.

Carmen continuou a cercá-la cuidadosamente. — Você o conhecia bem? Foi por tempo suficiente para saber o que ele poderá fazer quando enviarmos o vídeo? Ou se ele se importa com a família pobre?

— Vinte anos mudam qualquer pessoa, Carmen. Você. Eu. Jake. Vincent. Somos todos diferentes. A pessoa que eu era há vinte anos evoluiu radicalmente. Naquela época, eu era uma pessoa diferente. O mesmo vale para todos nós. Como posso dizer a você que o homem que conheci naquela época é o mesmo de agora, quando não é verdade?

Na superfície, era uma resposta razoável, mas Carmen não deixou de perceber o fato de que Babe ainda não respondera à pergunta. Ela não dissera se conhecia Katzev bem. Ela não dissera que tivera um caso com ele. Ela optara por não divulgar aquela informação.

— Eu não sabia que você conhecia Katzev — disse Jake, sobressaltando Carmen com o tom furioso da voz. Estava claro, pela

expressão tensa que ele tinha no rosto, que achava que devia ter sido informado disso. Que ela devia ter divulgado essa informação. E ele estava certo. — Como o conheceu?

Babe deu de ombros. — Foi há tempo demais — disse ela. — Não me lembro.

— Não importa — disse Jake. — O fato de que o conhece certamente deveria ter sido mencionado em algum momento desde que me envolvi nessa história. Você nunca me disse nada sobre isso. Eu acho que é importante o fato de que você o conhecia, não importa quanto tempo faz. Você sabe qual é a aparência dele, pelo amor de Deus, quando nem eu nem Carmen sabemos.

Carmen olhou para Jake com outros olhos. Ele estava genuinamente furioso, como era de se esperar. Ela observou Babe puxar uma das cadeiras vermelhas e sentar-se. Ela dobrou as pernas e era o retrato da calma. — Eu o conheci por intermédio de Jean-Georges — disse ela.

— Onde?

— Honestamente? Não me lembro. Provavelmente em uma festa. Eu costumava ir a muitas festas naquela época. Várias por semana. É algo que nós, McAdoo, tínhamos que fazer. Ir a festas. Participar dos eventos sociais certos. Aparecer nos lugares certos. Somos parte da velha guarda da sociedade de Nova Iorque, como dizem. Antes de meu pai morrer e eu ficar livre para fazer o que quisesse, ele esperava que todos os filhos seguissem as regras ou ficariam fora do testamento. Portanto, nós almoçávamos, tomávamos café da manhã, íamos à igreja, íamos ao campo para caçar, íamos a jantares, passávamos o verão em Northeast Harbor, misturávamo-nos com nossa própria espécie aqui, lá e em todos os lugares.

— Laurent era da sua "própria espécie"? — perguntou Jake.

Babe riu. — Dificilmente. Ele era um novo-rico. Não me lembro em que festa eu fui apresentada a ele, Jake, mas não importa. Provavelmente, ele era convidado de alguém em algum evento aleatório. O mesmo com Katzev. Sempre existem aqueles com dinheiro novo que querem ser um de nós. Aqueles dois não eram diferentes. — Ela ergueu as mãos em frustração. — Mas como isso ajuda nossa situação agora? — perguntou ela. — Precisamos nos concentrar naquele vídeo e em Chloe.

— O que me deixa confuso é que você disse que foi apresentada a ele e depois que você o conhece. Há uma diferença aí.

— Muito pequena.

— Você o conhecia bem, Babe? — pressionou Carmen.

E Babe McAdoo, da família McAdoo, que não era boba e podia perceber quando estava sendo pressionada por um motivo sólido, como agora, resignou-se a ser honesta. — Bem o suficiente para ter um caso com ele — disse ela. — Novamente, isso foi há vinte anos. Mas tivemos um pequeno caso.

Incrédulo, Jake olhou para Carmen e virou-se novamente para Babe. — Um pequeno caso?

— É isso mesmo. Um caso. Começou naquela festa. Eu estava meio bêbada, ele não. E devo dizer, ele é muito bonito. Ele me levou a um dos quartos no andar de cima e aconteceu. O menor pênis que já vi na vida, parecia um morango dentro de um cesto, mas todo o resto foi bom. As mãos dele. A língua. A agressividade. Nós nos encontramos duas vezes depois disso, mas por fim eu terminei com ele. Ele só estava me usando e, apesar de ter um corpo bonito, a visão dele nu da cintura para baixo era revoltante. Terminou de uma forma pior do que vocês possam imaginar, mas quem se importa? O caso, se quiser chamá-lo assim, não significou nada. Eu deveria ter contado, mas fiquei com vergonha de tocar no assunto.

— Deveria ter contado — disse Carmen.

— Quem contou a você? — perguntou Babe. — Alguém contou. Você não me pressionou à toa.

— Não importa.

— Provavelmente Gelling — disse ela. — Deu a ele outro motivo para respirar mais uma vez. Desapontador, de verdade. Eu achei que podia confiar nele.

— Eu não disse que foi Gelling.

— Minha querida — disse Babe, olhando Carmen nos olhos. — Você não precisava dizer.

— Quando você ficou sabendo? — Jake perguntou a Carmen.

— Há alguns minutos no telefone. Também fiquei surpresa.

— Gelling — disse Babe. — Querido Gelling.

— Babe, espero que entenda como essa informação nos faz

questionar se podemos mesmo confiar em você — disse Jake.

Babe assentiu. — É claro que entendo. Eu não fui honesta sobre o assunto. Erro meu. Eu mantenho grande parte da minha vida privada em um lugar reservado, como todos nós. Eu, por exemplo, não sei praticamente nada sobre você, Jake. Você só fica sentado julgando, mas o que sabemos mesmo sobre você? Quem é você?

— Somente um assassino, Babe. Você sabe como trabalhamos.

— Eu sei — disse ela. — E entendo. Eu sei por que você está chateado. Pode confiar em mim. Não há nada que eu queira mais do que ver Katzev morto.

— Por quê? — perguntou Carmen.

— O motivo pelo qual nosso breve caso acabou tão rapidamente? Eu nunca contei isso a ninguém, mas acho que lhe devo uma resposta. Katzev me bateu. Eu cometi o erro de rir quando vi o quanto seu pênis era pequeno. Eu disse isso enquanto nos beijávamos depois do sexo. Eu achei que tinha senso de humor sobre o assunto, porque era tão maravilhoso em tudo o mais, e eu disse isso a ele. Mas ele não gostou nem um pouco da minha risada. Ele não gostou quando eu o chamei de "minipênis". E por causa disso, ele me bateu tanto que eu o avisei de que, se algum dia chegasse perto de mim novamente, eu o mataria. Éramos muito jovens na época. Ele não era tão poderoso como é agora. Estava apenas começando. Mas, naquele tempo, ele via minha família como poderosa e tão bem relacionada que minha ameaça tinha peso real. Ele sabia que cometera um erro. Estávamos em um hotel quando isso aconteceu. Um lugar meio fora do caminho no West Side onde eu sabia que não encontraria ninguém conhecido. Essas coisas ainda importavam para mim, pois papai ainda estava vivo. Katzev pegou suas coisas, saiu e nunca mais tive notícias dele depois disso.

— É só isso? — Carmen perguntou, reconhecendo a verdade quando a ouvia.

— É isso, Carmen.

— Você deveria ter contado — disse Jake.

Babe se virou e lançou-lhe um olhar tolerante. — Quando uma mulher apanha, Jake, não é exatamente algo de que ela queira se lembrar. Eu pedi desculpas. Sei que deveria ter contado. Entendo que a confiança entre nós foi abalada. Vocês decidirão se

continuaremos como uma equipe. É simples. Ou vamos trabalhar juntos para acabar com aquele filho da puta, ou vocês dois saem daqui agora e esqueçam que um dia nos encontramos.

CAPÍTULO 20

— Vamos enviar o vídeo a ele — disse Carmen. — Juntos.

— Carmen...

— Ela disse a verdade, Jake — interrompeu Carmen. — Eu concordo que ela deveria ter sido honesta antes, e estou desapontada por não tê-lo feito, dadas as circunstâncias atuais e o conhecimento que ela tem de como essas coisas funcionam, mas a verdade foi dita e eu acredito nela. Se você alguma vez tivesse apanhado de um amante, e duvido que entenderia a vergonha que acompanha. Você deveria ter reconhecido essa vergonha na voz dela quando ela falou sobre isso.

— Você está falando por experiência própria? — perguntou ele.

— Estou.

Ela olhou para Babe. — Lamento pelo que Katzev fez com você.

— Como eu disse, isso foi há anos. Eu passei por isso, aprendi e superei. Em sua maior parte.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que não me importaria nem um pouco de ver aquele imbecil levar um tiro na cara, como Laurent.

— Laurent levou alguns tiros.

— Melhor ainda. Eu poderia atirar mais uma bala entre as pernas dele e dar uma boa risada com a perda do "minipênis", mas minha mira teria que ser perfeita, e não é.

Carmen sorriu para ela. — A minha é.

Babe se inclinou para a frente na cadeira. — Então, vamos planejar e acabar com isso? Ou estou fora?

— Você não está fora — disse Carmen. — Vamos terminar isso juntos. — Ela pegou o celular e escreveu um recado detalhado para Katzev antes de pressionar o botão que enviava a mensagem por *e-mail* para ele, juntamente com o vídeo.

— O que você escreveu? — perguntou Jake.

— O que a mãe de Katzev disse naquele vídeo pode ser interpretado de várias formas. Ele verá como um pedido de ajuda. Eu disse a ele que, se não entrar em contato comigo em uma hora com planos para soltar Chloe, a mãe e o resto da família dele morrerão. Disse a ele que, se entrar em contato com eles, saberemos e morrerão imediatamente.

— Você digitou mais do que isso.

Ela assentiu. — Também disse que, se ele incomodar um de nós novamente, sabemos onde ele mora e seu nome verdadeiro, e que a verdade sobre ele e o consórcio será enviada para a polícia. Além disso, seu lar da infância será incendiado. Encontraremos a família dele e os mataremos se ele tentar escondê-los. E que, claro, faremos o mesmo com ele. — Ela fez uma pausa e viu um sorriso nos lábios de Babe McAdoo. — Basicamente, disse a ele para não foder conosco.

— É vídeo contra vídeo — disse Babe. — Palavras contra palavras.

— É isso mesmo — disse Carmen. — Portanto, veremos quem tem o vídeo e as palavras com peso maior.

CAPÍTULO 21

No depósito que continha a coleção de carros, que não estava lá só para ver e tocar, mas também para lembrá-lo de como ele era bem-sucedido, Illarion Katzev se inclinou contra seu Bugatti Veyron Super Sport Vitesse favorito de três milhões de dólares, assistiu ao vídeo duas vezes, leu a mensagem de Carmen três vezes e assistiu ao vídeo novamente.

Ele estava incrédulo.

De alguma forma, Carmen Gragera descobrira onde a família dele morava. A única coisa que ela sabia era que ele era russo. Como ela descobrira a verdade, que ele era escocês, se chamava Iver Kester, que viera de uma fazenda em Aberdeen conhecida pelo queijo que produzia e que, nos Estados Unidos, ele morava em uma cobertura na Quinta Avenida, da qual ela sabia o endereço exato?

Alex contara isso a ela antes de ser assassinado? Ele devia ter contado, o que provava que as informações que eles achavam que Alex tinha sobre o consórcio eram tão relevantes quanto tinham imaginado.

Mas será que eram mais extensas ainda?

O quanto Alex sabia sobre ele? O consórcio sabia sobre a violação da segurança, mas não tinham certeza sobre exatamente o quanto de informação ele conseguira com ela.

Ele descobrira o nome dos outros membros do consórcio e os compartilhara com Carmen? O que faziam, onde moravam? Ele fechou os olhos e desejou que não fosse verdade, esperou que as castas estivessem do seu lado, mesmo que fosse somente por causa das proteções rigorosas que tinham colocado em vigor há tanto tempo, para proteger o anonimato de cada membro com software de criptografia.

A julgar por essas precauções, havia uma chance de que Alex não soubesse de tudo quando morrera. Talvez ele estivesse prestes a

descobrir mais, mas fora impedido ao morrer. Apesar de parecer muito pequena, ainda havia a chance de que as informações que ele tinha fossem somente sobre Katzev. Katzev rezou para que fosse assim. Porque, se não, ele sabia que Alex teria contado tudo a Carmen.

Levantou o rosto para o teto do depósito e considerou a situação. Certamente, nesse ponto, se ela sabia mais do que escrevera naquela mensagem, já teria usado essas informações em um esforço para conseguir Chloe de volta. Ou estava guardando, esperando o momento certo de usá-las para um fim maior? O que ele sabia era que, sabendo ou não de tudo, Carmen encontrara a família dele. E descobrir tanto sobre ele provava que ela sabia o suficiente para ser muito mais perigosa do que imaginara.

De algum jeito, ele tinha que matá-la. Depressa.

Havia algumas maneiras de lidar com isso. Ele ponderou sobre elas, sabendo que, em uma hora, se quisesse salvar sua família, ele teria que achar uma resposta.

A pergunta era se ele queria salvar a família.

Katzev, que crescera com merda de ovelha até os joelhos, criado por uma família determinada que violara todas as leis conhecidas sobre trabalho infantil durante sua juventude, não sentia muita coisa por eles. Exceto pela mãe, por quem ele sentia uma ponta de alguma coisa. Amor? Ele não tinha certeza. Será que ele sabia o que era amor? Também não tinha certeza. Mas havia alguma coisa lá. Ele só não sabia o que era.

Quando ia para casa todos os anos, era mais para ver a mãe, com quem ele tinha uma conexão emocional que, achava agora, depois de refletir, podia muito bem ser amor. Mas e o resto deles? Pelo tanto que se importava, eles podiam desaparecer. Ele nunca fora próximo dos irmãos nem da irmã, dos tios, das tias nem dos primos. Apesar de lhe darem os parabéns pelos seu sucesso nos Estados Unidos sempre que ia para casa, ele sempre sentira uma forte corrente de inveja vinda deles. E esse era um dos motivos pelos quais ele se recusava a ajudá-los.

Se Katzev quisesse, poderia colocar o queijo Kester nos mercados do mundo inteiro. Com um telefonema, ele poderia iniciar um processo que melhoraria a situação da família. Com suas conexões,

eles seriam mais ricos do que jamais sonharam.

Mas ele nunca faria isso.

O único motivo pelo qual festejavam quando ele ia para casa era porque esperavam que, um dia, Katzev compartilhasse seu dinheiro com eles.

Eles nunca pediram nada diretamente – os Kester eram orgulhosos e perderiam tudo antes de ir tão baixo a ponto de pedir dinheiro – mas se Iver algum dia oferecesse, sabia que eles aceitariam.

Ele assistiu ao vídeo novamente e observou o rosto da mãe quando ela falou. – Você deveria estar aqui agora, Iver... Antes que seja tarde demais.

Ela parecia frágil. Mais magra do que ele se lembrava. Quando ele era jovem, ela era dura, mas nunca cruel. Ela o protegera do pai, que podia ser brutal, se achasse que o marido estava sendo duro demais, o que acontecia com frequência. Por causa dela, ele fora poupado de muitas surras. Será que ele deveria devolver o favor e salvá-la? E, com ela, o resto da família?

Ele não sabia a resposta.

Se ele não chegasse a Carmen imediatamente, não havia como dizer o que ela faria com as informações que tinha. A mãe significava alguma coisa para ele. Katzev se lembrava de bons momentos com ela. Lembrou-se de uma vez, quando viera para casa da escola, com um de seus muitos boletins excelentes, em que ela o abraçara e o elogiara. Frequentemente ela dizia que ele iria longe, muito além da fazenda, e que deveria viver os sonhos dele, apesar da fazenda. Ela fora uma das primeiras pessoas a encorajá-lo a ir além. Ele apreciava isso, mas o consórcio era filho dele e de Laurent. Durante anos, eles o construíram e, com os outros membros, prosperaram muito por causa dele. Então, o que seria? A mãe ou o filho? O que uma mãe faria?

Salvaria o filho.

Ele olhou para Chloe Philips do outro lado do salão e viu que ela olhava diretamente de volta. No caso de Carmen, o que uma mãe faria? A mesma coisa. Salvaria a filha. Ele conhecia as habilidades dela, bem como a imensa quantidade de contatos, e não iria subestimá-los nessas circunstâncias. Se ela viesse atrás dele, viria

com tudo o que tinha. E já ficara claro que ela morreria por essa garota.

Ele precisava de conselhos, mas não dos membros do consórcio. Eles só resmungariam e reclamariam por terem sido afastados de suas vidas novamente. Depois, haveria uma briga interna infinita sobre como melhor lidar com a situação.

Portanto, ele não os consultaria. Afinal de contas, ele era o líder.

Ele pegou o telefone, sabendo que, quando discasse o número que estava prestes a discar, isso lhe custaria adiantado cinco milhões de dólares pela orientação e pela assistência de que precisava.

Ainda assim, Vincent Spocatti era o melhor. Eles se entendiam. Por anos, eles tiveram um excelente relacionamento de trabalho. E, diferentemente de qualquer outro assassino com quem Katzev trabalhara, Spocatti era o único que valorizava o dinheiro mais do que qualquer outra coisa, incluindo relacionamentos pessoais. E isso era essencial, pois Katzev sabia que Spocatti trabalhara com Carmen. Spocatti a mataria por ele?

Com certeza.

Tudo o que Katzev precisava fazer era deixar Spocatti decidir o preço, mandar metade do dinheiro para a conta dele, o que ele estava preparado para fazer, e depois mandar a outra metade quando o trabalho fosse feito.

Ele discou o número do homem. Depois de um momento, Spocatti atendeu.

— É o Katzev, Vincent.

Passou-se mais um momento e Spocatti riu. — Por que demorou tanto?

— Como assim? Estava esperando meu telefonema?

— É claro que sim. Você está fodido sem mim.

— Por que acha isso?

— Há muito pouco que eu não sei, Katzev. Você sabe disso. Estou totalmente ciente da situação em que você está. Quando precisa de mim?

— Imediatamente.

— Achei que fosse.

— Que barulho é esse?

— Estou em um avião — disse Spocatti. — A algumas horas de

Nova Iorque. Eis uma dica: até que as outras companhias aéreas façam o mesmo, voe pela de Cingapura. Rede sem fio. Acesso telefônico. Uma cabine particular adorável só para mim, onde posso trabalhar e minha vida não fica parada. Finalmente, alguém oferece voos como deveria. Presumo que queira que eu lide com Carmen?

— Isso mesmo.

— E o que isso envolve?

— A morte dela.

— E Jake?

— Nós cuidaremos dele.

— Pobre Jake. Não foi considerado digno.

— Ele é um problema, mas não como Carmen.

— Ainda assim — disse Spocatti. — Ser descartado desse jeito. É como se ele não importasse. É tão frio. Tão... russo.

Katzev não respondeu, pois sabia que Spocatti sabia que ele era escocês. Sabia que Spocatti estava implicando com ele e o ignorou.

— O preço é vinte milhões — disse Spocatti. — Metade adiantado e enviado para as minhas contas imediatamente. Divida o dinheiro de forma desigual. Quando eu souber que está depositado, considere que estou comprometido com o trabalho.

— Vinte milhões?

— É o preço.

— Você nunca cobrou nem perto disso antes.

— Isso porque você e o consórcio nunca estiveram com um problema tão grande antes, especialmente contra Carmen, que é quase tão boa quanto eu. As coisas estão andando, Katzev. Carmen está providenciando isso enquanto conversamos.

Katzev considerou mandar a mãe para o inferno, deixá-los matar sua família e depois atrair Carmen usando Chloe. Mas ele receava não ter tempo para isso. Ele não sabia o que Carmen planejava a seguir, mas a conhecia o suficiente para saber que ela estava planejando alguma coisa e que poderia ser desastroso para ele e todos os envolvidos se não agisse agora. Ele ouviu o que parecia gelo batendo contra vidro no outro lado da linha e sentiu que Spocatti estava esperando impacientemente. — Está bem — disse ele. — Mas terminamos isso hoje à noite, Vincent.

— Ótimo. Na verdade, é até melhor para a minha programação.

— Você tem como entrar em contato com Carmen? Fazê-la parar até que chegue em Nova Iorque? Ela me deu o prazo de uma hora para atender aos seus pedidos, ou matará minha família. Se for possível, nós os salvaremos. Se não, não vou perder o sono por causa disso.

— Que filho bom — disse Spocatti. — Está disposto a perder a sua mãe?

— Preferia que não acontecesse, mas estou.

— Isso é tão profissional de sua parte, Katzev. Tão distante. Posso telefonar para Carmen e fazê-la parar. Ela confia em mim cegamente. Nunca entendi isso, mas ela confia. Ela nunca entendeu que nosso relacionamento é puramente de negócios e que nunca passará disso. Direi a ela que estou em um avião para Nova Iorque e que ela deve me esperar antes de fazer qualquer outra coisa. Direi a ela que estou indo ajudá-la. Escolheremos um lugar neutro para que nós todos nos encontremos. Você trará a garota e um de seus homens, ninguém mais. Vá armado. É esse o acordo. Eu e Carmen iremos juntos, mas também não levaremos mais ninguém. Ela achará que é um acordo justo. Em troca de Chloe, ela prometerá não matar sua família. Nunca. Você entrega a garota. Quando começarmos a sair, quando ela achar que estamos prestes a ir embora e que estaremos seguros, eu atirarei nelas. Serve assim para você?

— Serve.

— Mande um carro para me esperar no LaGuardia em três horas.

— Spocatti deu a ele o número do voo. — Discutiremos os outros detalhes mais tarde. Ah, e pode me fazer um favorzinho? — perguntou ele. — Só um?

— Qual?

— Essa besteira sua de fingir ser russo está enchendo o saco. Quero ouvir Iver. Pode voltar às suas raízes nas ovelhas e me dar um gostinho do Iver Kester, mas sem o queijo? Quero ouvir como o verdadeiro Iver soa. Aquele que está disposto a matar a família, especialmente a mãe. Vai me ajudar a entender com quem realmente estou lidando.

Katzev desligou o telefone e enviou o dinheiro.

CAPÍTULO 22

Em sua propriedade na Rua Sessenta e Um East, número 118, James Gelling estava sentado em frente a uma mesa na sala de estar, com o telefone na orelha, ouvindo. Quando houve uma pausa na conversa, que ele já considerara terminada há muito tempo, disse: — Obrigado, Bonzie. Dessa vez você ajudou bastante. Não passará despercebido. Assim que eu ouvir alguma notícia sobre uma das ações, e espero ouvir em breve, vou telefonar para você e compartilhar a informação antes que o mercado abra em troca de sua gentileza. Não, não. Não participo mais de jantares. Mal posso engolir. E estou em uma maldita cadeira de rodas, Bonzie. Você sabe disso. Tenho cento e três anos. Hoje em dia, só consigo engolir caldo e chá, e o caldo só de vez em quando, desde que não tenha sal demais, pois faz a minha garganta se fechar. É um inferno. Adeus.

Ele desligou o telefone, fez algumas anotações com uma das mãos cheias de artrite e tentou ler o que escrevera através da névoa dos olhos verdes esbranquiçados. O teste era simples. Se ele conseguisse ler o que escrevera, e conseguia, então os outros também conseguiriam.

Ele tinha mais dois telefonemas a fazer e seu trabalho estaria completo.

— Frank — disse ele. — Preciso do número do telefone de Piggy French. Ela tem casas em Paris e em Nova Iorque. Ouvi dizer que está em Nova Iorque agora. Não consigo mais ler os malditos números na minha agenda, mas sei que os números dela estão lá. Pode procurar o número do telefone dela em Nova Iorque para mim?

— Sim, senhor.

Frank, que era tão alto que Gelling ficava fascinado, pegou a agenda que ficava guardada em um cofre trancado e a percorreu. — Piggy French?

— Nome terrível, mas foi o que eu disse. Eles lhe deram esse

nome em Vassar porque, quando ela chegou no colégio pela primeira vez, era um pouco gorda demais para aquela turma. Quando ela perdeu peso em uma questão de meses e ficou esbelta, decidiu manter o nome como um lembrete para não engordar novamente e, também, para não dar a mão à palmatória para os valentões. Quando a transformação terminou, uma bela garota foi revelada. Ela e o nome viraram chiques. Que ironia! Mas depois a vida dela virou um inferno. Ela se casou, se divorciou e virou uma bêbada de marca maior. É esse tipo de informação inútil que preenche meu cérebro.

Frank deu o número a Gelling que, nesse meio tempo, tentara ver as horas no relógio costurado ao tapa-olho do homem. Não era muito, mas ainda tinha algum tempo. — Quer que eu disque para você? — perguntou Frank.

— Seria ótimo, Frank. Meus dedos parecem *pretzels*. Aqui, dê-me o telefone. Pelo menos posso segurá-lo.

Em alguns momentos, ele estava falando com Piggy French.

— Piggy — disse ele. — É James Gelling. Como vai?

— Nesse momento, um pouco bêbada, James. Peter me deixou.

— Lamento.

— Provavelmente foi melhor assim.

— Foi a bebida?

— Foi o quê?

— Foram as drogas?

— Foi o quê?

— Deixe para lá. Presumo...

— Não se preocupe. Dessa vez, eu tinha um acordo pré-nupcial impecável. O que sobrou do dinheiro do papai está seguro. Eu aprendi *essa* lição depois que Dick me deixou.

— E por que Dick deixou você mesmo?

— Ele me chamou de vagabunda no jantar chique que Maisie Van Prout deu para aquele xeiقة que todos adoram. Não sei o nome *Quelquechose*. Não consigo me lembrar agora. Mas me lembro da cena como se estivesse estampada na minha parede. Consegue imaginar? Aquele linguajar jogado na minha cara, na frente do xeiقة e de todos os outros na mesa, até da lendária atriz da Broadway, Eve Darling? Quando aquele babaca saiu da sala, eu me desculpei e imediatamente enfiei o nariz nas flores que Maisie

colocara em um vaso na sala de estar. Só as cheirei, o perfume me acalma. Tão doce. Depois, quando ele me processou e ganhou os dez milhões, fiz a mesma coisa na minha casa. Enfiei o nariz dentro de um vaso cheio de flores. Não funcionou tão bem dessa vez.

Provavelmente porque perder dez milhões para um imbecil como Dick Weatherbee é pior do que ser chamada de vagabunda por ele na frente de um xeique popular e uma lenda da Broadway que passou a noite inteira no banheiro cheirando cocaína.

Ela estava tropeçando nas palavras. — O que está bebendo, Piggy?

— Um pouco de tudo.

— Pílulas?

— Ainda não.

— Não tome pílulas.

— Eu o amava, Jamesie.

— Seus sentimentos serão diferentes em uma semana. Precisa se concentrar nisso. Precisa pensar, *renascer*. Espere uma semana passar e você verá as coisas de forma diferente.

— Uma semana será como um ano. Uma vida inteira!

— Não, não será. E não fique histérica, sou velho demais para isso. Preciso que se concentre.

— Ok.

— E, enquanto eu estiver aqui, o que pode acabar a qualquer momento, em minutos — em segundos! — estou disponível, se quiser conversar.

— Ok.

— Obrigado, Piggy. Odeio telefonar quando você está tão para baixo, mas preciso de algumas informações.

— Ok.

— Você sabe que sou discreto.

— É por isso que amo você. E por isso que confio em você. Todos confiam em você. Alguns acham que você ainda é analista.

Ele detestava a palavra *analista*, mas a aceitou, pois ela não estava em condições de ser corrigida. — Algumas vezes, ainda sou. Mas não sou, apesar de ter mantido a mesma ética em se tratando dessa profissão. Meus lábios são mais fechados do que os de um padre, o que, hoje em dia, não quer dizer muito. Digamos apenas

que são fechados.

— Você tem uma mente suja e eu o amo por isso. O que quer saber, Jamesie?

Ele odiava quando ela o chamava de *Jamesie*, mas agora não era a hora de pedir que o chamasse de *James* ou de *Gelling*. Ele precisava de informações dela, portanto deixou passar. — Você e eu sabemos que lidou com Dick Weatherbee. Você me disse isso em uma de nossas muitas sessões não planejadas.

Passou-se um momento de silêncio. — Eu... uh... não me lembro disso. Eu estava bêbada quando disse isso?

— Totalmente. Estava no chão do quarto no Ritz Carlton em Paris e me telefonou cerca de uma hora depois que aconteceu. Você me disse que tinha biscoitos, vodca boa e batatas fritas baratas espalhadas à sua volta. Que tinha enchido a cara.

— Jesus.

A palavra soou como "Hei-zeus", o que o surpreendeu. — Piggy, você tem uma parte hispânica?

— Não, não. Só amo os idiomas românicos e os uso com frequência.

— De qualquer forma, seu segredo sempre esteve e sempre estará seguro comigo. Mas eu me lembro que você mencionou o nome de uma mulher que tinha conexão com a história toda. Era grego. Você se lembra do nome dela?

Piggy ficou em silêncio.

— Agora não é a hora de ficar quieta, Piggy.

— Ok.

— Se eu ler a lista de nomes que tenho à minha frente, consegue lembrar-se do nome que usou para acabar com Dick?

— Do que se trata, Jamesie?

— Não tem nada a ver com você. Eu prometo. Estou investigando um consórcio, que você mencionou na noite em que estava bêbada e comendo batatas fritas no Ritz. Você disse que eles foram essenciais para acabar com Dick. Só preciso do nome dela, porque estou sendo ameaçado pelo consórcio em nome dela. Preciso lidar com ela, se for quem acho que é.

— Por que está sendo ameaçado? Você é um anjo.

Ela disse "anjo" como "ancho".

- Piggy, fale direito.
- Ok. Mas você é um anjo.
- Aparentemente, alguém acha que não.
- Quem você acha que é?
- Eu cheguei em três nomes. Eu sei que ela pertence àquele consórcio. Isso lembra alguma coisa?
- Nesse minuto, eu me lembro de muita coisa, Jamesie. Vamos direto ao assunto e parar de tentar adivinhar nomes. Eu quero ajudar. Essa sua lista. Presumo que o nome de Hera Hallas esteja nela. A herdeira grega? A quem eu fui pedir... uh, você sabe... ajuda?
- Sim, ela está.
- Eu não acredito em coincidências, Jamesie. Por que você está encrocado?
- Eu não faço ideia, mas agora posso descobrir. Posso ameaçar de expô-la. Eu lhe devo uma, Piggy.
- Se piorar, essa coisa entre eu e Peter, que me deixou com aquele olhar cruel no rosto e aquelas palavras odiosas que me recuso a repetir, pois sou superior a elas, talvez eu telefone para você algumas vezes. Conversar sobre o que aconteceu. Arejar a cabeça. Pode ser?
- Ele também a chamou de vagabunda?
- Quatro vezes. É isso o que sou, Jamesie? Sou mesmo uma vagabunda? Dois homens me chamaram disso. Dois homens! E sabe o que ele disse depois? Que a palavra não era baixa o suficiente para descrever o monstro que sou.
- Você não é um monstro – disse ele. – E, sim, pode me telefonar. Menos quando eu estiver dormindo. Na minha idade, posso estar no meu último descanso, que eu bem que gostaria de aproveitar. Ligue no final da manhã ou à tarde. Veremos se ainda estou por aqui. Na minha idade, as luzes podem se apagar a qualquer momento, Piggy. Posso cair morto depois desse telefonema.
- Não diga isso.
- É verdade.
- Eu não aguento.
- É preciso enfrentar as coisas de vez em quando.

- Não isso.
- E Piggy – disse ele.
- *Oui?*
- *Ne prenez pas les comprimés.*
- O quê?
- Não tome pílulas.

CAPÍTULO 23

— Frank — disse Gelling. — Pode me ajudar a encontrar outro número? Sim? Sims Cliveden. Esse será o último. Não há tempo para outros. Sims me dirá o que preciso saber, pois sei que não matou a amante ele mesmo, há tantos anos, naquela noite terrível em Sagaponack. Foi outra mão, não a dele. Ele é um covarde e contratou alguém. A culpa o trouxe até aqui uma noite e ele me contou tudo, em um desabafo meio incoerente. Acho que ele pensou que eu pudesse lhe oferecer expiação. Tudo o que eu podia fazer era ouvir e não julgar, que é o que faço de melhor. Mas eu me lembrei, hoje mais cedo, enquanto pensava sobre esse ângulo que estou investigando, que fiquei confuso no momento do colapso nervoso de Sims, pois foi a primeira vez em que ouvi menção do consórcio sobre o qual ele falou. Sims o usou, deve ter usado. E tenho certeza de que estamos atrás do mesmo consórcio. Quero dizer, quantos consórcios *existem* lá fora?

Ele olhou para Frank quando o homem ergueu a sobrancelha e, em seguida, ergueu a mão frágil o máximo que conseguiu, o que não foi muito, por causa da artrite que a consumia. — Não responda. Você é um ex-fuzileiro cheio de informações e poderá arruinar as coisas para mim. Eis a agenda. Você encontrará o número aí dentro.

— Quer que eu disque novamente, senhor?

— Seria ótimo, Frank. Você sabe que não consigo ver merda nenhuma. E meus dedos são *pretzels*. Algumas vezes fico surpreso, quando ando para lá e para cá nesse buraco com a cadeira de rodas, por não bater em nada.

— Algumas vezes, eu me preocupo com isso, senhor.

— Não se preocupe. Eu conheço cada canto, cada ângulo. É minha pista de corridas e minha fuga.

— Eis o número.

— Perfeito. Você sabe, Frank, quando isso terminar, terei o nome

de todos que compõem o consórcio. Ou, pelo menos, boa parte dos nomes. Provavelmente há mais, mas é um bom começo e, se Carmen usar a lista da forma certa, e eu sei que usará, isso balançará os alicerces. E então veremos o que Illarion Katzev fará. O tempo é fundamental. Além de ajudá-la, acho que esse tal de Katzev vai mijar no *kilt* quando descobrir sobre a lista. Pois saberá que, quando ela estiver nas mãos de Carmen, virará o jogo.

Ele viu o olhar confuso que cruzou o rosto normalmente neutro de Frank e explicou. — Katzev nasceu como Iver Kester em uma fazenda de ovelhas de segunda categoria em Aberdeen antes de virar russo, entrar em um voo para os Estados Unidos e começar a assistir filmes americanos em excesso, a maioria sobre a máfia. Por isso ele é assim hoje. Ele é totalmente escocês, mas negaria isso em um minuto. Um velho conhecido me disse que ele passou anos com um tutor pessoal, que o ensinou a falar russo de forma perfeita e fluente, e também a falar inglês como se tivesse nascido russo. Quem *pensa* desse jeito? Se eu fosse mais jovem e ainda estivesse publicando em diários, escreveria um estudo de caso sobre ele sem pensar duas vezes.

Ele olhou para o olho coberto de Frank, conferiu a hora no relógio cor de safira que brilhava, e desviou o olhar para o outro olho por educação.

— Isso tem sido revigorante. Todas essas investigações. Graças aos céus eu tratei tantos malucos ricos e assassinos na vida. É empolgante. Você sabe que isso pode ter me dado mais um ano de vida. Posso sentir meu coração batendo como se eu fosse jovem de novo. Consegue ler minha letra aqui?

Ele mostrou a Frank o pedaço de papel com a lista de nomes, endereços e outras informações.

— Sim, consigo.

— Tudo?

— Tudo.

— Perfeito. Ok, disque o número de Sims. Vou lembrá-lo do que sei sobre ele e a amante. Ele falará. Assim como Piggy French, Sims Cliveden sempre fala. O lado bom é que ele não precisa estar bêbado nem drogado para isso.

* * *

Mais tarde, Sims Cliveden, do Pittsburgh Clivedens, disse a Gelling o nome da pessoa que ele usara para matar a amante, Jacqueline, nove anos antes, antes que ela cumprisse a ameaça de causar problemas entre Sims e a mulher dele, Florette, com quem estava casado havia vinte e três anos.

Gelling conhecia a história porque, na época da morte de Jacqueline, Sims era seu cliente e, como um católico cheio de culpas, ficara ruborizado ao contar tudo durante uma de suas sessões.

Gelling foi até os arquivos e encontrou suas antigas anotações. O homem que Sims usara chamava-se Conrad Bates. Por algum motivo, o nome soava familiar para Gelling – ele sentia que havia alguma conexão com o nordeste – mas não sabia o motivo e, certamente, não importava agora.

O que importava é que ele tinha compilado oito nomes e, apesar de duvidar que cobrissem todos os que pertenciam ao consórcio, era suficiente para armar Carmen com as informações de que ela precisava agora para desarmar Katzev.

Ele leu a lista novamente e, com orgulho, colocou-a de volta na mesa. Em um momento, ele telefonaria para Carmen com as informações e pediria a ela que viesse buscá-las. Era o trunfo dela contra Katzev e o consórcio. E ele ajudara a fabricar.

Mesmo com a minha idade, pensou ele, empolgado.

Girando apressado, ele se afastou da mesa com a cadeira de rodas elétrica e olhou em torno à procura de Frank, que devia ter saído para usar o banheiro ou buscar algo para comer.

Deixe-o em paz, ele pensou consigo, um fiapo de ideia já se formando. A oportunidade aparece.

Cinco meses depois de fazer noventa e seis anos, os médicos disseram a James Gelling que ele nunca andaria novamente. Os quadris, operados vinte anos antes, estavam gastos demais, bem como os joelhos, também operados, que travavam sempre que ele subia ou descia escadas.

Ele queria fazer uma cirurgia para corrigir os quadris e os joelhos. Mas, devido à idade, a médica o aconselhou a não fazê-lo. — É improvável que você sobreviva — disse ela. — É arriscado demais.

— Por quê? — perguntou Gelling.

— Você sabe o porquê.

— A anestesia? — perguntou ele.

— Isso mesmo — disse ela. — A anestesia. E também a sua idade. Você não é jovem, James. A cirurgia será demais para o seu corpo, especialmente por causa da duração dela. Ela o matará. Você sabe disso. A não ser que eu esteja entendendo errado, não acho que queira que isso aconteça.

— Não sei o que eu quero. — Ele fez uma pausa quando um sentimento de derrota o invadiu. Ele queria uma vida normal. Queria continuar praticando a profissão, mas ela também dissera a ele para parar, pois precisava do descanso. A ideia o deixou furioso. Ela estava tirando dele tudo o que importava. — Está sugerindo que eu passe o resto da vida em uma cadeira elétrica, até que a morte venha me buscar? — perguntou ele.

— Estou dando meu melhor conselho — disse ela. — E, não, não é o que estou sugerindo. Com ajuda, você ainda pode ter uma vida significativa. O que precisa descobrir é como essa vida será, dada sua situação atual.

Ele se lembrava de ter olhado pela janela e perder-se na penumbra chuvosa do horizonte de Manhattan.

— Comecei a cagar nas calças — disse ele, com uma voz distante.

— Não contei a você sobre isso. Uso fraldas agora, que não consigo trocar sozinho, então há a humilhação adicional de pedir a alguém que a troque para mim e limpe minha bunda porque tenho incontinência. O homem que faz isso é Frank. Ele é uma joia. Um cara incrível, ex-fuzileiro, mais alto do que é possível geneticamente, mas só tem um olho e morro de vontade de ver o que há sob o tapa-olho. Ele não me mostra. Provavelmente, sente-se humilhado. Obviamente, sente-se envergonhado. Eu conheço esse sentimento. O que adoro nele é que ele é um excêntrico. Tem um relógio costurado na parte da frente do tapa-olho. Consegue imaginar? Eu acho que ele faz isso para desconcertar as pessoas, que não sabem para onde olhar quando falam com Frank. Eu sei que

tenho sorte de tê-lo ao meu lado, mas quero andar de novo. Não quero ficar em uma maldita cadeira de rodas.

– E quem quer?

– Mas é onde você está me colocando. O que vou fazer em uma cadeira de rodas? De verdade?

– Algo diferente. Algo que use capacidades que você nem sabe que tem. Você precisa ficar em paz com isso. Teve uma vida boa, James. E, com exceção das pernas, dos joelhos e dos dedos deformados, você tem uma saúde excelente. Metade das pessoas na sua idade não podem dizer o mesmo.

– Meus dedos deformados. Isso também deveria fazer com que eu me sentisse melhor?

– É para dar a você a perspectiva correta. Você teve uma vida ótima. Ainda pode aproveitar alguns anos, especialmente se encontrar um motivo para acordar todas as manhãs. Um novo tipo de carreira.

Ele consultara outros médicos, mas, para sua decepção, todos concordaram. A cirurgia seria o seu fim. Ele morreria em uma mesa, com um dos quadris de titânio já removido. Mas, em vez de ser colocado de volta dentro do corpo de forma adequada, ele sabia como funcionava. Eles só o jogariam de volta lá dentro, de qualquer jeito, e o costurariam, sem se importar com a aparência.

Para Gelling, que tinha planos muito específicos para o funeral e o enterro, a ponto de ter contratado uma agência de teatro para colocar nove atrizes, de várias idades, ao redor do enorme caixão de mogno, onde deveriam chorar por ele enquanto estivesse descendo para dentro do buraco, o pensamento de ser enterrado de forma tão desfigurada o revoltava.

Quando ele finalmente decidira render-se à vida em uma cadeira de rodas, comprara o melhor modelo existente, que ainda usava. E depois parara para reavaliar sua vida.

Quais eram suas paixões? O que ele queria fazer antes de morrer? Foi quando sua conhecida de longa data, Babe McAdoo, telefonara para pedir um favor, que envolvia encontrar um homem que ambos conheciam por meio de amigos mútuos, que ele começara a suspeitar coisas sobre ela que não teria sabido quando o homem foi encontrado sem cabeça alguns dias depois.

Fora um evento que aparecera nos jornais internacionais por causa de quem era o tal homem. Depois de alguns drinques, ele exigira que ela contasse tudo. Foi assim que ele descobrira sobre a "vida secreta" dela, como Babe chamava, o que o deixara atordoado. Mas, também, cheio de empolgação.

— Eu sei que você conhece muita gente — Babe dissera a ele. — Mais do que qualquer outra pessoa que conheço, na verdade, incluindo eu mesma, o que é o bastante. E você sempre teve uma mente interrogativa. Você é bom com enigmas e entende a mente humana de formas que a maioria não entende por causa de seu histórico médico e da longa prática profissional. Ainda pode ser precioso para algumas pessoas que conheço. E poderia fazer tudo isso sentado nessa cadeira.

Antes que Babe fosse embora, ele já estava convencido. E a vida dele, aos noventa e seis anos, começara de novo, com uma série de aventuras emocionantes com as quais ele nunca sonhara em sua casa perto do parque, que fora reformada para acomodar a cadeira de rodas.

Quando se sentia bem, como hoje, por causa da forma como ajudara Carmen, ele algumas vezes corria pelo apartamento, como se fosse um garoto. O que tinha a perder? O corpo tinha parado de funcionar anos atrás, mas o senso de aventura de Gelling nunca o deixara, mesmo que fosse somente correndo pelo quarto andar da casa em uma velocidade que deixava Frank pálido, pois ele ficava preocupado. A cadeira poderia virar, não importava o quanto Gelling estivesse se divertindo.

Gelling ficou parado na cadeira ouvindo os sons da casa. Seus ouvidos não eram mais os mesmos, mas não eram ruins e, se ele fosse apostar, diria que Frank estava na cozinha, no andar de baixo, provavelmente preparando o sanduíche de peru que sempre comia nesse horário.

Sabendo que Frank brigaria com ele, mas sem se importar muito, Gelling olhou para a direita e viu o longo corredor que saía do aposento que fora transformado em uma segunda sala de estar. Em sua condição, era mais conveniente ter uma segunda sala de estar no quarto andar, onde ele morava, do que no primeiro andar, onde raramente ia.

Ele escutou novamente, não ouviu ninguém na escada e, com um sorriso, impulsionou a cadeira de rodas para a frente.

A cadeira era rápida e robusta. Logo, ele estava livre, correndo de uma sala a outra, de um corredor a outro, com tal velocidade que o fazia rir e arquejar. Ele cortou em volta de mesas e mobílias, quase virou, mas, de alguma forma, conseguiu se endireitar novamente, avançando cada vez mais depressa, o rosto normalmente pálido rosado com a empolgação. Até que a cadeira de rodas teve um defeito.

Aconteceu tão rápido, que Gelling não tinha certeza do que fazer ao correr pelo longo corredor que se abria para a sala de estar. O fim do caminho era uma janela francesa enorme com vista para a Rua Sessenta e Um East, ao lado do parque, quatro andares abaixo.

Enquanto tentava ficar em linha reta para que a cadeira não virasse, Gelling puxou para trás a alavanca, que estava presa na posição à frente, impulsionando-o rapidamente.

A sala de estar do quarto andar era um aposento grande, com uns quinze metros de comprimento, mas Gelling já passara da metade. Ele não tinha força suficiente, a essa velocidade, para fazer qualquer coisa além de observar o fim inevitável à frente.

Então, era isso. A morte dele não seria natural, como sempre pensara que seria. Ele não abriria os olhos uma manhã para se dar conta de que o teto branco era, na verdade, uma luz brilhante que se abria para outro mundo. Ele não cairia morto na cadeira sobre um prato de sopa. Ele não ia dar o último suspiro de vergonha ao observar Frank limpando sua bunda e trocando sua fralda, o que odiava e o deixava extremamente estressado.

Em vez disso, sua morte, ironicamente, traria a desfiguração, da mesma forma como teria acontecido ao operar os quadris e os joelhos, como ele quisera.

A ideia de desfiguração era algo que ele não podia aguentar, mas, com a morte tão próxima, sabia que aconteceria. A cadeira de rodas bateu na parte de baixo da janela e o catapultou através do vidro e para o ar, que estava muito frio, tão intenso quanto tudo o que estava acontecendo.

Naquele momento, enquanto estava suspenso no ar, o corpo tão rígido por causa da idade que ele não conseguiu erguer as mãos para

o rosto para evitar que batesse diretamente na calçada, James Gelling cagou nas calças pela última vez, uma humilhação final ao morrer. Ele gritou para Frank, que era uma joia e que, tristemente, ele não veria novamente.

E então acabou.

Enquanto as pessoas paravam na calçada para gritar, olhar em horror ou virar de costas pelo mesmo motivo, ele se tornou uma parte infeliz do cimento, com a lista de nomes de Carmen sobre a mesa.

CAPÍTULO 24

Carmen estava sentada com Babe e Jake na sala de estar, olhando de vez em quando para o relógio, extremamente preocupada com Chloe, mas tentando controlar as emoções para se manter concentrada e resolver o problema quando tivesse a oportunidade.

A hora que deram a Katzev como prazo para responder chegara à metade. Não houvera resposta do homem que mantinha Chloe cativa e cujo bem-estar da família estava em risco por causa disso.

— Por que ele está demorando tanto? — perguntou Babe.

— Ele está fazendo o jogo dele, Babe. Fazendo com que nos preocupemos. Mas ele vai telefonar. É só uma questão de tempo.

Cinco minutos depois, o celular vibrou no colo dela. Todos olharam para Carmen, que olhou para baixo surpresa e viu que era Spocatti.

— É o Vincent — disse ela. Ela atendeu o telefone e o colocou no ouvido. — Aqui é a Carmen.

— Tão formal — disse Spocatti. — Aqui é o Vincent.

Ela ouviu os barulhos distantes de um avião. — Onde você está? — perguntou ela.

— A caminho de Nova Iorque.

— Está vindo para cá?

— Chegarei em algumas horas.

— Para quê?

— Para ajudar você. Falei com Katzev. Eu entendo que tenha dado a ele uma hora para entregar essa garota Chloe com quem você está tão preocupada, mas preciso que recue.

— Por quê?

— Não estou pedindo que recue para sempre, Carmen. Só até eu chegar aí. Depois, em troca da segurança da família dele, Katzev concordou em soltar Chloe. Parece que enviar Liam para a Escócia

foi a coisa certa a fazer — Katzev está abalado. Ele concordou em nos encontrar em um lugar neutro, ainda não anunciado, mas sobre o qual concordaremos em breve. Ele irá com a garota e um dos homens dele. Katzev e o outro homem estarão armados. Eu disse a ele que chegaria somente com você e que também estaríamos armados. Portanto, no mínimo, em se tratando de artilharia, empatamos.

— Se é que podemos confiar nele, o que é meio difícil.

— Eu acho que podemos, mas você tem razão, nunca se sabe. Eu ouvi a voz dele. Ele sabe que você está falando sério.

Especialmente, ele não quer que nada aconteça com a mãe dele. Não acho que ele se importe muito com os outros, mas a mãe significa alguma coisa. É ela quem ele quer proteger.

Era o que Carmen achava. — Então, Chloe está segura — disse ela. — E o que acontece comigo?

— É onde as coisas ficam meio obscuras.

— Como?

— Todos estaremos armados, Carmen. O clima será tenso. Não sei o que ele fará, mas você precisa manter os olhos nele durante todo o processo e estar preparada, pois ele atirá em você se tiver a oportunidade. Se achar que ele ou o homem dele estiver prestes a sacar a arma, atire neles. Ponto. Se isso não acontecer, saímos de lá. Também o estarei vigiando. Juntos, podemos acabar com ele, caso Katzev tente algo burro, mas haverá consequências se fizermos isso. Quando souber da morte de Katzev, o consórcio colocará todos os recursos que têm atrás de nós para nos matar. Seremos a prioridade número um deles. Eles não deixarão que dois dos membros do alto escalão sejam assassinados por qualquer um, especialmente porque estão convencidos que você tem informações sobre eles. Será uma guerra. Se isso acontecer, teremos que encontrar cada um dos membros e acabar com isso de uma vez por todas.

— Por que está fazendo isso, Vincent?

— Fazendo o quê?

— Ajudando a mim e a Chloe, sabendo que virará um alvo.

— Porque eu quero.

— Isso não combina com você.

– Carmen, você passou a significar alguma coisa para mim. Eu conheço os riscos. Tomei minha decisão. Quer que eu me afaste?

– Não.

– Então, muito bem.

– Eu acho que talvez tenha uma chance de descobrir quem faz parte do consórcio – relevou Carmen.

– Como?

Ela pensou sobre a conversa com Gelling. Se ele conseguisse os nomes, os endereços e qualquer outra coisa que pudesse descobrir sobre eles, o equilíbrio mudaria a seu favor. O consórcio teria que recuar ou teria que arriscar a morte ou a exposição.

– Conto a você quando chegar aqui. E, Vincent, tenho que insistir, o consórcio é problema meu, não seu. Eu acabarei com eles. Você não precisa arriscar a sua vida por mim.

– Eu não ofereço ajuda a qualquer um, Carmen. Especialmente de graça. Como você, eu trabalhei com o consórcio durante anos. Eles ficaram poderosos demais. Ficaram arrogantes, o que é perigoso. Eu acho que é hora de acabar com eles, antes que acabem conosco, como fizeram com Alex, e agora com você e Jake. Quem sabe? Eu não ando sobre a água. Posso ser o próximo.

– Muito bem – disse ela. – Mas ouça bem. Eles são os responsáveis pela morte de Alex. E também pelo que Katzev fez com Chloe, quero ter o prazer de matá-lo eu mesma.

– Ele é seu. Mas ambos sabemos que, se você for atrás de Katzev, o guarda dele virá atrás de nós.

– Não vejo como isso é um problema.

– Eu vejo. Não sabemos se ele é bom. Precisaremos agir rapidamente.

– Vai me telefonar quando chegar?

– Sim. Isso termina hoje à noite. Quando eu chegar, já terei conversado com Katzev e teremos concordado sobre o lugar. Avise Babe e Jake que vou buscá-la, mas só você. Eles ficarão desapontados, mas esses são os termos.

– Entendido.

– E Carmen – disse Spocatti, com um tom diferente na voz.

– Sim?

– Isso pode dar errado de muitas formas que nenhum de nós quer

ou espera. Quero que saiba que, não importa o que aconteça, eu sempre a admirei.

* * *

Momentos depois, Carmen deu a notícia de que Babe e Jake estavam fora do esquema e que ela prosseguiria sozinha com Spocatti, que estava a caminho de Nova Iorque. Naquele instante, Max, o mordomo de Babe, entrou na sala com uma pressa incomum e abaixou-se ao lado de Babe, sussurrando algo no ouvido dela que Carmen não conseguiu ouvir.

Babe olhou para cima, com a boca aberta. — Não — disse ela. Carmen viu o rosto dela ficar pálido.

— Receio que sim, madame.

— Mas não pode ser!

— Qual é o problema? — perguntou Carmen.

— É o Gelling — disse Babe. — Um acidente terrível. Terrível.

— O que aconteceu?

— De alguma forma, ele atravessou a janela do quarto andar. As pessoas na calçada o viram cair.

— Do que está falando? Ele está bem?

Ela balançou a cabeça. — Não — disse ela. — Gelling não está nem um pouco bem. Ele atravessou a janela, caiu na calçada e está morto. O pobre Gelling está morto. Max acabou de ver na CNN.

Carmen afundou na cadeira. Além do fato de que passara a gostar de Gelling, as informações que ele reunira sobre o consórcio naquela tarde morreram com ele. Era o único trunfo que ela tinha contra Katzev, a única coisa que sabia que poderia usar contra ele se fosse preciso. E ela sabia que seria preciso.

Sentada lá, atordoada pela notícia, ela sabia que, naquele momento, só tinha a família de Katzev para usar como barganha contra ele. Mas ela já sabia que não era muito. O que vira naquele vídeo fora uma família lutando para se manter unida. Com o dinheiro de Katzev, por que não estavam em uma situação melhor? Ele se recusara a ajudá-los? Obviamente sim. Eles significavam pouco para Katzev, incluindo a mãe, a quem ele podia ter dado uma vida melhor

se quisesse.

Pior para Carmen, se eles não significavam nada para ele, teria alguma importância ameaçar matá-los? E, se não tivesse, o que ela tinha para usar contra ele?

* * *

— Onde vai ser o encontro com Katzev hoje à noite? — perguntou Jake.

— Não sei ao certo — disse Carmen. — Vincent disse que descobriria antes do avião pousar.

— Você sabe que não pode ir sozinha.

— Não vou sozinha. Vou com Vincent.

— Eu deveria estar lá — disse ele. — Katzev terá o pessoal dele lá, não vai sozinho.

— Provavelmente não, mas não posso arriscar. No mínimo, preciso tirar Chloe de lá. Você não entende o que ela significa para mim. É como uma filha. Ela está nessa situação por minha causa. Não importa o que vai acontecer comigo. Meu foco principal é tirá-la de lá e seguir o plano de Vincent.

— Mesmo se você morrer?

— Mesmo se eu morrer.

Ele olhou para ela desapontado, como se o fato de ela escolher a própria morte para salvar a vida de outra pessoa fosse uma afronta aos seus ideais como assassino. — Não sou exatamente um amador, Carmen. Eles não me verão nem me escutarão. Deixe-me ajudá-la.

O que Carmen queria dizer, mas não disse, é que ainda não confiava nele. Ainda não sabia quem ele era. Jake era um enigma. Durante o tempo que passaram juntos, ele não dissera quase nada sobre si mesmo. Quem era ele? O que ela sabia sobre esse homem que tivesse alguma importância? Nada. Houvera oportunidades em que poderia ter dado alguma pista sobre quem era quando estavam conversando com Babe, mas ele decidira permanecer escondido em uma sombra que criara.

Parte dela entendia. Era o que deviam fazer, manter silêncio.

Revelar o mínimo. Ele estava honrando a profissão. Ela entendia. Mas se sentiria muito melhor se soubesse alguma coisa real sobre ele.

Ela olhou para ele. Jake dissera que não tinha ideia do motivo pelo qual o consórcio o queria morto. Era verdade? Ela não tinha certeza, mesmo que fosse só pelo fato de ele ter sido honesto sobre tê-la entregado a eles em um esforço de ganhar tempo para sair da cidade e salvar a si mesmo. Ele faria isso novamente? É claro que sim. Pior ainda, se ela estivesse no lugar dele, faria a mesma coisa, o que complicava as coisas ainda mais. No coração deles, a sobrevivência era o que os definia. Era tudo o que tinham. Tinham que continuar, permanecer vivos, colocar a si mesmos em primeiro lugar. Como ela podia julgá-lo por isso quando provavelmente teria feito a mesma coisa?

Frustrado com ela, ele se recostou na cadeira e cruzou as pernas, abstendo-se de continuar a conversa. Carmen se sentia em um conflito. Estava cometendo um erro em não aceitar a ajuda dele? Ela não tinha certeza, mas sabia que nunca confiaria no homem sentado à sua frente da mesma forma como confiava em Spocatti.

CAPÍTULO 25

O tempo passava lentamente. Há quanto tempo ela estava lá? Um dia? Mais do que um dia? Provavelmente mais do que um dia, mas sentia como se fossem três. Talvez mais, mas sabia que não era verdade. Eles ainda não a tinham alimentado, mas, quando pedira, deixaram que usasse o banheiro, que ficava logo à sua frente. E deixaram que usasse o bebedouro próximo ao banheiro quando dissera que estava com sede.

Sempre que a deixavam livre fora da cadeira, davam a ela oportunidades que não percebiam. Eles não deram importância a ela por causa da idade. Não tinham ideia do que Chloe vira em sua vida, pelo que passara nem como sobrevivera por tanto tempo em um mundo que parecia determinado a conspirar contra ela.

Chloe Philips, levada para St. Vincent aos oito anos, via as coisas de forma diferente da maioria das pessoas, pois tinha uma visão do mundo diferente da maioria. Ela procurava a dianteira, qualquer coisa que lhe desse uma margem, caso precisasse. E, frequentemente, esse era o caso nas ruas, especialmente ao ser intimidada de forma tão incansável como ela era.

No caso dela, todos na escola a consideravam a aberração que ninguém queria, a garota que não conseguira ser adotada, diferentemente da irmã, Mia, que encontrara uma família em questão de meses. Mas não Chloe. Por oito anos, ela fora descartada por dezenas de famílias que procuraram uma criança para criar, um filho. Ela fora considerada inútil, arruinada e, na escola, faziam questão de lembrá-la disso diariamente.

A única pessoa que aliviara a vergonha e o fardo que carregava por causa de tudo isso fora Carmen, a quem ela amava e que era o único motivo pelo qual ela queria sobreviver. O que disseram sobre ela ser uma assassina era mentira. Ela resolveu que não acreditaria nisso. Queria que seu relacionamento com Carmen continuasse, pois

ela sempre fora boa. Portanto, Chloe decidiu que faria um esforço para que isso acontecesse.

De forma razoável.

Esse museu de carros tinha veículos absurdamente caros, sessenta ou mais deles, todos brilhando sob um único holofote colocado acima deles. Ali, ela vira algumas oportunidades no caminho para o banheiro e o bebedouro que lhe deram um rastro de esperança de, talvez, virar as coisas a seu favor.

Mantendo uma máscara de determinação no rosto, ela começou a processar essas oportunidades de forma que pudessem ajudá-la a escapar, caso uma janela fosse aberta e apresentasse uma fresta de liberdade. Não que ela esperasse que isso fosse acontecer. Na vida dela, as janelas não se abriam. As coisas sempre pareciam totalmente trancadas.

Sabendo disso, ela conhecia a si própria bem o suficiente para saber que não seria mantida como um animal para sempre, não importava o quanto se importasse com Carmen e quisesse vê-la novamente. Ela não tinha medo de assumir riscos, nem de enfrentar a própria morte, como achara que teria acontecido anos atrás quando a mãe trouxera para casa aquele idiota que batera nela com uma frigideira e fizera coisas inimagináveis a ela e à irmã.

Mas ela também sabia ser calculista quando era preciso. Como agora.

O depósito no qual a mantinham tinha duas possibilidades de saída. Ela vira a saída principal, que ficava à direita, provavelmente a uns dezoito metros de distância. Estava trancada? É claro que sim, mas isso não significava que, sob as circunstâncias certas, ela não podia ser destrancada.

Ainda assim, conseguir isso seria difícil, se não impossível. Por isso, ela gostava mais da outra opção, que envolvia usar a boca, a caixa de força que ela notara em uma ida anterior ao banheiro e a coleção de carros esportivos preciosos do russo. Essas três coisas poderiam ser úteis para que ela pudesse dar o fora dali.

Quando chegaram lá na primeira vez, o russo colocara dois homens armados para guardá-la. Mas, à medida que as horas se passaram e os homens ficaram inquietos, sugeriram, na frente dela, fazer turnos para vigiá-la. Perguntaram ao russo se isso era aceitável

e ele concordara. Naquele momento, um dos guardas estava descansando em algum lugar na parte de trás do depósito. De onde estava sentada, ela não tinha ideia de onde ele estava, pois o espaço era muito profundo. Ela não conseguia vê-lo, o que provavelmente seria um problema.

O homem à sua direita estivera com ela por várias horas. Ele tinha uma espingarda pendurada no ombro esquerdo e segurava uma pistola na mão direita, a cerca de uns trinta centímetros dela. Talvez menos. O russo estava mexendo no telefone, ligando para algumas pessoas, caminhando entre os carros, parecendo agitado, enquanto montava um plano que provavelmente tinha a ver com ela.

Ela levantou as mãos algemadas para afastar o cabelo do rosto. O homem parado ao lado olhou para baixo e depois para longe. Ele era um brutamontes – alto e musculoso, o peito amplo espremido dentro da camiseta preta – mas estava começando a parecer cansado. Isso era bom, desde que ele não decidisse que estava na hora de acordar o companheiro para trocar de turno. Se isso acontecesse, ela teria alguém mais descansado por perto. Mais alerta. Ela decidiu que, se fosse fazer isso, teria que agir logo. Chloe temia que, se não agisse depressa, as coisas ficariam mais difíceis.

O que o homem parado ao seu lado não sabia era que, toda vez que ela erguia as mãos até o rosto, ou se abaixava para coçar uma coceira que não existia na canela ou na panturrilha, Chloe estava, na verdade, vendo o quanto podia mexer as mãos algemadas.

Não era ideal – por exemplo, ela não conseguia alcançar as costas – mas isso era de se esperar e não seria um problema muito grande quando fosse fazer o que tinha em mente.

Ela olhou para o russo, que caminhava em frente aos carros caros enquanto falava ao telefone, a cerca de nove metros à direita. Ele tinha uma arma? Ela não tinha certeza. Quando estivera perto dela mais cedo, ela não notara sinais de uma arma, mas isso não significava que não havia uma escondida sob o casaco.

Ela ouviu a conversa dele e ficou imaginando quem estava do outro lado da linha. Ele estava dando instruções de como chegar ao depósito e, pela primeira vez, ela soube onde estava. Estava em Hell's Kitchen, na rua Quarenta e Seis West, perto da Onze e ao lado do Hudson.

Ela não ficou surpresa com a localização.

— É melhor fazermos isso aqui — ela o ouviu dizer. — Faz sentido ser aqui. A garota está aqui. Além disso, Carmen não sabe que sou dono desse lugar. Parecerá um terreno neutro para ela. Você precisa trazê-la até aqui.

Fez-se silêncio enquanto ele escutava. — Está bem — disse ele. — Quando acha que pode chegar aqui com ela? — Silêncio. — Vejo vocês em uma hora. Gosto de seu plano, Vincent, mas precisa ter cuidado com os carros. Minha coleção está aqui. Quando chegar, verá carros por todo lado e não quero que nada aconteça com eles. Entendeu? Nada pode acontecer com eles. Quando você os matar, quero que seja rápido e limpo, e que nada aconteça com os meus carros. Isso mesmo. Eles são caros. E vá se foder, não importa se eles têm seguro.

Ele desligou o telefone, pegou um maço de cigarros no bolso do casaco e foi então que Chloe viu o coldre e a arma. Ele acendeu um cigarro, soprou para cima uma onda de fumaça azul, que envolveu uma das luzes, e pegou o telefone novamente. Ele estava tão distraído ao digitar os números que ela sabia que, se não agisse agora, perderia o momento para sempre.

O importante era o momento certo. Para tudo na vida. Ela aprendera isso quando deixara a mãe, o que provavelmente salvara sua vida. Será que ela conseguiria enganar a morte mais uma vez?

Era hora de descobrir.

Resolvida a ir em frente, ela sentiu o coração bater com força no peito. A adrenalina espalhou-se como lanças, ferroando cada parte de seu corpo até que ela se sentiu totalmente viva, frente a frente com a morte. Chloe respirou fundo, repensou o plano, memorizou o espaço novamente e agiu.

Ela se abaixou como se estivesse coçando a canela, olhou para a direita, viu o braço nu do homem com a arma na mão e, então, moveu-se da forma mais rápida e violenta possível.

Em um *flash*, os dentes de Chloe Philips estavam enterrados no antebraço do homem. Com todas as forças que tinha, ela enterrou os dentes bem fundo até baterem no osso, atravessou o músculo grosso e arrancou fora um pedaço do braço dele. Ela cuspiu no chão e sentiu o gosto de sangue na boca. Fez força para não vomitar por

causa da quantidade de sangue que engolira e que agora a cobria. Atordoado pelo ato, o homem deixou a arma cair e Chloe a pegou logo antes de ele tentar chutá-la para longe.

Em vez disso, o pé dele bateu em seu ombro esquerdo, que pareceu desintegrar-se com a força do chute, mas não antes de ela segurar a arma desajeitadamente nas mãos e apontá-la à frente. Ele gritou de fúria e de dor, e depois pedindo ajuda. Mas Chloe Philips, nascida nas ruas e atormentada por muitos por causa de sua vida triste e podre, sabia que vencera um momento antes de mirar tremulamente na cabeça dele e disparar uma bala que lhe atravessou a garganta.

A surpresa encheu os olhos dele. O homem pareceu genuinamente chocado ao cair de joelhos, que quebraram com a força da queda. O sangue espirrou no chão de concreto. Ele cobriu o ferimento com a mão, mas Chloe acertara a carótida. Não havia salvação para ele e não era possível parar o jorro de sangue que pulsava por entre os dedos dele.

Ela notou movimento nos dois lados. Katzev e o outro capanga. O tempo era fundamental, apesar de parecer ter parado.

No momento, havia uma coisa mais a fazer.

Apesar da dor no ombro, Chloe deitou-se de barriga para baixo e olhou para a caixa de metal presa na parede à direita do bebedouro. Era a caixa de disjuntores. Tinha que ser, por causa dos fios grossos que entravam e saíam dela. Quando Katzev levantou a arma para ela, Chloe mirou na caixa, atirou e fez uma careta quando fagulhas voaram pelo aposento.

Instantaneamente, o depósito ficou mergulhado em uma escuridão tão densa e negra que ela não conseguia ver nada além da memória que guardara do espaço.

Ela se levantou, segurou a arma à frente e moveu-se cegamente por trás de um dos carros de Katzev. A dor em seu ombro esquerdo deslocado era excruciante. Ela bateu no carro e se encolheu. Será que o alarme dispararia? Não disparou. Ela se escondeu atrás do carro, ficou ouvindo e esperou.

Apesar da escuridão, ele viria atrás dela. E o outro guarda também.

Mas ela também tinha um plano para isso.

CAPÍTULO 26

— Max — disse Babe, quando ouviu a batida na porta. — É o Vincent. Você o conhece. Verifique o monitor de segurança e certifique-se de que seja ele antes de abrir a porta. Ele precisa sair depressa, então deixe-o entrar assim que possível e traga-o até nós.

Max assentiu e saiu da sala.

Babe olhou para Carmen com um olhar preocupado. — Eu acho que você precisa de nós — disse ela, quando Carmen e Jake se levantaram. — Não acho que fizemos o suficiente. Não gosto dessa ideia de você ir sozinha com Vincent, e não é por causa de Vincent. Mas porque Katzev é um trapaceiro. Ambas sabemos que não estarão só ele e um capanga no local onde você o encontrará. Ele terá uma equipe esperando. É uma armação. Isso não a preocupa? Eu sei que você pensou bem nisso.

— É claro que sim — disse Carmen. — Mas o que posso fazer? Gelling está morto. E, com ele, os nomes dos membros do consórcio que estava tentando compilar para mim.

— Já pensou em telefonar para o assistente de Gelling, Frank? Você sabe, aquele homem enorme com o relógio que cobre o olho? Ele está com Gelling há anos e pode saber de alguma coisa.

Carmen parecia derrotada. — Quando fui ao banheiro há alguns minutos, telefonei para Frank. Ele disse que não tem conhecimento de lista nenhuma.

— Isso é mentira — disse Babe. — Aquele homem sabe de tudo sobre Gelling. Ele limpava a bunda do homem, pelo amor de Deus. Não acredito nisso nem por um minuto.

— Nem eu. Mas, sem a ajuda dele e sem aquelas informações, não tenho nada para usar contra Katzev. Ele tem a vantagem com Chloe. Ele sabe que farei qualquer coisa para mantê-la segura. Goste ou não, sendo tão neutra quanto é possível, ele está comandando o espetáculo.

— Mas você tem Liam — disse Babe. — Você tem a família de Katzev bem na palma da mão. Certamente, isso é alguma coisa. Um telefonema para Liam e a vida deles já era. Isso deve incomodar Katzev. Liam poderia matar a mãe dele, pelo amor de Deus.

— Eu não acho que ele se importe, Babe.

— Por quê?

— Porque eles não são o consórcio, que é o mundo dele. Foi o que ele construiu com Jean-Georges e que foi um sucesso muito grande. Você viu o vídeo de Liam. Apesar de Katzev ser tão rico, a família dele está passando dificuldades. A mãe dele estava implorando ajuda. A casa atrás deles precisava de reparos urgentes. Nenhum deles tinha aparência de bem-sucedido. — Ela ergueu um dedo. — Isso não deveria acontecer, se Katzev os estivesse ajudando? Seja qual for o motivo, ele não os ajuda. Acho que ele tomou uma decisão consciente de se distanciar deles. Em se tratando de salvar a única coisa que o deixou tão rico como ele é hoje, eles não significam absolutamente nada. Estão em último lugar.

Naquele momento, Spocatti entrou na sala. Carmen olhou para ele e não pôde evitar um sentimento de alívio. Ele usava uma camiseta preta, *jeans* pretos e um casaco preto para esconder o que estava carregando. Ele usava sapatos pretos com solas que tinham aderência no asfalto, no concreto ou na madeira, ao mesmo tempo em que davam tração suficiente para correr, se fosse preciso.

Ela não o via há algum tempo, mas a idade não o mudara. Ele ainda tinha o rosto masculino de um boxeador, que fora na juventude, e os olhos castanhos dos quais ela se lembrava tão bem, pois pareciam refletir a escuridão de tudo o que ele sabia e criara durante a vida. Os cabelos pretos fartos brilhavam com algum produto que ele passara. Ele estava em boa forma e bronzeado do tempo que passara em Capri e, ao vê-lo naquele momento, ela achou que ele era uma força. A presença que ele trouxera para o aposento era algo que poucos tinham. Nele, era natural.

Ele acenou com a cabeça para ela.

Antes que ela pudesse acenar de volta, Babe chamou o nome dele. Ela caminhou até ele e afastou a mão estendida para que pudesse abraçá-lo. Ela beijou o rosto dele antes de se afastar. Havia alguma coisa na forma como ela se encostara nele, com o pé direito

levantado, que disse a Carmen tudo o que ela precisava saber sobre o relacionamento deles. Eis o jovem assassino com quem ela dissera que tivera um caso. Eis o homem que abrira os olhos dela para a vida perigosa que ela levava por duas décadas.

– Como foi sua viagem? – perguntou ela.

– Ocupada.

– E Capri?

– Mais ocupada ainda.

– Você parece bem.

– Veremos como parecerei amanhã de manhã. – Ele olhou para o outro lado da sala, onde estava Jake, parado em frente a uma das cadeiras vermelhas. – Jake – disse ele.

– Vincent.

– Fiquei sabendo que também está encrencado.

– Eu quero ir com vocês – disse ele. – Quero ajudar. Katzev também veio atrás de mim. Carmen pode acabar com ele, mas quero vê-lo morrer.

– Não pode. É só eu e Carmen. Foi a promessa que fiz para chegar até Chloe. Mas agradeço a oferta.

– Não será só vocês dois – disse Babe.

– Eu sei disso.

– Então deixe-o ajudar. Ele tem motivos muito bons para querer ver Katzev morto.

– Não vai acontecer, Babe. Além disso, Carmen e eu podemos lidar com Katzev e seus homens. Tiraremos Chloe de lá e lidaremos com o resto deles.

– Quem vai pegar Chloe? – perguntou Jake.

– Diremos a ela para correr.

– Se for esse o caso, posso estacionar o carro na rua perto de onde vocês vão encontrá-los e pegá-la quando a vir.

– Mas você não vai ficar no carro, Jake – disse Spocatti. – Ambos sabemos disso. Ambos sabemos que você quer sua própria vingança de Katzev e do consórcio por tentarem matá-lo. Eu sei. Eles foram atrás de você. Quase o mataram. Mas essa é a noite de Carmen. Se alguém aqui vai atirar uma bala na cara de Katzev, é ela.

– Não vou interferir. Só quero assistir.

– Você está envolvido demais no momento. Não acredito nisso.

– Por que está tentando me deixar de fora?

– Não estou deixando você de fora. Fiz um acordo com Katzev.

Ele concordou em se encontrar comigo e com Carmen. Ponto. Não é pessoal, pare de agir como se fosse. – Ele olhou para Carmen. – Quando dissermos a Chloe para correr, acha que ela ficará bem? Nas ruas, quero dizer. Ela ficará em segurança?

– Ela é mais durona do que deveria, na idade dela, mas nada a ajudará se ele tiver homens em volta do lugar, o que é uma possibilidade. – Ela olhou para Jake. – Talvez seja melhor repensarmos. O que ele está propondo não é uma má ideia.

– Só nós dois, Carmen.

Carmen sentiu outra pontada de preocupação por Chloe. Ela estava ficando cada vez mais desconfortável com a forma como as coisas se desdobravam e tentou novamente. – Acho que devemos reconsiderar.

Mas Spocatti ficou firme. – Eu não acho. Eis porque não me importo que seja só nós dois. Eu disse a Katzev que, se alguma coisa acontecer conosco ou com Chloe, entrei em contato com amigos que o encontrarão e o matarão imediatamente. Essas pessoas são leais a mim, salvei a vida delas. Farão isso sem pensar duas vezes. Eu disse isso a Katzev. Acho que estaremos bem, mas concordo. Precisamos estar preparados se ele fizer alguma coisa idiota.

– Preparados como?

– Precisamos ficar alerta.

– Só isso?

Ele não respondeu.

– Onde vamos encontrá-lo?

Ele olhou para Babe e Jake. – Sem querer ofendê-los, preciso dizer a ela em particular. – Ele olhou para o relógio. – Pegue suas coisas. Babe tem tudo de que você precisa no porão. Sairemos em dez minutos.

– Vocês dois podem ir para o porão – Babe disse para Carmen e Spocatti. Ela não estava acostumada a ser deixada de lado de forma tão grosseira e parecia furiosa. – Peguem o que precisarem. Vou tomar um drinque.

* * *

Quando Carmen e Spocatti saíram oito minutos mais tarde, cheios de armas escondidas e bolsos cheios de munição, agradeceram à anfitriã, que se levantou para levá-los até a porta, mas não disseram nada a Jake, que estava sentado em uma das cadeiras vermelhas e com o rosto virado para longe deles. Ele estava furioso e isso era claro. Depois que Spocatti e Carmen saíram, Babe imediatamente entrou correndo na sala.

— Aquela garota está indo direto para o perigo — disse ela. — Onde você estacionou o carro?

— Mais adiante na rua.

— Perfeito. Max! — chamou ela. — Pegue meus sapatos de corrida. Depressa.

Ela começou a tirar os sapatos, mas manteve os olhos nele. — Eles vão pegar um táxi — disse ela. — Só temos alguns minutos antes de perdê-los de vista. Presumo que tenha coisas úteis em seu carro? Coisas que serão úteis ao apontar para o rosto de alguém?

— Tenho um porta-malas cheio dessas coisas.

Max entrou na sala com os sapatos de corrida dela. Babe os calçou.

— Não costumo dizer isso, mas não concordo com Vincent. Não sei por que ele foi tão irracional. Alguém precisa estar lá para pegar aquela garota quando ela sair do prédio. Caso contrário, não sei o que acontecerá com ela. E de que adianta isso tudo, se ninguém estará lá para ajudá-la?

— Pegamos a garota — disse ele. — Eles pegam Katzev. Só quero estar lá quando isso acontecer. Quero ter certeza de que ele está morto.

— Então vamos enquanto ainda há tempo para segui-los. Vamos. É bem possível que já os tenhamos perdido.

CAPÍTULO 27

Na escuridão que ela mesma criara, Chloe Philips esperou.

Ela ouvia passos, alguns tão próximos que o suor começou a escorrer na testa e nas costas. Eles a estavam procurando. Em algum momento, a encontrariam. E então? Atiraria neles? Se a vida dela estivesse em jogo, ela não teria escolha.

– Chloe – disse o russo. – Saia. Agora.

Ele estava à direita dela. Perto o suficiente para que ela começasse a tremer. A dor no ombro deslocado estava ficando forte demais para que aguentasse, mas ela se forçou a ignorá-la. Ela estava abaixada atrás de um dos carros esportivos ridículos dele, segurando a arma firmemente à frente nas mãos algemadas, e esperava que ele agisse a qualquer momento. Ele conseguia ouvir a respiração dela?

Ela conseguia ouvir a respiração dele...

– Não seja burra, Chloe. Por que morrer quando tem todas as chances de viver? Carmen está a caminho para resolver as coisas. Você ainda tem esperança, desde que se entregue e se comporte. Caso contrário, darei um telefonema e pedirei aos homens lá fora que entrem e varram esse lugar até encontrá-la. Não será agradável.

Mais cedo, ela rastejara para longe do centro do depósito, onde ficavam o banheiro e o bebedouro, sabendo que eles a procurariam lá primeiro. E foi o que fizeram.

Agora, ela estava perto da entrada do depósito. Ela correria até lá, mas seria inútil. Era evidente que a porta do depósito estava trancada. Ela precisaria esperar até que Carmen chegasse, se é que estava mesmo vindo, e isso levantou novamente a questão sobre o motivo de Carmen estar envolvida nisso – seja lá o que quer que fosse *isso*. Não fazia sentido para ela.

– Está muito escuro aqui – disse o russo. – Totalmente escuro. Não dá para ver merda nenhuma, mas acho que é o que ela queria.

Mas não precisa ser assim, precisa, Michael? Afinal de contas, estamos rodeados por dezenas de carros que têm uma coisa na qual ela não pensou. Você sabe, aquelas coisas chamadas *faróis*.

Ele parou de caminhar. Houve um barulho sibilante, como se ele tivesse subitamente girado o corpo, talvez por achar que a tivesse ouvido. Mas o momento passou e ele continuou a caminhar para longe dela novamente. — Michael — disse ele. — Por que não começa a ligar os faróis e acabaremos com isso antes de Carmen e Spocatti chegarem?

À direita dela, bem no fundo do depósito, onde o guarda chamado Michael devia estar descansando mais cedo, ela ouviu a porta de um carro sendo aberta. Um instante depois, os faróis acenderam e inundaram aquela parte do depósito com uma luz neon azul brilhante que rasgou a escuridão.

— Ligue todos eles — disse o russo. — Descubra onde ela está se escondendo, mas tenha cuidado. Ela ainda está com a arma.

Ela ouviu passos atravessando o espaço até o carro diretamente oposto àquele com os faróis ligados. Uma porta se abriu, houve um som de clique e mais luz inundou o aposento.

Naquele momento, mesmo do lugar onde estava abaixada, ela podia ver silhuetas que não conseguira ver antes, incluindo a do russo, cuja arma estava apontada à frente enquanto olhava em torno do aposento procurando-a. Que tola ela fora. Nem se lembrara dos faróis. Não demoraria muito para que a encontrassem.

Outra porta se abriu e mais luz inundou o depósito. Ela respirou fundo, sabendo que não tinha escolha. Matar o capanga e quebrar a caixa de disjuntores era apenas a primeira parte de seu plano. Agora, era hora da segunda parte.

Antes que pudessem vê-la completamente, Chloe Philips levantou-se, mirou a arma no capô de um dos carros que brilharam sob a luz e atirou nele.

O alarme disparou. O recuo da arma quase fez com que ela desmaiasse por causa da dor no ombro. Ela cambaleou, encostou-se em uma parede e pressionou o ombro contra ela para se apoiar. Ela queria gritar de dor, mas ficou em silêncio.

— O que diabos está fazendo? — gritou o russo, acima do alarme do carro. Ela ouviu medo real na voz dele. Ele amava os carros tanto

assim? Ou ele estava preocupado com o alarme? — Faça isso de novo e eu mesmo vou matá-la.

Ela virou-se para outro carro, mirou e atirou, destruindo o capô e, provavelmente, boa parte do motor, o que acabava com o valor do carro e seria difícil de consertar.

— Quer mais? — perguntou ela, sobre os gritos dos dois alarmes.

— Ela está na parte da frente — Chloe ouviu o russo dizer. —

Pegue-a.

Ela não conseguia ouvi-los caminhando por causa do som dos alarmes, mas tinha certeza de que um deles corria em sua direção.

Vá em frente. Mostre a eles que você está falando sério.

Chloe enterrou uma bala no capô de outro carro, mas, dessa vez, errou e quebrou o para-brisa. Mais um alarme disparou. Ela firmou a mira o melhor possível, atirou novamente e dessa vez acertou. A bala atingiu o capô e um pequeno fogo surgiu sob ele, que começou a soltar fumaça por causa do calor. Se ela estava pensando nisso, eles também estavam: se não agissem depressa, o carro explodiria.

— Fique longe de mim! — gritou ela. — Se você se aproximar, vou arruinar todos os seus carros preciosos.

— Depressa — ela ouviu o russo dizer. — O extintor de incêndio. Apague o fogo antes que os aspersores disparem. Você sabe o que acontecerá se eles dispararem.

Chloe também sabia o que aconteceria. Se o sistema de aspersores disparasse, o corpo de bombeiros seria notificado. St. Vincent tinha um sistema desses. Eles também tinham um plano de evacuação. Ela e os outros foram instruídos sobre o que fazer e onde se encontrar no lado de fora se o alarme de incêndio e o sistema de aspersores disparassem. Foram avisados de que o corpo de bombeiros e a polícia seriam automaticamente alertados se um dos dois disparasse. Ela sentiu uma onda inesperada de poder com a ideia de que os aspersores podiam disparar e as consequências disso para esses homens se isso acontecesse.

Mas o poder dela não residia só nesse fato. Aqueles alarmes estridentes também não eram inofensivos.

Em quantos carros ela teria que atirar antes que os alarmes criassem uma comoção tal que alguém chamaria a polícia, nem que fosse para acabar com o barulho que, possivelmente, estava

incomodando alguém? Pelo endereço que ela ouvira antes, sabia que não estava em uma área residencial. Outra desvantagem é que ela não sabia que horas eram. Estava claro lá fora? Havia algum comércio aberto? Ela não sabia. E as pessoas que passavam de carro na rua? Podiam ouvir os alarmes? Se pudessem, será que alguém telefonaria para a polícia?

Ela sabia que não podia contar com isso.

Ainda assim, os alarmes eram alguma coisa. Melhor do que nada. Era uma possível saída, do mesmo jeito que o sistema de aspersores, caso ele disparasse e alertasse os bombeiros e a polícia. Ela tinha que usar as ferramentas que tinha para sair dali e os alarmes podiam ser a saída.

Ela olhou em torno do lugar, com o ombro doendo. O som dos três carros já estava em um nível doloroso, mas eles estavam na parte de trás do depósito, longe das duas portas grandes à esquerda dela que se abriam para a rua. Fazia alguma diferença o fato de que os carros em que atirara estavam tão longe daquelas portas? Ela apertou os olhos para ver na luz fraca e observou os carros mais próximos das portas. Ficou pensando e repensando.

Ela não sabia quantas balas ainda tinha, mas presumiu que ainda tinha algumas. Não sabia nada sobre armas, mas sabia que a que tinha nas mãos parecia sofisticada. Alguma coisa parecida com o que vira em um filme de ação. Precisava usar a munição de forma moderada, mas isso poderia valer a pena.

Ela pressionou o ombro contra a parede de concreto, mirou e atirou no capô do carro à sua frente. Novamente ela errou e acertou a janela, mas foi o suficiente para disparar o alarme. O som era muito mais alto aqui, o que lhe deu esperanças.

O russo gritou alguma coisa. Ela viu que estavam usando o extintor de incêndio para apagar o fogo sob o capô, que agora estava levantado. O outro homem, Michael, tentava abafar o fogo. Ela olhou para o teto e perguntou-se por que os aspersores não tinham disparado. Não havia muita fumaça, mas certamente era o suficiente para dispará-los. Então, por que não acontecera? O depósito era antigo. Os sistemas também eram?

Será que os aspersores funcionavam?

CAPÍTULO 28

No táxi que pegaram na Park, cruzaram o Central Park até a Rua Quarenta e Sete West, pararam em um sinal vermelho e viraram à esquerda na Décima Primeira.

Estava escuro. Devido à proximidade com o Hudson, o ar ali era mais fresco, mas também úmido. Pior ainda, estava pesado com os gases de escapamento dos caminhões que engarrafavam as ruas durante o dia, o cheiro de óleo das balsas que se amontoavam no rio e da sujeira, que estava por toda parte.

Na Quarenta e Seis West, viram o depósito à frente e à esquerda, ouviram os alarmes gritando lá dentro e passaram por ele no momento em que Carmen ergueu a mão para o rosto, preocupada com Chloe.

O que estava acontecendo lá dentro estava apenas começando ou, conhecendo Katzev, que agia rapidamente, talvez tivesse acabado. Não saber deixou Carmen tão nervosa que ela fez o que sempre fazia quando estava sob grande pressão: abafou as emoções e concentrou-se na tarefa à frente.

Spocatti disse ao motorista para dar a volta no quarteirão, mas, dessa vez, deixá-los na Décima Primeira. Eles queriam avaliar a área cuidadosamente antes de se aproximarem do depósito.

– O que são essas sirenes? – perguntou ela.

– Não faço ideia.

– Obviamente, alguma coisa aconteceu. As sirenes chamarão a atenção para eles. Alguém pode ter chamado a polícia.

– Se estivéssemos na Oitava ou na Nona, onde moram pessoas, eu concordaria. Mas aqui? É diferente. É uma área industrial. Por causa da criminalidade, não há ninguém nas ruas. É possível que ninguém tenha chamado a polícia.

– E se chamaram?

Ele deu de ombros. – Então estamos fodidos. – Ele esperou um

momento. — Sabe que fomos seguidos?

— Sim.

— Babe está com ele. Isso é inusitado.

— Não podemos controlá-los — disse Carmen. — Se eles querem estacionar e pegar Chloe se conseguirmos soltá-la, ótimo. E, francamente, mesmo que discordemos sobre isso, se puderem, eles a manterão segura, o que é um alívio para mim. Se eles se envolverem de alguma outra forma, lidaremos com os dois.

Spocatti não respondeu. Ele olhou por sobre o ombro quando o carro de Jake, a uns duzentos metros atrás, entrou em um lugar que não era uma vaga de estacionamento. Havia um hidrante lá. Eles estavam a cerca de oito prédios de distância do depósito, com uma vista clara das duas portas grandes.

O celular de Carmen vibrou no bolso da calça. Ela o pegou, olhou para a mensagem por um momento, memorizou-a e, agindo por instinto porque não queria compartilhá-la com Spocatti, que estava agindo de forma incomum por motivos que ela não entendia, respondeu à mensagem com alguns cliques.

— O que era? — perguntou ele.

— Particular — disse ela, e se arrependeu do tom ríspido na voz. Afinal de contas, ele estava lá para ajudá-la. — Desculpe, estou tensa. Era uma oferta de trabalho.

— Do consórcio?

Ela não estava com humor para brincadeiras e não respondeu.

Ele colocou a mão sobre o joelho dela, um gesto gentil que também não era comum nele. — Vai ficar tudo bem, Carmen. Katzev vai levar minha ameaça a sério. Só precisamos entrar lá, caso alguém chame a polícia.

— Se é que já não chamaram.

— Entendo.

O motorista parou no meio-fio.

— Com aqueles alarmes tocando, não sabemos o que vamos encontrar.

— E alguma vez soubemos? — Ele abriu a porta e deu quinhentos dólares ao motorista. — Isso é pela sua descrição — disse ele.

O homem olhou para o dinheiro e o enfiou no bolso. — Não sei do que está falando, cara, mas obrigado.

Spocatti saiu do carro e olhou para Carmen. Estava prestes a dizer que precisavam entrar quando, pela primeira vez, ele notou os sapatos. — Você está usando isso? — perguntou ele.

— Eu sempre uso, não só em aviões.

— E ainda funcionam?

Ela mostrou a ele.

— Rosa Klebb ficaria orgulhosa, mas sentiria falta das agulhas de tricô. Quanto tempo leva?

— Doze segundos.

— Maneira horrível de morrer.

— Ele não devia ter pego minha garota.

Os olhos dele encontraram-se com os dela. — Planeja usá-los?

— Se eu tiver a oportunidade.

— E pretende sacrificar-se por Chloe? Realmente pretende fazer isso?

— Se chegar a esse ponto, sim. Mas já se esqueceu? Você ameaçou Katzev. Há um minuto, quando você disse a Jake que ele não nos acompanharia, essencialmente disse que sua ameaça seria suficiente para que Katzev morresse de medo, caso alguma coisa acontecesse conosco. Além disso, tenho Liam em Aberdeen e ele matará a família de Katzev se eu apertar um botão no celular. Pretendo usar isso contra Katzev. Veremos o quanto ele é leal à mãe, que morrerá primeiro. Não vou morrer sem lutar, Vincent. Portanto, vamos acabar com isso logo.

CAPÍTULO 29

— Eu os vejo — disse Jake. — Estão virando a esquina. Spocatti está com o celular na mão. Agora no ouvido.

Babe inclinou a cabeça para aproximá-la da janela do passageiro. A rua estava escura, mas, com algum esforço, ela conseguiu vê-los.

— Ele deve estar telefonando para Katzev.

— Provavelmente.

— Para entrar.

— Obviamente.

— Estou preocupada com o alarme.

— Todos devem estar.

— O que acha que aconteceu?

Ele deu de ombros. — Eu fui forçado a sair do circuito. Não faço ideia. Espero que consigam cuidar da situação sozinhos.

O tom ríspido da voz de Jake fez com que Babe McAdoo se virasse para olhar para ele. Estava escuro dentro do carro, mas ela viu que ele observava Carmen e Spocatti intensamente. Apesar do rosto dele estar neutro, ela sentia a raiva fervilhando sob a superfície. No decorrer dos anos, ela lidara com muitos homens e mulheres dessa profissão e sabia que aquela raiva devia ser levada a sério. Ele se sentia desprezado. Será que conseguiria conter esses sentimentos? Se não conseguisse, o que faria? Ela escolheu as palavras com cuidado. — Lamento que se sinta assim — disse ela.

— Não sei o que estou sentindo, Babe.

Ela não disse mais nada. Era melhor recuar, apesar da tensão que sentia dentro do carro. Ela se virou para a janela e notou que Spocatti e Carmen estavam parados do lado de fora de uma das portas de garagem. Spocatti falava ao telefone. Carmen estava um passo atrás dele, olhando para os dois lados da rua e para as janelas dos prédios que os circundavam. Um atirador poderia estar em uma delas. As mãos dela estavam nos bolsos do casaco, segurando as

Glocks, caso fossem necessárias.

Quando o barulho estridente dos alarmes começou a diminuir, Babe abriu o vidro alguns centímetros e escutou. Mais cedo, ela achara que somente um alarme estava tocando. Em vez disso, eram vários, e agora estavam sendo desligados um a um.

— Ouviu aquilo? — perguntou Babe. — Eu achei que era só o alarme do depósito. Mas ouça. São vários alarmes tocando. Ou estavam tocando. Como alarmes de carros. Ele deve ter carros lá dentro.

Quando ele respondeu, era como se estivesse falando com uma criança. — Isso mesmo, Babe. Eram alarmes de carros. Se fosse o alarme do depósito, conhecendo Katzev, seria um alarme silencioso que notificaria diretamente o consórcio e acionaria um pequeno exército de assassinos que não são considerados como fim do ciclo. Não sei o que disparou os alarmes ou o que está acontecendo lá dentro. Mas, obviamente, Katzev encontrou as chaves e os está desligando.

Ele nem mesmo tentou esconder o gelo na voz. Ela sabia que ele estava furioso por não ter sido convidado a se juntar a Carmen e Vincent, já que também era um alvo do consórcio. Portanto, ela ficou sentada observando o depósito até que o último alarme foi silenciado. Depois de um momento, uma das portas foi erguida e eles entraram na escuridão total. Ela tentou ver se havia alguém lá para recebê-los, mas estava escuro demais. A porta da garagem foi fechada atrás deles, que desapareceram.

— Eles estão lá dentro agora — disse ela, mais para si mesmo do que para ele. Babe estava preocupada com eles.

— Sim, estão.

— Por que estava tão escuro? O que acha que vai acontecer?

— Quem sabe?

Dado o tom da voz dele, aquilo soou como "Quem se importa?". Ela decidiu ignorá-lo e concentrar-se na tarefa. — Então, agora esperamos Chloe.

— Babe — disse ele, como se não a tivesse ouvido. — Por que acha que Spocatti não queria que eu entrasse lá com eles? Trabalhamos juntos várias vezes no decorrer dos anos. Ele sabe que sou muito mais do que competente. Ele também sabe que o consórcio quer me

matar. Por que ele me privaria de acompanhar Carmen e matar Katzev?

— São perguntas demais, Jake. E não sou o Vincent. Não posso responder por ele. Mas eu sei que ele apoia você totalmente. Ele sabe que você se juntou a nós para ajudar a derrubar o consórcio.

— Ele sempre foi um filho da puta arrogante — disse Jake, ignorando-a. — Chega em seu cavalo branco e assume a situação. Como chegou nesse ponto?

— Só aconteceu.

— Mas como?

— As pessoas respeitam o Vincent. Você sabe tão bem quanto eu que ele é o melhor. Ninguém é tão bom quanto ele.

— De acordo com quem? Onde ele conseguiu essa reputação?

Ele estava começando a deixá-la ansiosa. — Você sabe como ele é bom. Todos sabem. Ele mereceu a reputação que tem.

— Quem decidiu que ele a mereceu? Eu mereci alguma coisa? Por que você o coloca em um pedestal desse jeito?

Ela se virou para ele. — Por que está fazendo isso?

— Só estou procurando respostas.

— Eu lhe dou o que posso, mas não tenho todas as respostas.

— Então, qual sua serventia para mim?

A mão direita dela desceu para o bolso onde estava a arma que ele lhe dera mais cedo. Mas Babe McAdoo chegou tarde demais. Jake puxou a arma e a apontou para o rosto dela. Havia um silenciador na ponta do cano. Ele pressionou levemente o gatilho e um minúsculo feixe de laser vermelho atravessou a distância entre eles, encontrando seu lugar no centro da testa de Babe. Ela olhou para ele abertamente, chocada.

— Você está no meu caminho.

— Eu não...

— Você deveria estar me apoiando.

— Eu estou apoiando você.

— Eu devia estar lá dentro. Eles mandaram dois homens para me matar. Katzev os mandou. Um deles provavelmente teria me matado se não tivesse sido atropelado por um caminhão. Por que eu não tenho o direito de vê-lo morrer? Por que eu não posso participar da morte dele? Por que eu sou considerado tão inferior que não posso

participar? Não era esse o trato. Eu vim para participar. Nunca esperei que seria um maldito expectador.

– Você está levando isso para o lado pessoal.

– Não, não estou.

Apesar do coração estar martelando com força, ela conseguiu manter a voz firme. – Eis o que é pessoal – disse ela. – Você está com uma arma apontada para o meu rosto. Um laser brilhando na minha testa. Não pode ser mais pessoal do que isso. Pode guardar essa arma? Não estou contra você, Jake. Eu já disse, eu apoio você.

– Como posso saber? Você conhece o meu rosto, Babe. Por um capricho, se quisesse, poderia me identificar e me entregar.

Naquele momento, ela se deu conta de como sabia pouco sobre ele desde que o chamara para surpreender Carmen e ajudá-la. Durante o tempo que passaram juntos, ele não dera praticamente informação nenhuma sobre si mesmo, com a exceção de que Katzev usara seus homens para tentar matá-lo. Ela estivera tão envolvida em ajudar Carmen que não prestara muita atenção a ele ou ao seu comportamento.

– Eu conheço o rosto de muitos de vocês – disse ela. – Eu abri minha casa para você e ofereci um lugar seguro, longe de Katzev e do consórcio. Concordei com você que Spocatti o deixou de fora disso tudo, e é por isso que estamos aqui agora. Vamos fazer alguma coisa. Estamos esperando Chloe. Vamos salvá-la. Eu tentei ajudar todos vocês.

– Você parece desesperada, Babe.

– Você não abaixou a arma, eu tenho motivo para estar.

– Acho que vou cuidar disso eu mesmo. A começar por Spocatti. Nunca gostei dele. É hora de ele saber que não é o Rei Merda aqui.

Os olhos dela se encheram de pesar. Ela sabia o que ia acontecer e sabia muito bem que não tinha poder para impedi-lo.

– Jake – disse ela.

– Cale a boca, Babe.

– Eu nunca trairia você.

– Eu não a conheço e não acredito em você.

– Estou aqui ao seu lado – disse ela. – Por favor, pense bem. Eu devotei vinte anos da minha vida para ajudar o seu pessoal.

– *Meu pessoal.* O que isso significa? Que não sou um McAdoo? Que

não sou um de vocês?

- Não foi isso que eu quis dizer.
- Eu acho que foi o que quis dizer.
- Por que está fazendo isso?
- Sobrevivência.

Antes que ela pudesse erguer as mãos para se proteger, ele deu dois tiros no rosto dela. A cabeça bateu no vidro do passageiro, deixando uma mancha de sangue. E Babe McAdoo, da famosa família McAdoo, conhecida e aclamada por sua variedade de temperos, particularmente durante a época das festas, quando todos pareciam usá-los principalmente nos perus e frangos assados, estava morta.

CAPÍTULO 30

Carmen e Vincent sacaram as armas e as apontaram à frente deles no momento em que viram que o depósito estava mergulhado na escuridão.

A porta foi aberta manualmente. A pessoa que a abriu e fechou afastou-se rapidamente. O aposento tinha cheiro de fumaça e de algo mais que Carmen não conseguiu definir. Um extintor de incêndio? Fazia sentido, mas ela não sabia o motivo pelo qual ele fora usado. Ela olhou em volta procurando Chloe – qualquer pessoa – mas não conseguia ver nada.

– É uma armação – disse ela para Spocatti. – Eles podem estar usando óculos de infravermelho.

– Deixe que eu lido com isso. – Ele deu um passo à frente. – Ligue as luzes, Katzev. Não foda comigo. Você perderá. Ligue-as agora.

Da parte de trás do depósito, veio o som de um isqueiro, seguido de uma chama minúscula sendo acesa na escuridão. Carmen conseguiu ver os traços do rosto de Katzev na penumbra. Ele segurava o isqueiro à sua frente, o que lançava sombras inquietas sobre o rosto dele. Ela nunca o vira antes, mas fora assim que o imaginara. Com as sombras dançando sob os olhos, ele parecia demoníaco. Maligno.

– Acalme-se – disse ele. – Não temos luz porque a garota de Carmen atirou na caixa de disjuntores depois de matar um dos meus homens. Nada que eu possa fazer a respeito. Você tem sorte de haver uma tranca manual naquela porta para que pudéssemos deixar vocês entrarem.

– Você está me dizendo que não tem luzes de emergência nesse buraco? Mentira – disse Spocatti. – Não acredito nisso.

– acredite. O prédio é velho, Vincent. Quando ela ateou fogo em um dos meus carros, nem o sistema de aspersores funcionou. Se

tivesse, estaríamos encharcados, e os bombeiros e a polícia estariam aqui.

Carmen processou a informação rapidamente. De alguma forma, Chloe conseguira pegar uma arma. Matara um dos homens de Katzev. Provavelmente atirara em vários carros, o que explicava as sirenes que ouvira mais cedo. Uma ou mais balas devem ter causado um incêndio. Por algum tempo, todos ficaram confusos e ela provavelmente achara um lugar para se esconder. *Garota esperta*, pensou ela. *Irresponsável, mas esperta. Agora, onde você está?*

— Onde está Chloe? — perguntou Spocatti.

— Não faço ideia — disse Katzev. Ele deu um passo à frente e Carmen viu, na aura da luz em volta dele, que um homem com uma espingarda estava inclinado sobre o capô de um dos carros. A espingarda estava no ombro dele e apontada para eles. — A vadiazinha assassina desapareceu. Está aqui dentro, em algum lugar. E não se preocupe com a falta de luz. Já tomei providências e será resolvida em breve.

— Por mais de seus homens? — perguntou Carmen.

— É assim que a luz vai chegar aqui, Carmen.

— E por que isso soa terrivelmente conveniente, Iver?

Ele fez uma pausa com a menção de seu nome verdadeiro. Ela quase podia senti-lo se arrepiando ao ouvir o som dele. Com o fato de ela ter ousado usá-lo em sua presença e em frente aos homens dele. — Pense o que quiser — disse ele. — Mas foi sua garota que criou isso. Agora, eu preciso consertar. Caso contrário, ficaremos no escuro.

— Que é como me sinto nesse momento — disse ela a Spocatti, em voz baixa.

— Não que a situação da luz seja difícil de resolver — disse Katzev, apagando o isqueiro. — Liguem as luzes.

Em rápida sucessão, os faróis de todos os carros que não tinham sido danificados por Chloe começaram a acender, com a luz correndo do lugar onde Spocatti e Carmen estavam até a outra ponta do depósito onde Katzev estava.

Por um momento, Carmen não conseguiu ver nada. Os faróis altos, logo depois da escuridão absoluta, a cegaram. Ela ergueu a mão para proteger os olhos e notou que Spocatti estava parado, com

os olhos semicerrados olhando para a frente.

— O que aconteceu com "somente Katzev e um guarda"? — perguntou ela. — Estamos rodeados de gente.

As portas dos carros foram abertas e fechadas. Passos soaram no concreto. Homens armados se posicionaram à frente de cada um dos carros, com as pistolas e as espingardas apontadas para ela e para Spocatti.

Era uma emboscada. Por que Spocatti não dizia nada? E onde estava Chloe? Embaixo de um dos carros? Provavelmente. Com sorte, em algum lugar mais discreto. Mas não importava onde ela estava, com essa luz, Carmen temia que não demoraria até que a encontrassem e possivelmente a matassem, já que matara um dos homens dele.

— Eu sei o que está pensando — disse Katzev. — Tantos homens. Mas quando sua Chloe quebrou nosso trato, não tive escolha. Tive que trazer todos os meus homens para que as coisas voltassem ao que eram.

— Ela não sabia sobre o nosso trato. Como poderia? Se ela matou um de seus homens, foi porque estava tentando salvar a si própria.

— Matar um de meus homens só resultará na morte dela.

— Não, não vai, pelos motivos que eu e você já discutimos — disse Spocatti. — Com exceção de você e seu capanga, que foi o que combinamos, recomendo que cada um de seus homens largue a arma, jogue-a para baixo do carro à frente do qual está parado e saia imediatamente. Foi esse o nosso acordo. Cumpra-o ou haverá consequências.

Mas Katzev o ignorou. Ele começou a avançar, estimulado pelo fato de que tinha pelo menos vinte de seus homens de prontidão. — Sabe por que está aqui, Carmen?

Por causa da forma como as luzes brilhavam, ela só conseguia ver uma silhueta caminhando em sua direção e não conseguia ver o rosto de Katzev. Ele ainda era um enigma para ela.

— Presumo que tem a ver com Alex? — disse ela. — Que você assassinou.

— E por um bom motivo — disse Katzev. — Alex era um agente perigoso. Ele descobriu coisas sobre o consórcio que temos certeza de que compartilhou com você. E foi por isso que você virou um alvo

para eliminação.

– Que coisas?

– Diga-me você – disse ele.

– Alex não me contou nada, Iver. Não sei do que você está falando. Tudo o que posso dizer a você é o que eu descobri sozinha sobre você e o consórcio. E é muita coisa. Se não recuar e soltar Chloe, o mundo saberá tudo sobre vocês todos.

– Você não me intimida, Carmen.

– Então deixe-me ser um pouco mais clara. Será que o que sei sobre Hera Hallas a intimidaria o suficiente para acabar com sua ligação com o consórcio? Ou Conrad Bates, que odeia você? Ou Marius Albert, que mora em Paris e sente-se da mesma forma em relação a você? Ou qualquer outro membro do consórcio? Eu fiz o dever de casa, Iver, e sei quem são vocês todos. Isso não tem nada a ver com Alex, que guardou seus segredos, apesar de ter morrido porque você achou que ele era perigoso. Estou aqui para lhe dizer que ele carregou os seus segredos para o túmulo. Ele morreu à toa. Você o roubou de mim. Portanto, aqui estou, para me vingar. E vou fazer isso, de uma forma ou de outra.

– É melhor recuar, garota – disse Katzev. Mas, apesar de tentar fazer o sotaque russo falso soar durão, um pequeno rastro de preocupação era aparente. Carmen percebeu e se agarrou a ele.

– O que descobri sobre você e os outros tem tudo a ver comigo e com os meus contatos. Ou, devo dizer, um contato muito especial que morreu hoje, mas cujo funcionário falou comigo há alguns momentos depois de decidir que o patrão dele queria que eu recebesse as informações que compilou para mim depois de tanto trabalho. Você nunca saberá quem ele é. Mas, por causa dele, tenho informações sobre você e todos os outros membros do consórcio. Informações detalhadas, como e onde você mora, suas propriedades, onde investiu, em que prédios mantém os escritórios corporativos. Além disso, quem você mandou matar durante todos esses anos. Já providenciei com o meu contato na polícia de Nova Iorque para que, se alguma coisa acontecer comigo hoje, as informações que enviei a ele mais cedo sejam totalmente investigadas, expostas e divulgadas no mundo inteiro. Sobre tudo o que você fez de errado e acho que concordamos que foi bastante. Quer que eu cite o resto dos nomes,

Iver? Sim? Não? Eu posso fazer isso, do mesmo jeito como posso impedir a morte de seus familiares. O que deve acontecer em alguns minutos, a começar pela sua mãe.

Spocatti se virou para ela surpreso. Ela podia senti-lo olhando para ela, reavaliando-a. Agora ele sabia por que ela usara o celular mais cedo. Agora ele sabia, assim como Katzev, que as informações que tinha eram verdadeiras. Melhor ainda, se ele ainda não sabia disso, não havia dúvidas de que ela era uma força a ser levada a sério.

— Preciso que seus homens saiam, Iver. E com isso quero dizer que devem dar o fora e não esperar do lado de fora. Preciso que entrem em seus carros e partam. Quando eu tiver certeza de que eles se foram, você solta Chloe, como foi acordado. Alguém está lá fora para pegá-la. Depois, eu e Spocatti vamos sair daqui. Você nunca mais vai entrar em contato comigo. Esquecerei tudo o que sei sobre você e o consórcio. É minha promessa a você. Quanto a Vincent, se quiserem continuar trabalhando juntos, é entre vocês. Eu realmente não me importo. Mas se vier atrás de mim novamente, meu contato está sentado em cima de um milhão de dólares, e só receberá a chave para pegá-lo de uma fonte desconhecida se o consórcio fizer alguma coisa contra mim a partir desse momento.

— E como ele saberá que fomos nós, Carmen? Tantas pessoas gostariam de vê-la morta. Pode ser nós. Pode ser qualquer outra pessoa. Como ele saberá?

Ela não previra essa pergunta e pensou rapidamente. — Iver, eu conheço sua mão. Você a mostra muito bem. Eu sempre saberei quando estiver sendo seguida por você. Quando isso acontecer, avisarei meu contato. Se alguma coisa acontecer comigo, ele saberá que foi você, a chave e o dinheiro serão dele, e todas as informações sobre o consórcio. Isso deverá lhe render aquela promoção gorda e a publicidade que lhe escaparam por tantos anos.

Ela ergueu o braço para olhar para o relógio. A mera ação de se mover fez com que vários dos homens que a rodeavam ficassem alertas e em posição com as pistolas e as espingardas. — Ora, vamos — disse ela. — Parem com isso. Não ouviram nada do que acabei de dizer?

Katzev abaixou a mão e eles relaxaram.

— Sua mãe morre em vinte minutos, a não ser que meu contato tenha notícias minhas. Você viu o vídeo. Sabe que ele está lá. Nada disso é mentira, Iver. Vamos nos livrar completamente um do outro.

— Mas você já disse que está buscando se vingar — disse Katzev.
— Então, onde está sua vingança?

— Você é cego? Surdo? Não ouviu nada do que eu disse? Se vier atrás de mim em algum momento, o consórcio será revelado e investigado até os níveis mais altos. Incluindo você. *Essa* é a minha vingança. Ela continuará quando todos vocês forem expostos, forem publicamente levados a julgamento e, depois, colocados atrás das grades. Será um circo. Sua reputação será destruída. *Essa* é a minha vingança. Mas não termina aí. Minha vingança também é privá-lo de me matar. Caso seja burro o suficiente para fazê-lo, enfrentará a lei. Agora, tire seus homens daqui. Diga a eles para irem para bem longe. Você precisa agir depressa e levar isso a sério. Encontraremos Chloe e a soltaremos. Depois, Vincent e eu sairemos. Não sei o que ele vai fazer, mas eu sairei da sua vida para sempre.

— Sobre o Spocatti — disse Katzev. — Ele provavelmente tem o mesmo contato na polícia de Nova Iorque. Pelo menos, tenho certeza de que ele pode descobrir quem é e oferecer a ele mais dinheiro para se afastar e esquecer de tudo isso quando você morrer. Quanto ao homem que você contratou para matar a minha família, também tenho quase certeza de que Spocatti sabe quem é e pode dar um telefonema que o deterá. Pagaremos muito bem a ele para que faça isso.

Ele começou a andar em direção a ela. — Você é tão ignorante, Carmen. Tão arrogante. Porque há uma coisa que você não sabe. Spocatti? Seu bom amigo, Spocatti. Ele não tem consciência. É isso que eu adoro nele. É por isso que vou continuar trabalhando com ele enquanto eu estiver vivo. Sem você e sem o amor da sua vida, Alex, disponíveis para trabalhar, parece que ele ficará muito ocupado por vários anos.

Ele fez uma pausa quando Spocatti se virou e apontou a arma para ela. Carmen olhou para ele confusa. Recuou um passo quando o laser da Glock 19 dele acendeu e parou logo abaixo do olho direito dela.

— O que está fazendo? — ela perguntou. A voz dela expressava a

confusão. Isso era algum tipo de brincadeira?

— O que parece, Carmen? — perguntou Spocatti. — Fui contratado para matá-la hoje à noite. Nada pessoal, então pare de agir como se fosse. É o que pessoas como nós fazem. Quer dizer, pelo menos é o que pessoas como *eu* fazem. Eu aceito o trabalho, pego o dinheiro e faço a minha parte. Não tenho a sua consciência. Eu mato crianças. Não estou interessado em fazer o bem. Só estou interessado em mim mesmo. Agora vire-se. Largue a arma. Isso não vai terminar do jeito como você deseja.

CAPÍTULO 31

— Tire seus homens daqui — disse Spocatti a Katzev quando a arma de Carmen bateu no chão de cimento. — Nada acontece na frente de todas essas pessoas. Não é assim que eu trabalho, especialmente quando todos os seus homens estão armados. Se pretende salvar sua mãe, o tempo está acabando, Katzev. Então, tire-os daqui.

— Por quê? Eles trabalham para mim. Não vão contar nada do que aconteceu aqui.

— Você pensou o mesmo sobre Alex e Carmen antes de matá-lo e de tentar matá-la. Alguém nesse depósito será o próximo Alex. Vocês todos ouviram isso? Espero que sim. Espero que acreditem nisso, porque vai acontecer. Também sei que você sabe disso, Katzev. Se quer que seja feito, tire-os daqui.

Enfrentando a morte e a decepção, Carmen tentou manter-se calma, mas não conseguiu. Ela fora traída por Spocatti. Usada por ele. Estava furiosa e com medo, especialmente por Chloe, que ainda não se revelara. — Por que está fazendo isso, Vincent? — perguntou ela.

— Cale a boca, Carmen.

— Diga-me por que está fazendo isso.

— Pelo mesmo motivo que você faria se lhe tivessem oferecido vinte milhões de dólares. Você não passa de um alvo para mim. Se você pensou que nosso relacionamento era diferente, estava enganada. Não existem amigos nesse negócio. Você, dentre todas as pessoas, devia saber disso. É só o alvo e o dinheiro.

— Mentira. Eu nunca entregaria você.

— Então você é uma idiota. — Ele pressionou o cano da arma com tanta força na nuca dela que arrancou sangue. — Posso fazer isso de forma rápida e indolor, ou posso fazer com que caia no chão e sangue até a morte. Você escolhe. Abra a boca novamente e

sangrará até a morte. — E, para Katzev, ele disse: — Não vou pedir de novo. Tire-os daqui.

— Um homem fica — disse Katzev. — Foi o que combinamos. Eu e mais um homem.

— Ok. O resto sai. Obrigado por sua confiança em mim, Katzev. — A voz de Spocatti estava repleta de sarcasmo.

Katzev sabia que não tinha escolha e Carmen viu quando ele abanou a mão no ar. — Coloquem as pistolas e as espingardas embaixo dos carros. Ao saírem daqui, espero que partam para bem longe. Terminaremos esse assunto sozinhos.

Em torno dela, Carmen ouviu os sons dos homens obedecendo. Ela conhecia algum deles? É claro que sim. Provavelmente trabalhara com vários deles, o que tornava a traição ainda pior.

O que ela podia fazer para interromper o que estava prestes a acontecer? A resposta era óbvia, apesar de saber que Spocatti tinha recursos para impedi-la. Ainda assim, ela tinha que tentar. — Eu disse a você que, se alguma coisa acontecer comigo, meu contato investigará o consórcio, Iver. Chloe e eu saímos daqui agora. Caso contrário, as consequências serão graves e você se arrependerá.

— Ele não vai se arrepender de nada — disse Spocatti. — Você acha mesmo que não sei quem é o seu contato na polícia de Nova Iorque? Provavelmente o mesmo que eu tenho. Se não for, posso descobrir em dez minutos. Lamento que tenha que ser assim, Carmen, mas negócios são negócios. Katzev aqui foi generoso. Parece que vou conseguir comprar aquela mansão em Capri antes do que pensei.

Ela estava prestes a falar novamente, mas, dessa vez, ele bateu a arma com tanta força na nuca dela que o golpe a deixou à beira da inconsciência. Ela se dobrou de dor, sentindo-se tonta e prestes a desmaiar. O chão começou a girar, seus joelhos dobraram-se e ela começou a cair.

Spocatti não deixou que isso acontecesse. Ele colocou o braço em torno da cintura dela e a ergueu, segurando-a até que ela tivesse consciência de uma das portas da garagem se abrindo, os homens saindo, e a porta se fechando novamente com um barulho alto, o som da própria respiração e o mundo entrando em foco novamente. Ela piscou com força. Sua mente estava mergulhada em confusão.

Como as coisas acabaram desse jeito?

O que era mais doloroso é que ela não teria sua vingança. Estava sendo privada de matar Katzev pelo que ele fizera com Alex e Chloe. A ideia de fracassar de forma tão espetacular era como a morte para ela. Carmen decepcionara as duas pessoas que mais amara. Sempre soubera que poderia morrer por causa da profissão, mas nunca achara que seria pelas mãos de uma das poucas pessoas que considerava como um amigo.

A cabeça dela latejou. Uma onda de tontura a envolveu e ela achou que fosse vomitar. Os joelhos cederam novamente. Spocatti a ergueu novamente com um safanão brutal e ela se esforçou para manter o foco. Ela precisava se concentrar. Será que sofrera uma concussão? Como fora tola. Como fora ingênua. Seus pensamentos voltaram-se para Chloe, que ouvira a conversa toda e que, agora, sabia de coisas sobre ela que nunca deveria saber. Carmen sabia que iam matá-la, mas uma parte dela que acreditava que ainda poderia salvar Chloe veio à tona. Se ela jogasse certo, talvez pudesse salvar Chloe.

— Iver — disse ela.

— O que é, Carmen?

Katzev estava à direita dela, que ouviu quando ele começou a caminhar em sua direção. Então, ele parou.

— Iver, ouça.

— Ela está totalmente dominada? — ele perguntou a Spocatti.

— Ela não vai a lugar algum. Talvez ao inferno em cinco minutos.

— O que quer, Carmen?

— Quero ver seu rosto antes de morrer. Nunca coloquei os olhos em você. Quero ver qual é a aparência de um monstro.

— Você vê um todos os dias, Carmen, ao se olhar no espelho. Não vou lhe dar o prazer de ver o meu rosto.

— O prazer? Por favor. Você não tem culhão para me olhar nos olhos, Iver. É o viadinho escocês dentro de você. Se fosse russo de verdade, viria até aqui e provavelmente enfiaria a mão na minha cara. Ou me mataria você mesmo. Mas você não tem esses enormes culhões russos que acha que tem, não é? Na verdade, pelo que ouvi dizer, você tem amendoins no lugar de testículos. E um pinto muito pequeno. É por isso que contrata pessoas como eu e Spocatti para

fazer seu trabalho sujo. É porque é muito pequeno. Ouvi falar muito dele. A expressão que usaram foi "um morango dentro de um cesto".

Na outra ponta do depósito, o capanga que sobrara abafou uma risada. Não fora alta, mas, se ela ouvira, todos ouviram, e ela só podia imaginar o tamanho do castigo que a pessoa levaria por causa disso.

— Quem disse isso? — perguntou Katzev.

— Não vou lhe dar o prazer de saber, Iver.

Ela o ouviu avançar em sua direção. Ele se movia rapidamente, determinado a vingar-se da vergonha que passara em frente ao capanga, que provavelmente mencionaria esse fato aos outros. Ela sabia que era o seu fim. Em voz alta, para o aposento, ela disse: — Chloe, eu sinto muito. Nunca quis que nada disso acontecesse. Perdoe-me.

Spocatti apertou o braço em torno da cintura dela. Ele era forte e segurava os braços dela firmemente. Carmen lutou contra ele, tentou alcançar o telefone para apertar um botão que avisaria a Liam que matasse a família de Katzev, mas foi inútil. Ela jogou o pé para trás para chutar Spocatti, mas ele se desviou. — Vá para o inferno, Vincent.

— Vou esperar você chegar primeiro e preparar o caminho para mim.

E, então, Iver Kester, que ela conhecera por anos como o misterioso Katzev que não tinha rosto, parou em frente a ela. Ele tinha quarenta e poucos anos, quase cinquenta, o que a surpreendeu porque, em sua mente, ela sempre esperara que ele fosse mais velho que isso, provavelmente devido ao poder e ao dinheiro que ele tinha.

Os cabelos eram pretos e cortados bem curtos. Os olhos eram azuis, a compleição pálida. Estava em boa forma. Tinha um pouco menos de um metro e oitenta. Usava um terno preto com gravata vermelha. E, para ser justa a ele, Carmen entendeu por que Babe McAdoo se sentira atraída por ele anos antes. Na juventude, Iver Kester devia ter sido muito atraente.

— Iver — disse ela. — Então, aí está você. A última coisa que verei. Que bela visão.

Ele recuou a mão e bateu com tanta força no rosto dela que

Carmen foi jogada de encontro a Spocatti, que a segurou firmemente. Ela usou a distração da violência para pressionar o sapato direito para baixo e para a esquerda, o que silenciosamente liberou uma lâmina de uns cinco centímetros de comprimento. A lâmina estava embebida em tetrodotoxina, o veneno do baiacu. Essencialmente, era um bloqueador do canal de sódio que paralisava os músculos da vítima enquanto ela permanecia totalmente consciente ao passar pelos estertores da morte. Com o veneno no sistema, a vítima rapidamente não teria mais condições de respirar. A morte por asfixia ocorreria em doze segundos.

Ela ergueu os olhos para Katzev.

— Você vai me matar agora, ambos sabemos disso. Então entenda que o que vou dizer não é mentira, pois não tenho motivos para mentir. É o meu fim. Vou ao inferno para ver como são as coisas antes que você e o resto do consórcio cheguem lá. Mas há uma coisa de que precisa saber, Iver. Alex nunca o traiu. Seja lá o que for que acha que ele sabia sobre você ou o consórcio morreu com ele, se é que sabia de alguma coisa. E duvido que soubesse, pois ele teria me contado. A tragédia da morte dele resume-se ao verdadeiro motivo dela: sua paranoia.

— Houve uma quebra... — começou Katzev.

— Foda-se o que você achou que aconteceu. Alex não sabia de nada e você o matou. É isso que importa para mim. Eu voltei a Nova Iorque para me vingar. E olhe só para mim. Imobilizada por um homem que eu achei que era meu amigo. Espancada. Enfrentando a morte. — Ela fez uma pausa de um milissegundo. — E ainda assim vou me vingar.

Em um *flash*, ela chutou a perna de Iver Kester, enterrou a faca na panturrilha dele, na parte mais carnuda, e a deixou lá para que o veneno penetrasse no corpo.

Atordoado pelo ato, Kester caiu no chão, os olhos já arregalados e congelados no lugar ao erguer o olhar para ela, lutando para respirar, enquanto ela retirava a lâmina.

Spocatti foi rápido, soltou Carmen, girou o braço e atirou no capanga que Kester deixara para trás antes que ele tivesse tempo de processar o que estava acontecendo.

Carmen se abaixou sobre um joelho e colocou a boca perto do

ouvido de Kester enquanto o rosto dele começava a ficar azulado pela falta de oxigênio. — Você está morrendo, Iver — sussurrou ela. — Logo, você deixará seu corpo e enfrentará Alex. Que tipo de encontro será esse? — Ela inclinou a cabeça enquanto os olhos dele permaneciam transfixados no dela, cheios de lágrimas. A beleza do veneno era que ele podia vê-la e escutar tudo o que ela dissesse.

Ela cuspiu no rosto dele. — Será que será tão agradável quanto o que está acontecendo com você agora?

Ele começou a fazer um som estranho. A língua começou a inchar. Ela sabia que tinha apenas alguns segundos para agir antes que fosse tarde demais. Ela botou a mão no bolso, pegou o celular e gravou os últimos momentos da vida miserável de Iver Kester antes que ele se fosse em um último suspiro barulhento.

Ela desligou o telefone, abaixou-se e encostou a cabeça no joelho erguido. Carmen estava exausta e sentindo dor. Respirou fundo e, olhando para Kester, cujo rosto agora estava roxo e sem vida, ela se deu conta de como estava grata por ainda estar respirando.

— O que planeja fazer com isso? — perguntou Spocatti.

Ela pretendia enviar o vídeo para o consórcio com um aviso que incluiria todas as informações sobre eles. Mas, mesmo sabendo que Spocatti a tratara daquele jeito somente como encenação, pois sabia sobre o sapato dela, ela não queria falar com ele. Ela achava que ele tinha levado as coisas longe demais. Carmen enviou uma mensagem a Liam em Aberdeen pedindo que recuasse. Naquele momento, tudo o que queria era encontrar Chloe. Mais nada.

Ela se afastou de Spocatti e avançou para o centro do depósito, onde começou a chamar o nome de Chloe, dizendo que era seguro sair, até que ela finalmente apareceu. A garota saiu de baixo de um dos carros, arrastando-se com dificuldade, pois o carro era rebaixado, como vários outros. Quando estava livre, ela se levantou, trêmula, e Carmen notou que o ombro esquerdo dela estava caído, pois estava deslocado. Ela viu a dor no rosto de Chloe ao correr em direção a Carmen, com a arma ainda nas mãos.

— Você está ferida — disse Carmen.

Chloe passou o braço direito em torno da cintura de Carmen, encostou o rosto no peito dela e elas se abraçaram. — É só o meu ombro — disse ela. — Vou ficar bem.

– Eu sinto muito – disse Carmen. Ela segurou o rosto de Chloe com as mãos, viu os arranhões e o lábio partido e ficou furiosa. Olhou para a arma que Chloe segurava e a pegou. – O que fizeram com você?

– Eles me bateram, mas eu aguento. Já passei por isso antes. Também matei um homem, mas ele mereceu. – Ela fez uma pausa e olhou nos olhos de Carmen. – Eles disseram que você é uma assassina. Isso é verdade?

Carmen não tinha certeza de como agir. Durante anos, ela tentara ser uma influência positiva na vida de Chloe. Mas o que era para a garota naquele momento? Uma assassina. Ela não queria que a garota soubesse que esse tipo de vida existia fora dos filmes, mas agora Chloe sabia, tinha sangue nas mãos. Talvez tivesse agido em defesa própria, mas, mesmo assim, matara um homem. Carmen sabia que aquele momento ficaria com ela pelo resto da vida.

– Isso tudo aconteceu com você por minha causa, e eu lamento muito – disse ela. – Vamos conversar mais tarde sobre quem eu sou. Há coisas sobre mim que você precisa saber, mas elas podem esperar. Agora, precisamos sair daqui. Posso consertar seu ombro, mas vai doer.

– Então, você também é médica?

– Não sou médica, Chloe – disse Carmen com um sorriso. – Mas posso consertar seu ombro.

Spocatti estava na porta da garagem esperando-as.

– Prontas? – perguntou ele.

Carmen, furiosa com ele, assentiu.

Ele ergueu a porta. Quando o fez, Jake, cujo nome real era Fred, mas inteligentemente escolhera o nome Jake, estava parado do lado de fora, obviamente transtornado, com ódio nos olhos e sangue no rosto, a arma apontada para Spocatti. Rapidamente, ele levantou o cano para a cabeça de Vincent.

CAPÍTULO 32

— Para trás — disse Jake. — Soltem as armas.

Carmen soltou a arma e recuou um passo com Chloe, segurando a garota atrás de si para protegê-la, notando que a lâmina no sapato ainda estava para fora. Os olhos dela encontraram-se com os de Jake. Ainda havia veneno na lâmina? Certamente havia um pouco, mas de quanto veneno ela precisava para matá-lo?

Spocatti começou a se mover, mas, em um *flash* inesperado, ergueu a arma e a bala que ele atirou no rosto de Jake também explodiu o cérebro dele, enviando-o para outro mundo.

Carmen assistiu incrédula. Fora tão rápido. Sem esforço algum. Jake caiu no chão e começou a contorcer-se à medida que a vida o deixava. Vincent chutou a arma dele para longe e observou-o por um momento, antes de dar um passo à frente e inclinar-se sobre Jake.

— Veio para fazer uma bela cena, não foi? Provavelmente tinha tudo planejado. Lamento, amigão.

O sangue começou a borbulhar e escorrer pelos ouvidos e pelo nariz do homem, vindo do cérebro. Carmen olhou além dele. Eles estavam expostos, com dezenas de carros atrás deles com os faróis ligados. Se alguém os visse, também veria o que estava acontecendo.

Ela rapidamente deu um passo à frente, agarrou o colarinho de Jake e puxou-o para dentro para que pudesse fechar a porta da garagem, que fez um barulho ao bater no chão. Ela olhou para Chloe e viu o horror no rosto da garota.

— Fico imaginando qual seria seu discurso, Fred — disse Spocatti. — Tenho certeza de que você tinha um prontinho para dizer a mim e a Carmen. Deve ser uma merda não poder dizer nada. Na verdade, deve ser uma merda não poder dizer nada *nunca mais*.

Jake, ou Fred, cujo sobrenome eles desconheciam, fez um esforço, em seus últimos suspiros, para olhar para Spocatti. Era um

olhar sem foco. Não havia mais ódio nos olhos dele. Em vez disso, somente a luta para permanecer vivo, que ele estava perdendo.

Spocatti avançou em direção à porta da garagem e olhou para Carmen, que estava retraindo a lâmina do sapato. — Não vim de Capri até aqui para aguentar as merdas desse cara — disse ele. — Vamos embora.

Ele abriu a porta e, antes de fechá-la, virou-se para olhar para o homem que viera matá-los. — Vou avisar para que escrevam *Jake* em seu túmulo, Fred. — Então, para Carmen, ele disse: — Eu sei que fui rude. Peço desculpas, mas tinha que parecer real, caso ele se aproximasse e ficasse frente a frente com você. Eu sabia que você pretendia usar o sapato. Você fez bem por Alex. E por Babe, que receio que esteja morta, dado o sangue no rosto de Jake. Acho que os dois ficariam orgulhosos de você.

Carmen colocou a mão no bolso da calça e pegou o celular. Estava viva e não havia motivo para esperar. Para seu contato na polícia de Nova Iorque, ela enviou tudo o que sabia sobre o consórcio, que era o suficiente para acabar com ele para sempre. Adicionou uma observação dizendo que, se quisesse receber a promoção que ambos sabiam que ele queria e merecia, devia vir até o depósito agora.

- Nós pegaremos o nosso próprio táxi — disse ela para Spocatti.
- Amigos novamente?
- Estamos em um limbo no momento.
- Precisamos conversar.
- Talvez em um ano. Não tenho tempo para você agora.

Sem outra palavra, Carmen colocou o braço em torno da cintura de Chloe, puxou-a para mais perto e foi embora, deixando Spocatti para fechar a porta da garagem atrás delas e para sumir na noite, como fizera tantas outras vezes antes.

###

**Livros de Christopher Smith
no Kindle**

[Quinta Avenida \(Livro Um da Série Quinta Avenida\)](#)

[Corrida de Touros \(Livro Dois da Série Quinta Avenida\)](#)

[De Manhattan, com Amor \(Novela Três da Série Quinta Avenida\)](#)

[A Rush to Violence \(Livro Quatro da Série Quinta Avenida\)](#)

[Vingança Em Manhattan \(Livro Cinco da Série Quinta Avenida\)](#)

[Park Avenue \(Livro Seis da Série Quinta Avenida\)](#)

[You Only Die Twice](#)

[Coleção da Série Quinta Avenida](#)